



XXI CONGRESSO DE ROMANISTAS ESCANDINAVOS

XXI CONGRESO DE ROMANISTAS ESCANDINAVOS

XXI CONGRÈS DES ROMANISTES SCANDINAVES

XXI CONGRESSO DEI ROMANISTI SCANDINAVI

Libro de resúmenes

Livro de resumos

Livre de résumés

Libro di reassunti

ROM22

Aarhus Universitet

16.08.2022 – 19.08-2022



INSTITUT FOR
KOMMUNIKATION OG KULTUR
AARHUS UNIVERSITET

CONTENIDO – CONTENUTO – CONTENU – CONTEÚDO

SESIONES PLENARIAS – SESSIONS PLÉNIÈRES SESSÕES PLENÁRIAS – SESSIONI PLENARI.....	2
PRESENTACIÒ EN CATALÀ	7
LITERATURA.....	7
PRESENTACIONES EN ESPAÑOL.....	8
AMÉRICA LATINA Y SESIONES DE LA ESPERANZA	8
DIDÁCTICA.....	15
LINGÜÍSTICA	29
LITERATURA.....	45
PRENSA	52
PRÉSENTATIONS EN FRANÇAIS.....	54
DIDACTIQUE	54
DISCOURS.....	61
DISCOURS POLITIQUE.....	65
LEXICOGRAPHIE	74
LINGUISTIQUE.....	76
LITTÉRATURE.....	91
PHONÉTIQUE	103
POLITIQUE / SITUATION DES LANGUES ROMANES.....	105
SOCIÉTÉ.....	109
TRADUCTION.....	113
PRESENTAZIONI IN ITALIANO.....	118
CINEMA	118
DISCORSO E SOCIETÀ.....	119
TRADUZIONE.....	120
LETTERATURA	123
LINGUISTICA	130
APRESENTAÇÕES EM PORTUGUÊS.....	132
DISCURSO E SOCIEDADE	132
LITTERATURA	134
LISTA DE PARTICIPANTES - LISTE DES PARTICIPANTS – LISTA DEI PARTICIPANTI.....	135

Terça-feira – 16.08.22 – 10.30-11.30

Orador plenário Thomas Johnen

Westsächsische Hochschule Zwickau, Alemanha

Interculturalidade no ensino-aprendizagem de Português Língua Não Materna no contexto universitário

Concordando com Reimann (2017: 7) que a competência comunicativa intercultural juntamente com o desenvolvimento de biografias plurilíngues é a contribuição mais importante do ensino de línguas, esta palestra objetiva levar a diante a reflexão sobre a interculturalidade no ensino-aprendizagem de Português Língua Não Materna (PLNM) no contexto universitário enfocando diferentes facetas e apresentando exemplos da prática do ensino que, podem inspirar também o ensino de outras línguas românicas.

Na pesquisa sobre o ensino-aprendizagem em PLNM dos últimos trinta anos, nos quais PLNM se desenvolveu como uma área própria nas instituições de ensino superior tanto no Brasil como em Portugal, a questão da cultura e interculturalidade esteve sempre presente, seja na situação de imersão em um país lusófono, seja no ensino-aprendizagem no país de origem ou em situações de aprendizagem autônoma como o Teletandem (p. ex. Benedetti / Rodrigues 2010). Nos últimos anos, no entanto, é possível observar uma atenção maior, sendo publicadas coletâneas dedicadas exclusivamente ao tema (p.ex. Mendes 2011; Meyer/ Albuquerque 2013; Barbosa 2014; Schröder/ Mendes 2019), teses de doutorado (p.ex. Teixeira 2013; Souza 2016) e também unidades específicas dedicadas a interculturalidade em manuais de PLNM (cf. p.ex. Santos / Silva 2013). Contudo, muitos materiais de preparação intercultural para contextos profissionais, que são fontes de informação também para alunos de PLNM, carecem de uma base empírica acabando por reforçar uma visão estereotipada (cf. Johnen 2018).

Assim sendo, a perspectiva da nossa reflexão será a partir do ensino em contexto universitário fora do espaço lusófono e indagará o seguinte:

O que significa competência comunicativa intercultural no caso de uma língua pluricêntrica como o português com dois centros, vistos muitas vezes como antagônicas (Brasil e Portugal) e outros emergentes? Qual é o papel da competência sociopragmática intercultural muito negligenciada nos estudos de PLNM? Como desenvolvê-la durante os estudos (antes, durante e depois de estadias dos alunos em países lusófonos)?

Finalmente, impõe-se a questão se seria suficiente para uma competência intercultural abrangente saber comunicar de maneira adequada à situação e aos interlocutores? Argumentaremos que também importam a condição social e o lugar de fala (Ribeiro 2017) dos potenciais interlocutores, especialmente no caso dos países de língua oficial portuguesa em contextos pós-coloniais marcados por grandes diferenças entre as classes sociais como é o caso da sociedade brasileira.

Referências

Barbosa, Lúcia Maria de Assunção (ed.) (2014): *(Inter)faces (inter)culturais no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Pontes.

Benedetti, Ana Mariza/ Rodrigues, Denize Gizele (2010): “Choques linguístico-culturais e o desenvolvimento da competência intercultural em teletandem”, in: Benedetti, Ana Mariza/ Consolo, Douglas Altamiro/ Vieira-Abrahão, Maria Helena (eds.): *Pesquisa em ensino e aprendizagem no Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos*. Campinas: Pontes, 89-104.

Johnen, Thomas (2018): “Análise crítica de materiais de informação intercultural sobre a cultura brasileira produzidos na Alemanha”, in: Ribeiro, Alexandre do Amaral (ed.): *Português do Brasil para Estrangeiros: políticas, formação, descrição*. Campinas: Pontes, 53-77.

Mendes, Edleise (ed.) (2011): *Diálogos interculturais: ensino e formação em português língua estrangeira*. Campinas: Pontes.

Meyer, Rosa Marina de Brito/ Albuquerque, Adriana (eds.) (2013): *Português para estrangeiros: questões interculturais*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio.

Reimann, Daniel (2017): *Interkulturelle Kompetenz*. Tübingen: Narr Francke Attempto.

Ribeiro, Djamila (2017): *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento.

Schröder, Ulrike/ Mendes, Mariana Carneiro (eds.) (2019): *Comunicação (inter)cultural em interação*. Belo Horizonte: UFMG.

Santos, Denise / Silva, Gláucia V. (2013): *Bons Negócios: Português do Brasil para o mundo do trabalho*. Barueri: Disal.

Souza, Micheli Gomes de (2016): *Teletandem e mal-entendidos na comunicação intercultural online em língua estrangeira*. Tese de Doutorado (Estudos Linguísticos). São José do Rio Preto: UNESP - Universidade Estadual Paulista.

Teixeira, Ana Paula Gonçalves Amorim (2013): *O desenvolvimento da competência comunicativa intercultural na aula de PLE: representações e práticas (inter)culturais; um estudo de caso*. Tese de Doutorado (Didática de Línguas Estrangeiras). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Mercredi – 17.08.2022 – 14.00-15.00

Premier conférencier Maj-Britt Mosegaard Hansen

Université de Manchester, Royaume-Uni

Les (micro-)cycles de pragmaticalisation et autres types d'évolution non linéaire de marqueurs pragmatiques et discursifs

Cet exposé portera sur l'évolution diachronique des marqueurs pragmatiques et discursifs, en focalisant le propos sur les formes d'évolution non linéaires.

Depuis une bonne trentaine d'années, et largement sous l'impulsion des travaux d'Elizabeth Traugott, l'étude de l'évolution des marqueurs pragmatiques a fait couler beaucoup d'encre. La forme d'évolution la plus souvent attestée implique des marqueurs puisant leurs origines dans des expressions linguistiques qui sont au départ vériconditionnelles et qui appartiennent à la grammaire rectionnelle (la « micro-syntaxe »). Ces expressions évoluent plus ou moins graduellement vers des usages non vériconditionnels, de plus en plus (inter)subjectifs, qui se situent au niveau d'une grammaire non rectionnelle, de nature discursive et interactionnelle (la « macro-syntaxe »). Il s'agit là d'un type d'évolution conçu comme régulier et largement unidirectionnel, donc fondamentalement linéaire.

Depuis le début, on trouve toutefois dans la littérature des exemples sporadiques de marqueurs dont l'évolution semble avoir emprunté des chemins plus complexes, au niveau sémantico-pragmatique et/ou syntaxique.

Dans cette présentation, je proposerai une typologie des formes non linéaires de pragmaticalisation, en me concentrant avant tout sur ce qu'on pourrait appeler des micro-cycles sémantico-pragmatiques. Dans un tel cycle, une expression linguistique donnée *E* (pouvant prendre la forme d'un seul mot ou d'une locution) qui a au départ un emploi au niveau propositionnel, évolue vers un ou plusieurs nouveaux emplois de nature non propositionnelle, accédant ainsi au statut de marqueur pragmatique. A partir d'un certain moment, une nouvelle expression (éventuellement une forme légèrement différente de l'expression originelle) *E'* peut commencer à remplir la fonction originelle, propositionnelle, de *E*. Selon que *E* aura déjà perdu son emploi originel ou non, elle se trouvera ainsi ou bien concurrencée ou bien simplement remplacée par *E'* dans cet emploi. A son tour, *E'* développera progressivement des fonctions pragmatiques qui ressemblent à celles développées antérieurement par *E*. Ce mouvement cyclique peut être renouvelé plusieurs fois dans l'histoire d'une seule et même langue (ou bien à travers une langue mère et une langue fille de la même famille), impliquant une troisième expression *E''*, et ainsi de suite.

Par rapport aux grandes tendances d'évolution sémantico-pragmatique déjà bien connues, je montrerai ce que l'étude de ces types de trajet peut ajouter à nos connaissances sur le changement linguistique.

Mes exemples seront tirés de plusieurs langues romanes.

Giovedì – 18.08.2022 – 14.00-15.00

Oratora plenaria Graziella Parati
Dartmouth College, US

“Nation building” e immaginazione autobiografica

Il 1948 è l'anno in cui in Italia fu pubblicato il maggior numero di autobiografie di tutto il ventesimo secolo. Il 1948 è anche l'anno in cui fu approvata la nuova Costituzione repubblicana fondata sul mito della Resistenza al Nazifascismo e furono gettate le fondamenta di una nuova Italia democratica. Per gli ex fascisti sconfitti si pose il problema di trovare una forma di legittimità politica in questa nuova repubblica. Il genere autobiografico fu il mezzo più usato per dimostrare la loro conversione agostiniana alla democrazia, introducendo così un potente strumento politico che è ancor oggi utilizzato strategicamente per promuovere carriere politiche. L'autobiografia in Italia ha contribuito così a creare una narrazione che avrebbe sostenuto la nuova struttura politica repubblicana e un'idea di nazione inclusiva fondata sulla democrazia. Ispirandomi al lavoro di Arjun Appaduraj sull'immaginazione come forza sociale, il mio intervento vuole analizzare il potere dell'autobiografia come forma di finzione e il suo ruolo nel processo di costruzione della nazione.

Viernes – 19.08.2022 – 11.00-12.00

Orador plenario Óscar García Agustín

Universidad de Aalborg, Dinamarca

“¿Cómo puedes hablar de convivencia y democracia, sin vergüenza?” Discurso de ultraderecha y polarización

Cuando el presidente español Pedro Sánchez se refirió a la ultraderecha como una amenaza, Santiago Abascal, líder de Vox, le respondió: “¿Pero cómo puedes hablar de convivencia y democracia, sin vergüenza?” José Antonio Kast, quien fuera candidato a la presidencia en Chile, acusó a Gabriel Boric de consumir drogas al mismo tiempo que se definió como “el candidato del sentido común” para negar que fuera de ultraderecha. La ultraderecha emergió en Argentina de la mano de Javier Milei que declaró: “Soy peligroso para la casta política porque conmigo se acabó la joda”. La expansión de la ultraderecha iberoamericana cuenta, además, con formas de formalización como el Foro Madrid contra el avance del comunismo en la Iberoesfera o expresiones simplificadas como LGBT (Liberty, Guns, Bolsonaro, Trump) que destacan su conexión global.

En este contexto resulta relevante preguntarse cómo el discurso de la ultraderecha ha entrado en la disputa por la hegemonía cultural y cómo ha identificado su campo de batalla discursivo en torno a las políticas identitarias, las elites liberales cosmopolitas y lo políticamente correcto. La polarización implica, por tanto, un desplazamiento discursivo de los sujetos políticos y sociales que definen la oposición antagónica entre ‘nosotros’ y ‘ellos’. Pero no sólo eso, la polarización consiste igualmente en el uso de estrategias discursivas tales como la apropiación lingüística, la resemantización, la deseufemización y la descortesía. Más que entender la polarización como un fenómeno puramente político o social, la polarización será concebido como un fenómeno discursivo consistente en la capacidad del sujeto polarizante de trazar fronteras discursivas que simplifiquen el campo político.

PRESENTACIÓ EN CATALÀ

LITERATURA

1. Nosell, Dan

Universitat d'Uppsala

dijous 18.08.2022, 11:00 – 10:30

Escriptors catalans candidats al premi Nobel de literatura 1901-1971

Els premis literaris tenen un paper important per la literatura moderna, sobretot per la recepció de les obres. Com és sabut a l'Acadèmia Sueca li ha tocat la tasca difícil d'atorgar un premi que es considera el més prestigiós del món com que és obert a tots els escriptors independentment de la llengua en què escriguin. Els premiats tenen la fama assegurada, però sovint és interessant estudiar la trajectòria dels candidats que no van tenir èxit perquè així podem descobrir aspectes a vegades menys coneguts de la vida literària d'un país.

En el seu llibre "Barcelona, Barcelona! Una declaració d'amor", l'escriptor i periodista suec Lars Westman descriu com uns suecs es troben a Barcelona el 1991, convidats per la Generalitat. Entre ells Knut Ahnlund, membre de l'Acadèmia Sueca, que farà una conferència sobre el Premi Nobel de literatura. Westman escriu: "La vertadera raó per la qual Ahnlund ha estat convidat és naturalment que Catalunya vol un premi Nobel de literatura, si pot ser abans dels Jocs Olímpics".

Ara bé, és cert que fins avui cap escriptor català ha obtingut el guardó malgrat tots els esforços. Però, què ha opinat de debó l'Acadèmia Sueca a propòsit de les candidatures d'escriptors catalans? Per tal de treure'n l'entrellat cal tenir accés als arxius de l'Acadèmia Sueca i llavors s'ha de respectar els 50 anys de rigor imposats pel reglament el que ens limita en el temps. En aquesta ponència em proposo doncs de presentar, partint de la documentació sueca, les candidatures catalanes proposades fins al 1971, en promer lloc la d'Àngel Guimerà (1907 - 1923) i la de Josep Carner (1962 - 1970), però també la dels altres escriptors que van ser proposats l'any 1970 per primera vegada.

AMÉRICA LATINA Y SESIONES DE LA ESPERANZA

1. Fernández, Susana Silvia & Mattos, Ana Paulla Braga

Universidad de Aarhus

jueves 18.08.2022, 15:30 – 17:00

“Un vendaval de esperanza para América Latina” – el concepto de *esperanza/esperança* como palabra clave cultural en América Latina

La frase que abre el título de esta presentación alude a una declaración del ex presidente ecuatoriano Rafael Correa sobre la asunción del nuevo presidente de la Argentina en diciembre de 2019 y representa el uso frecuente del término “esperanza” en el discurso político y social de América Latina.

En nuestra presentación nos proponemos realizar un análisis del uso que los medios realizan de los términos *esperanza* y *esperança*, en español y portugués respectivamente, en el contexto actual de los países latinoamericanos. A partir de la base teórica de la Etnopragmática (Goddard, 2006, 2018), también conocida como teoría de la Metalengua Semántica Natural (NSM por sus siglas en inglés), proponemos que los términos *esperanza/esperança* pueden considerarse palabras claves culturales (Wierzbicka, 1997; Goddard, 2004; Levisen y Waters, 2017) en estas sociedades, donde, a causa de los altibajos políticos y económicos que se suceden en la región, los sentimientos de *esperanza/esperança*, y su contraparte *desesperanza/desesperança*, están a menudo en boca de la gente y, correspondientemente también en medios escritos (prensa, literatura, blogs, etc.).

Para analizar estos términos, realizamos un estudio de corpus y con informantes, lo cual nos llevará a identificar los valores culturales que se esconden detrás de estas palabras. La metodología de la NSM nos permitirá confeccionar paráfrasis reductoras de estos términos complejos utilizando los términos simples y universales de la Metalengua Semántica Natural. Como parte del análisis intentamos desentrañar posibles diferencias en español y portugués, respectivamente, al igual que otras diferencias diatópicas, diastráticas y diafásicas.

Bibliografía

Goddard, C. (2004). “Cultural Scripts”: a New Medium for Ethnoprgramatic Instruction. En Achard, M & Niemeier, S. (Ed.), *Cognitive Linguistics, Second Language Acquisition, and Foreign Language Teaching* (pp. 143-163). Berlín/Nueva York: Mouton de Gruyter.

Goddard, C. (2006). Ethnoprgramatics: A new paradigm. En Goddard, C. (Ed.), *Ethnoprgramatics: Understanding discourse in cultural context* (pp. 1-29). Berlin: Mouton de Gruyter.

Goddard, C. (2018). *Ten Lectures on Natural Semantic Metalanguage: Exploring language, thought and culture using simple, translatable words*. Leiden: Brill.

Levisen, C. & Waters, S. (2017). *Cultural Keywords in Discourse*. Chapter 1 – How words do things with people. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Wierzbicka, A. (1997). *Understanding Cultures through their Key Words*. Oxford: Oxford University Press.

2. Martín, Diana González

Universidad de Aarhus

jueves 18.08.2022, 17:30 – 18:30

HAY AGUA PARA APAGAR LA SED: LA ECOLOGÍA POLÍTICA COMO PROPUESTA DE PAZ EN COLOMBIA

Cada vez más se refleja en varios ámbitos –el político y el artístico– la conciencia de que debemos encontrar alternativas a la ‘falacia desarrollista’ (Dussel 2000) para lograr un equilibrio con la naturaleza. Según la activista y académica argentina Maristella Svampa (2018) esta perspectiva se enmarcaría dentro de ‘las narrativas anticapitalistas y de transición socioecológica’ y surgirían principalmente en el Sur. Tales propuestas conectan directamente con las críticas al neoextractivismo y la visión hegemónica del desarrollo, confrontándose directamente contra lo que Svampa denomina ‘la narrativa del colapso’ y ‘la narrativa capitalista-tecnocrática’. La primera dibuja un escenario futuro de desesperanza para lo humano, que desaparecería sin excepción de las élites. La segunda gira en torno a la promesa de la geoingeniería que mantendría el modelo capitalista para el que la naturaleza es un objeto subyugable por la ciencia humana. Las propuestas anticapitalistas y de transición socioecológica encajan en el nuevo giro a la esperanza de los estudios culturales y de las ciencias sociales. En el caso de Colombia, debido a la situación de conflicto violento que vive el país, tales propuestas verdes se intersectan con el proceso de paz en ciernes y proponen la ecología política como inseparable de la paz. Dentro de este contexto, comentaré dos iniciativas artísticas, la novela *El año del sol negro* (2018) de Daniel Ferreira y el proyecto *Teatricos de papel* del dúo Tironeta teatro, radicado en San Carlos (Antioquia), con el fin de responder a la pregunta de cómo contribuyen al actual proceso de paz en Colombia las propuestas artísticas que conectan la paz con el cuidado de la naturaleza. Finalmente propongo que tanto *El año del sol negro* como los *Teatricos de papel* cuestionan, no sólo nuestro nivel de vida eurocéntrico y destructor del medio ambiente, sino también nuestra voluntad de participar en otras epistemologías fuera de la tradición occidental.

Referencias citadas

Dussel, E. (2000) “Europa, modernidad y eurocentrismo”, en *La colonialidad del saber : eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*, E. Lander (ed.). Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, pp. 41-53.

Svampa, M. (2018) “Imágenes del fin. Narrativas de la crisis socioecológica en el Antropoceno”. Nueva Sociedad 278. Accesible en https://nuso.org/articulo/svampa_crisis-ecologica-antropoceno-calentamiento-global/ (última fecha de consulta el 22 de noviembre de 2019).

3. Mellerup, Susana

Universidad de Aarhus

jueves 18.08.2022, 15:30 – 17:00

CHILE: EL AGOTAMIENTO DE LA DEMOCRACIA LIBERAL Y LA NOSTALGIA ESPERANZADORA EN UN PASADO UTÓPICO.

El día 8 de octubre del 2019, el Presidente de Chile, Sebastián Piñera exponía la crisis política de diferentes países y declaraba que en una “América Latina convulsionada”, Chile era un verdadero “oasis”: ejemplo de crecimiento económico y de estabilidad democrática. Sin embargo, unas semanas después, podíamos observar a través de la prensa mundial y las redes sociales una violenta explosión social en forma de movimiento colectivo y anárquico que terminaba abruptamente con el “oasis” utópico apuntado por el Presidente.

La metáfora esperanzadora de “Chile despertó” aparecía en todas las noticias como un eslogan mediático, Chile despertaba a 3 décadas dormidas. Chile resurgía, pero al mismo tiempo surgía una nostalgia por el pasado. Una nostalgia esperanzadora en la colectividad que 30 años antes permitió a los chilenos derrocar una dictadura.

En esta presentación me gustaría discutir la situación de Chile, en primer lugar, en relación a la ruptura y crisis del modelo establecido de democracia liberal y su explosión social; y, en segundo lugar, en relación a la nostalgia por el pasado como utopía.

En mi discusión seguiré las ideas de Manuel Castells y su análisis de diferentes escenarios políticos, con el fin de abordar algunas interrogantes. Desde esta perspectiva, Chile sería parte de un cambio político global que afecta a los sistemas políticos de todo el mundo. ¿Existe entonces una solución global que pueda utilizarse en Chile? ¿Es una utopía pensar en una solución? ¿Es posible reestablecer la democracia agotada? Por otro lado, si seguimos la perspectiva de Zygmunt Bauman en su obra *Retrotopía*, aunque se pierda la fe en las utopías del futuro, todavía no ha muerto la utopía en un pasado abandonado. Entonces, ¿Qué desafíos puede traer la nostalgia por un pasado utópico? Un pasado que quizá pueda resucitar.

Palabras claves: Chile, explosión social, democracia, utopía, pasado.

Bibliografía:

Baumann Zygmunt: *Retrotopía*. Paidós: Barcelona 2017

Castells Manuel: *Ruptura, la crisis de la democracia liberal*. Alianza Editorial: Madrid 2018

Couffignal Georges: *La nueva América Latina, Laboratorio político del occidente*. Ediciones Trilce: Chile 2015

Sanhueza Alister Christian, Constanza Cea Sánchez y Alex Guerrero Chinga: “Democracia en Latinoamérica ¿qué factores influyen en la satisfacción y apoyo a la democracia?” Fronteras – Revista de Ciencias Sociales y Humanidades. Vol II núm. 1. Agosto 2015.

Soublette Gastón: Manifiesto “Peligro y Oportunidad”. Congreso Desafíos de la Transición a una Nueva Civilización. Santiago, 5 de noviembre de 2019.

Recuperado 13-12-2019 en: <https://www.youtube.com/watch?v=FTFIPDyYdxY&t=97s>

4. Olsson, Fredrik

Universidad de Göteborg

jueves 18.08.2022, 09.00 – 10.30

La representación de la figura del ‘coyote’ en *A la caza del coyote* (1993), de Miguel Salguero

En las noticias sobre la migración indocumentada de América Latina a Estados Unidos en los medios masivos de comunicación, el contrabandista de personas, conocido coloquialmente como ‘coyote’, suele pintarse como un criminal que vilmente se aprovecha de la vulnerabilidad de los cuerpos en tránsito. En la literatura hispanoamericana, sin embargo, la imagen de esta figura es ambivalente, con raíces en la cultura popular y el mítico animal depredador: Por un lado, existe la representación del ‘coyote’ como un hombre depravado que abusa de los migrantes económico- y sexualmente, los somete a diversos peligros o los abandona en el camino. Por otro, se representa como un actor social que con su astucia facilita el cruce de fronteras para la gente que huye de la pobreza en busca del sueño americano, pero no tiene suficientes recursos para solicitar un visado. En este campo de tensión se sitúa la novela *A la caza del coyote* (1993), del escritor costarricense Miguel Salguero, seudónimo de Miguel Zúñiga Díaz (1933 – 2018). Este trabajo se centra en la representación del personaje del ‘coyote’ en esta novela. A diferencia de otros textos literarios sobre la migración clandestina a Estados Unidos, la novela de Salguero no toma ni la perspectiva del migrante ni la de Estados Unidos, sino que sitúa al traficante costarricense como protagonista y narra su vida en primera persona. La presentación explora la configuración narrativa del protagonista y su evolución a lo largo de la narración en relación con las otras voces en el texto, así como la función de los recuerdos en el relato. El trabajo destaca el papel sociopolítico y cultural de la figura del ‘coyote’ entre dos naciones —la de origen y la de destino— y sus discursos oficiales.

5. Pérez, Miguel Digón

Universidad Complutense de Madrid

jueves 18.08.2022, 15:30 – 17:00

Entre la modernidad y la justicia social: la configuración de una nueva ciudadanía posrevolucionaria en la primera periferia noreste de México D.F. (1920-1960)

El objetivo principal de esta ponencia es mostrar cómo los habitantes de la primera periferia del noreste de México D.F. durante la Posrevolución fueron ciudadanos modernos y no estaban por tanto en ninguna subcultura de la pobreza como sostenía el antropólogo Oscar Lewis. A lo largo de estas

cuatro décadas las nuevas generaciones practicaron otras sociabilidades y descubrieron consumos culturales propios de una sociedad de masas. Con ello surgieron también nuevas estéticas, diferentes formas de lucir ante la sociedad y sobre todo una incipiente expectativa de movilidad social colectiva. Por otra parte, los diferentes proyectos de instrucción pública fueron enjertando valores laicos, patrióticos cívicos en los sectores populares. Además, las políticas institucionales de bienestar social apostaron por la cohesión social a través de diferentes proyectos de formación cívica. Por tanto, se busca presentar desde la historia urbana y con una mirada más antropológica, a partir de testimonios orales, cómo la nueva ciudadanía de esta nueva sociedad de masas urbana posrevolucionaria se formó a través de nuevos patrones culturales de la vida moderna, cotidianos e institucionales en un momento histórico de sensación positiva y compartida de progreso.

Bibliografía:

DIRECCIÓN GENERAL DE ACCIÓN SOCIAL: *El evangelio de la Patria, tomo V*. México, Departamento del Distrito Federal y Dirección General de Acción Social, 1958.

ENCINAS, Luis: *Progreso y problemas de México*. México, Stylo, 1954. GARCÍA CANCLINI, Néstor: *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*, Buenos Aires, Paidós, 2001.

INSTITUTO MEXICANO DEL SEGURO SOCIAL: *Casa y Club de la Asegurada*. México, Instituto Mexicano del Seguro Social, 1958. LEWIS, Oscar. *Antropología de la pobreza: cinco familias*, México, Fondo de Cultura Económica, 1961.

VALENTINE, Charles A.: *La cultura de la pobreza. Crítica y contrapuestas*, Buenos Aires, Amorrortu, 1972.

WOLTON, Dominique: *L'autre mondialisation*, París, Flammarion, 2003.

6. Seljemoen, Kristine

Universidad de Bergen

jueves 18.08.2022, 09.00 – 10.30

Religión, profesionalismo médico y literatura en Costa Rica de los finales del siglo XIX.

Este trabajo explora el proyecto clerical y antimasonónico de la Iglesia Católica que fue provocado por la reacción de la Iglesia Católica ante las reformas liberales y la profesionalización de la medicina en Costa Rica a finales del siglo XIX, así como la complejidad del profesionalismo, para mostrar algunas de las tensiones entre la modernidad que definieron la relación entre el liberalismo y el conservadurismo de la época. El foco recaerá en el cuadro de costumbres “Dolor de Muelas” (1893), escrito por Teodoro Quirós y que fue publicado un año después de que “La Unión Católica”, el primer partido ideológico fundado en Costa Rica participara en las elecciones legislativas. El cuadro es un testimonio estético que narra las prácticas de un “sacamuelas”, que además de ser un dentista poco profesional es un miembro de la “Unión Católica”. Con él, Quirós advierte que el miedo irracional a la masonería por parte de la Iglesia Católica constituye un impedimento para que Costa Rica siga en un camino hacia la modernización y el progreso que, según él, va a llevar a una elevación necesaria del profesionalismo médico en el país. Uno de los argumentos de este análisis es, en diálogo con

historiadores y críticos de la medicina costarricense (Palmer 2003, Marín Hernández 1995, Irigibel-Uriz 2011), que la representación del dentista forma parte de un discurso común en los cuentos costarricenses sobre la complejidad del profesionalismo, especialmente entre los practicantes de la medicina.

7. Shinkarenko, Alexander A.

Instituto de Latinoamérica, Moscú, Rusia,
jueves 18.08.2022, 17:30 – 18:30

Buen vivir y discurso ambiental en América Latina

El inicio del siglo XXI fue un hito para la agenda ambiental de América Latina. «El medio ambiente global», que aún no se había mencionado en trabajos e informes científicos hace algunas décadas, ahora se ha convertido en un nuevo objeto del discurso. Las discusiones sobre el cambio climático global en el marco de las realidades latinoamericanas están revisando la relación de los seres humanos con Pachamama (o Madre-Tierra), creando así una nueva «geopolítica ambiental» con sus propios criterios de evaluación. La discusión en el marco del discurso ambiental en América Latina fue un motivo de reflexión sobre el modelo económico de desarrollo actual. Muchos estados de la región habían heredado un paradigma que se basa en rentas naturales multiplicadas por las altas cotizaciones en las bolsas mundiales de productos básicos, lo que también ha contribuido al surgimiento de la misma ideología para atender estos procesos. Durante la primera década del siglo XXI, este esquema adquirió su nueva variación que ahora se llama «el neoextractivismo».

La alternativa a la práctica establecida del neoextractivismo debería haber sido, según varios investigadores, el concepto de Buen Vivir. Estos debates incluyeron no solo a los indígenas de la región, sino también a los académicos del continente, quienes, entre otras cosas, se dedicaron a elaborar indicadores de Buen Vivir enfocados en el bienestar de los ciudadanos y la justicia social. También sugirió una desviación de un modelo de desarrollo antropocéntrico que existe hacia una relación equilibrada entre los seres humanos y la naturaleza, la búsqueda de justicia social e igualdad, es decir, un futuro posible sin extractivismo agresivo, que es una parte básica de Buen Vivir.

La oposición a la tendencia neoextractivista ha sido fundamental para la agenda política de los nuevos movimientos sociales, cuyas campañas de protesta en el Ecuador, Bolivia y otros países de la región han permitido hablar de un "giro eco-territorial", es decir, un nuevo ciclo de actividad que ahora se centra en categorías como la tierra, el medio ambiente, los modelos de desarrollo, etc. Eso también ha permitido a las comunidades locales influir en los debates sobre el cambio climático y los modelos de desarrollo alternativos. Por lo tanto, el ejemplo de América Latina nos muestra las posibilidades del discurso ambiental que promueve la autoorganización horizontal de las comunidades que toman el control de la situación, donde el estado no la maneja.

Referencias

Constitución del Ecuador 2008. available at:

https://www.asambleanacional.gob.ec/sites/default/files/documents/old/constitucion_de_bolsillo.pdf (accessed 24.09.2017).

Emperaire, L. (1994), «L'extractivisme et le developpement durable de l'Amazonie», *Aménagement et nature*, Nº115.

Gudynas, E. and Acosta, A. (2011), «El buen vivir más allá de desarrollo». *Qué Hacer*, DESCO, Lima, Febrero/Marzo.

Gudynas E. (2013), «Ecuador. Los derechos de la naturaleza después de la caída de la moratoria petrolera en la Amazonia», *América Latina en movimiento*, available at: <http://alainet.org/active/66547> (accessed 15.12.2019).

López Flores, P. (2014), «Neoextractivismo y Vivir Bien, el caso del TIPNIS». *Alternativa*, Nº1, available at: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/alter-nativa/article/view/3630/pdf> (accessed 11.12.2019).

Fuentes, F. (2014), «South America: How “Anti-extractivism” Misses the Forest for the Trees». available at: <http://links.org.au/node/3859> (accessed 14.12.201).

Finer, M. Vijay, V. Ponce, F. Jenkins, C. and Kahn, T. (2009), «Ecuador's Yasuní Biosphere Reserve: a brief modern history and conservation challenges», *Environmental Research Letters*, Nº4, available at: <http://iopscience.iop.org/article/10.1088/1748-9326/4/3/034005/pdf> (accessed 12.12.2019).

Shinkarenko, A. (2016), «Teoría del «Cuatro Mundo» en la geopolítica moderna: aspectos latinoamericanos», *Iberoamerica*. Nº4.

Slipak A. (2013) «Un análisis del ascenso de China y sus vínculos con América Latina a la luz de la Teoría de la Dependencia», *Realidad Económica*. Buenos Aires. Nº282.

8. Vik, Alissa

NTNU: Norges teknisk-naturvidenskabelige universitet
jueves 18.08.2022, 09.00 – 10.30

“Yo soy chileno, pero también soy latino”:

La construcción de una identidad latinoamericana en una escena musical en Bergen, Noruega

“Cuando tú sales de tu país, y tú sales de Latinoamérica, de pronto eres chileno, pero también eres latino. [...] Pertenece a esa otra familia más grande automáticamente.” Así fue como el músico chileno Roberto Arriagada caracterizó la comunidad latinoamericana en Bergen. Me explicó que hacer música latinoamericana le ayuda a sentirse como en casa en Noruega sin perder contacto con su país de origen. De la misma manera, los estudios de Jan Sverre Knudsen (2001) han demostrado que los chilenos en Oslo usan la cueca, un baile tradicional nacional, para mantenerse conectados con la cultura chilena. En Bergen, exiliados chilenos formaron las primeras bandas latinoamericanas en los 1970; sin embargo, la última década ha sido testigo al desarrollo de una escena musical latinoamericana con un carácter más transnacional. La construcción de una identidad latinoamericana y de una escena que incluye a todos es especialmente importante en Noruega, donde los

latinoamericanos constituyen solo 3 % de todos los inmigrantes y un 0.5 % de la población del país (Statistics Norway 2019). A pesar de ser pequeña, esta comunidad es visible en Bergen gracias a la organización de conciertos y otros eventos culturales como las celebraciones anuales de la *yunza* y el Día de los Muertos. En esta ponencia, exploraré el papel de la música en la negociación de una identidad latinoamericana en Bergen. Argumentaré que tocar música popular latinoamericana junto con músicos de diferentes países hispanohablantes y organizar eventos culturales promocionados y vividos como “latinoamericanos” ha ayudado a crear una escena musical latinoamericana visible donde los músicos pueden mantener una conexión con sus países de origen y sentirse aceptados en su sociedad de acogida. Mi análisis se basa en 22 entrevistas inéditas de 2018 y observación-participante como miembro del público (2009-2018) y músico (2015-2018).

DIDÁCTICA

1. Cadona, Margrete Dyvik

NHH: Norwegian School of Economics

jueves 18.08.2022, 09:00 – 10:30

ELE para los estudiantes de economía: por qué las clases de L2 son vitales para alcanzar las metas globales de sostenibilidad.

El español como L2 en NHH.

Los estudiantes de economía tienen un rol único en la transición global hacia una existencia más sostenible. La responsabilidad de administrar el capital público y privado, así como la elección de inversiones y decisiones operativas implican que los economistas serán instrumentales para el logro de los objetivos de sostenibilidad (UHR-ØA, 2020: 4). Según Raworth (2017), la economía es la lengua de la política pública (5), y, así es que la economía tiene que ser lingüística- y culturalmente diversificada. Romaine (2019) explica: “[...] economics must be multilingual and public policy in our linguistically diverse world must rest on explicit recognition of language as both a right and means of inclusive sustainable development” (42).

Nuestro curso de español (SPA20) en NHH emplea *Content and Language Integrated Learning* (CLIL) (Urmeneta, 2019) para alcanzar los objetivos de aprendizaje estipulados tanto para la L2 como para la sostenibilidad. A través de destrezas alcanzadas en el español oral y escrito, así como el conocimiento sobre la comunicación intercultural, conocimientos sobre inversiones problemáticas de Noruega en países hispanohablantes, y prácticas de negociación intercultural, se fundan las competencias en sostenibilidad global. Estas competencias incluyen: el pensamiento crítico e independiente, la resolución de problemas, la comunicación y trabajo en equipo, el pensamiento estratégico orientado hacia el futuro, la ética, el conocimiento cultural, y el conocimiento sobre desafíos de sostenibilidad locales y específicos de diferentes países (Brundiers et al., 2021; Frisk & Larson, 2011).

A través del curso concientizamos a los estudiantes del papel que juega la lengua para el logro de las metas globales de sostenibilidad. Kulkarni (2015) explica que el lenguaje incomprensible lleva a la exclusión, y que la exclusión, por breve que sea, tiene influencia a largo plazo para el individuo y para el equipo (128). Otros investigadores han encontrado que, incluso las personas que hablan una lengua extranjera se muestran más positivas hacia ideas y soluciones presentadas en su lengua materna (Ranjan et al., 2020; Vaerenbergh & Holmqvist, 2014).

En el curso SPA20, las actividades en clase, así como el diseño de las tareas, las evaluaciones y los resultados muestran que los estudiantes han adquirido una elevada conciencia sobre los desafíos de sostenibilidad en el mundo hispanico, la comunicación intercultural, y el español oral y escrito para diferentes contextos.

Bibliografía

- Brundiers, K., Barth, M., Gebrián, G., Cohen, M., Diaz, L., Doucette-Remington, S., Drupas, W., Habron, G., Harré, N., Jarchow, M., Losch, K., Mochizuki, Y., Rieckmann, M., Parnell, R., Walker, P. & Zint, M. (2021). Key competencies in sustainability in higher education—toward an agreed-upon reference framework. *Sustainability Science*, 16(1), 13-29.
- Frisk, E. & Larson, K. L. (2011). Educating for sustainability: Competencies & practices for transformative action. *Journal of Sustainability Education* 2(1), 1-20.
- Kulkarni, M. (2015). Language-based diversity and faultlines in organizations. *Journal of Organizational Behavior*, 36, 128-146.
- Ranjan, P., Kumari, A. & Arora, C. (2020). The value of communicating with patients in their first language. *Expert Review of Pharmacoeconomics & Outcomes Research*, 20(6), 559-561.
- Raworth, K. (2017). *Doughnut economics: Seven ways to think like a 21st-century economist*. London: Penguin Random House.
- Romaine, S. (2019). Linguistic Diversity, Sustainability and Multilingualism: Global Language Justice Inside the Doughnut Hole. I I. Idiazabal & M. P. r.-. Caurel (Red.), *Linguistic Diversity, Minority Languages and Sustainable Development* (s. 40- 61). La Universidad del País Vasco.
- UHR-ØA. (2020). *Bærekraft. Rapport til UHR-ØA fra arbeidsgruppe bærekraft. Versjon 050221*. Universitets- og høskolerådet.
- Urmeneta, C. E. (2019). An introduction to Content and Language Integrated Learning (CLIL) for teachers and teacher educators. *CLIL. Journal of Innovation and Research in Plurilingual and Pluricultural Education*, 2(1), 7-19.
- Vaerenbergh, Y. V. & Holmqvist, J. (2014). Examining the relationship between language divergence and word-of-mouth intentions. *Journal of Business Research*, 67(8), 1601- 1608.

2. Drange, Eli-Marie Danbolt & Mellerup, Susana

Universidad de Agder, Noruega & Universidad de Aarhus, Dinamarca

martes 17.08.2022, 13:00 – 14:30

Interacción, colaboración y producción en español como lengua franca: un proyecto de telecolaboración entre estudiantes daneses y noruegos

En esta comunicación queremos presentar un proyecto de Telecolaboración entre estudiantes de segundo año del estudio de español de la Universidad de Aarhus, Dinamarca y estudiantes de primer año de la Universidad de Agder en Noruega. El objetivo principal de la colaboración fue la realización de una tarea en conjunto como producto de la interacción entre ambos grupos. Para llevar esto a cabo, los grupos debieron utilizar el español como lengua franca para comunicarse, conocerse, poder reflexionar y discutir sobre un tema específico y, finalmente tomar las iniciativas y decisiones necesarias para realizar un producto final en común.

El diseño del proyecto se realizó a partir de la enseñanza comunicativa mediante la metodología del enfoque por tareas. El propósito fue crear una necesidad real de comunicación utilizando el español como lengua franca, con el objetivo de colaborar en la realización de una tarea final que fuera significativa y motivadora para los estudiantes. La tarea final consistió en la elaboración de un producto de libre elección: un ensayo, un artículo periodístico, un documental con entrevistas, historias presentadas en Instagram, etcétera. Todos los productos fueron realizados en torno al tema de la migración de hispanohablantes hacia Dinamarca y Noruega, un tema socialmente relevante para los estudiantes de ambos países. Como parte del proceso de preparación de la tarea final, los estudiantes debieron, además, realizar una serie de diferentes pre-tareas con el objetivo de facilitar la elaboración del producto final.

En nuestra presentación nos enfocaremos en la organización de las pre-tareas y la tarea final; en la adquisición de competencias comunicativas y transversales; en la metodología utilizada y, finalmente, en los resultados del proyecto.

Palabras claves: Telecolaboración, interacción, lengua franca, enfoque por tareas, competencias comunicativas.

3. Fernández, Susana

Universidad de Aarhus

martes 17.08.2022, 13:00 – 14:30

Feedback, motivación y autonomía: Feedback entre pares escrito y oral en un contexto universitario

Esta presentación tiene como objetivo discutir la importancia de experimentar con distintas estrategias de feedback para favorecer la motivación, la autonomía y la cooperación entre los

aprendices de español como lengua extranjera en un contexto universitario. Me centraré en el feedback entre pares con foco en la producción escrita y presentaré los resultados de dos experimentos. En uno de ellos se trabajó con feedback entre pares administrado de manera escrita a través de un formulario de feedback digital. En el otro, en cambio, los estudiantes dieron su feedback de manera oral en sesiones en línea.

En la presentación me detendré en las características generales, incluidas ventajas y desventajas, del feedback entre pares y haré un repaso detallado del desempeño de los estudiantes en cada uno de los experimentos y de la evaluación que ellos mismos hicieron de la experiencia (entendida esta en su doble condición de dar y recibir feedback). Los resultados parecen confirmar que el feedback entre pares puede tener una justificación en la clase de lengua extranjera a nivel universitario y puede favorecer el desarrollo de la competencia de escritura.

4. Fredholm, Kent

Universidad de Upsala y Universidad de Karlstad, Suecia

viernes 19.08.2022, 09:00 – 10:30

El Traductor de Google en el aula de ELE – estrategias de uso y efectos sobre la diversidad léxica

Aunque el empleo –a veces muy extenso– del Traductor de Google por estudiantes de lenguas extranjeras es un hecho bien conocido, sabemos todavía poco de *cómo* los estudiantes utilizan esta herramienta de traducción en línea, y hasta ahora los estudios sobre efectos del uso de la traducción automática son relativamente escasos. En esta ponencia se presentará un estudio longitudinal sobre el uso del Traductor de Google en un grupo sueco de estudiantes de español como lengua extranjera (edad 17-18 años, niveles A2-B1 del Marco Común Europeo de Referencia para las lenguas). La escritura de redacciones por los 16 estudiantes del grupo fue observada durante un año escolar. Por medio de análisis de 43 horas de grabaciones de las pantallas de los ordenadores de los estudiantes, han sido observadas unas 7000 acciones de búsqueda en el Traductor de Google, las cuales resultaron en aproximadamente 4000 traducciones de palabras sueltas y de frases. Las acciones de búsqueda pueden ser divididas en cinco categorías mayores de estrategias de búsqueda, frecuentemente combinadas de manera compleja. Estas estrategias de búsqueda serán presentadas y discutidas desde una perspectiva didáctica. Efectos del uso del Traductor de Google sobre la diversidad léxica en los textos escritos por los alumnos, medidos con el índice de Guiraud y comparados a la diversidad léxica en los textos de otro grupo que utilizó diccionarios impresos, serán también presentados. Los ejemplos que se presentarán son en español, sueco e inglés, pero son relevantes también para la enseñanza de otros idiomas romances. Preguntas se podrán hacer en español, francés e italiano.

5. García, Ana María Macías

Aalborg Universitet

jueves 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Aprendizaje colaborativo de ELE mediante guías de aprendizaje basado en problemas

Esta presentación tiene como objetivo compartir y problematizar algunos de los desafíos y resultados surgidos de una experiencia de aprendizaje internacional colaborativo en línea (COIL), así como mostrar en qué medida los estudiantes involucrados en este COIL son capaces de comprender y apreciar los resultados derivados de esta experiencia de aprendizaje.

La autorreflexión es central en este tipo de colaboraciones y se manifiesta tanto en los facilitadores como en los estudiantes. Para los estudiantes, es una experiencia que les permite recapacitar sobre su propia eficacia, disposición para comunicarse, capacidad para navegar y gestionar su incertidumbre y, sobre todo, conciencia del dominio lingüístico del español como lengua extranjera y habilidades de trabajo en grupo.

Para poder evaluar los resultados de esta colaboración, se llevaron a cabo encuestas y entrevistas con los los participantes. Entre otros parámetros, se prestó especial interés a la sensibilidad cultural y comunicación en lengua extranjera, adaptabilidad a nuevas situaciones, dinámica intergrupala, valoración de la eficacia académica así como elementos catalizadores y barreras experimentadas durante el COIL.

El marco teórico que subyace en esta experiencia de aprendizaje/facilitación parte aportaciones diversas, tales como la teoría sociocultural, el constructivismo, los enfoques centrados en el estudiante así como el enfoque situacional de la enseñanza y el aprendizaje de LE; todas estas perspectivas están presentes a su vez en el aprendizaje basado en problemas (ABP). Este marco nos permite enfocar en la importancia del proceso de aprendizaje como un medio -no solo como mera transmisión- para dar sentido al curso de acción a través de una serie de negociaciones internas y sociales.

Bibliografía:

Barkley, E. F., Cross, K. P., & Major, C. H. (2014). Collaborative learning techniques: A handbook for college faculty. San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Chan, L. (2010) Conflict from teamwork in project-based collaborative learning. *Performance improvement*, february 2010 (pp 23-28). Retrieved from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pfi.20123>

Gregersen-Hermans, J. (2016) From rationale to reality in intercultural competence development. In E. Jones, R. Coelen, J. Belem, & H. de Wit (Eds.), *Global and local internationalization* (pp.91-96). Sense Publishers.

Harmer, J. (2015). *The Practice of English Language Teaching*. England: Pearson Education Limited.

Haug, E. (2017) Examples and outcomes of embedding collaborative online learning in the curriculum. Presented at IAUP Triennial Young Scientists Conference, 2017. Retrieved from: <http://conference.pixel-online.net/FOE/files/foe/ed0007/PPT/3659-ICL2371-PPT-FOE7.pdf>

Jonassen, D., & Land, S. (Eds.). (2012). *Theoretical foundations of learning environments*. NY and London: Routledge.

Rubin, J. (2015) Faculty guide for collaborative online international learning course development [http://www.ufic.ufl.edu/UAP/Forms/COIL_guide .pdf](http://www.ufic.ufl.edu/UAP/Forms/COIL_guide.pdf)

Savin-Baden, M., & Howell Major, C. (2004). Foundations of Problem-based Learning. Berkshire: Society for Research into Higher Education & Open University Press.

Stoller, F. & Myers, C.C. (2019). A Five-Stage Framework to Guide Language Teachers. In (Ed.) A. G. Velázquez *Project-based learning in second language acquisition. Building communities of practice in higher education* (pp. 25-47). Routledge. New York. Ed Adrián Gras Velázquez

Shepperd K. & Stoller F.L. (1995). Guidelines for the presentation of students' projects in ESP classroom. *English teaching forum* (32) 2: 10-15

Torp, L., & Sage, S. (2002). Problems as possibilities: Problem-based learning for K-16 education (2nd ed.). Alexandria, VA: Association for Supervision and Curriculum Development.

6. Hagemann, Kristin

Universidad de Østfold

martes 17.08.2022, 13:00 – 14:30

¿Cómo remediar la brecha entre la educación secundaria y la terciaria?

Un “comienzo de golpe” para los estudiantes de lengua de la Universidad regional de Østfold

Los estudiantes noruegos que eligen asignaturas lingüísticas en las universidades de Noruega, ya sea en el idioma mayoritario (Hognestad 2013), ya sea en las lenguas extranjeras (Gjerde 2014; Toresen 2020), se topan con grandes retos a la hora de estudiar la gramática, posiblemente por haber recibido instrucción insuficiente durante la educación secundaria. La situación no es única para Noruega, sino que es una situación que recibe cada vez más atención también en el resto de Europa (Fontich og Camps 2014; Harris 2018; van Rijt et al. 2020). Esta situación se debe en gran parte a que los lingüistas y los profesores de educación secundaria entiendan por gramática cosas diferentes: los profesores de secundaria tienden a tener una actitud normativa (Brøseth og Nygård 2021) mientras que a los lingüistas nos interesa sobre todo la gramática descriptiva. También ha habido poco desarrollo en la enseñanza de gramática en las últimas décadas, lo cual no refleja los grandes cambios que han ocurrido en la lingüística en sí (van Rijt og Coppén 2017; Aa 2021). Junto con una mala fama del tipo ‘la gramática es aburrida’ o ‘la gramática es difícil de aprender’, también presente entre los profes (Eiesland og Laake 2020), se crea un círculo vicioso difícil de romper.

El proyecto *Pangstart* (‘comienzo de golpe’) es un seminario de inspiración para todos los estudiantes de lengua de nuestra institución (o sea, de francés, de inglés, de español, de alemán e incluso de noruego) con el objetivo de remediar la brecha entre los conocimientos adquiridos por los alumnos en la escuela secundaria y los conocimientos que se supone ya dominan los mismos estudiantes al ingresar en la universidad. El seminario trata distintos temas lingüísticos de manera inspiradora y divertida para intentar despertar curiosidad y alegría al aprender más sobre cómo funcionan los idiomas. El seminario está destinado a llevarse a cabo por la segunda vez en agosto de 2022, y en mi charla quiero presentar mis experiencias con un programa didáctico basado en la idea de que la comprensión de los *conceptos lingüísticos meta* sea imprescindible para la comprensión gramatical

general (van Rijt et al. 2020). Me centro en algunos aspectos contrastivos clave entre el español y el noruego, más precisamente las estructuras sintácticas del tipo *jeg liker/me gusta* y *det regner/llueve* y otros parecidos, y las relaciono con algunos conceptos lingüísticos meta como la tipología sintáctica y la valencia verbal. Mi hipótesis es que no solo van a aprender más, sino que también adquieren lo más importante: la motivación para querer investigar más. Para terminar, presento algunas de las opiniones de los estudiantes, obtenidas a través de un cuestionario al final del seminario.

Obras citadas:

Brøseth, Heidi og Nygård, Mari (2021), 'Norwegian teacher students' conceptions of grammar', *Pedagogical linguistics*, 2 (2), 129-52.

Eiesland, Eli-Anne og Laake, Signe (2020), 'Grammatikk i skolen: norsklæreres språksyn og undervisningspraksiser', *Lingvib Research Group Meeting* (Østfold University College).

Fontich, Xavier og Camps, Anna (2014), 'Towards a rationale for research into grammar teaching in schools', *Research Papers in Education*, 29 (5), 598-625.

Gjerde, Anne Skalleberg (2014), '<https://www.dn.no/studier/to-av-tre-hopper-av-sprakstudiene-kravene-er-hinsides/1-1-5029720>', *Dagens Næringsliv*.

Harris, Ann (2018), 'What, Why and How - The Policy. Purpose and Practice of Grammatical Terminology', *English in Education*, 52 (3), 169-85.

Hognestad, Jan Kristian (2013), 'Språkdelen av norskfaget - i læreplan og klasserom', *Norsklæreren* 2, 24-29.

Toresen, Johanna (2020), 'Overgangen til fremmedspråkstudiet – et lengdehopp uten tilløp', *Communicare*, 2020/2021.

van Rijt, Jimmy og Coppen, Peter-Arno (2017), 'Bridging the gap between linguistic theory and L1 grammar education - experts' views on essential linguistic concepts', *Language Awareness*, 26 (4), 360-80.

van Rijt, Jimmy, Wijnands, Astrid, og Coppen, Peter-Arno (2020), 'How secondary school students may benefit from linguistic metaconcepts to reason about L1 grammatical problems', *Language and Education*, 34 (3), 231-48.

Aa, Leiv Inge (2021), 'Grammatikkdidaktikk på grammatikkfeltets grunn', *Norsklæreren*, (4), 65-81.

7. Jensen, Helle Dam & Vestager, Anja

Universidad de Aarhus

viernes 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Un estudio cualitativo del proceso de revisión: una ventana a la toma de decisiones de los estudiantes de traducción

Hoy en día, la mayoría de las tareas de traducción son mediadas por diferentes herramientas de traducción, tales como sistemas de gestión automática de terminología, memorias de traducción, y programas de traducción automática (Bowker/Barlow 2008: 2; Christensen/Schjoldager 2016: 89). En este panorama, el traductor se hace revisor, lo que significa que ya no es el protagonista de la situación traductora, sino un agente cuyos actos dependen de y se restringen por los artefactos de la situación.

Los programas de traducción de las universidades deben responder a esta realidad enseñando revisión de manera sistemática. Como un primer paso en el proceso de comprender cómo los estudiantes del español trabajan con la revisión y los pasos a la toma de decisiones, presentamos un estudio cualitativo del proceso de traducción de un grupo de estudiantes del máster de español.

En este estudio, nos hemos basado en dos supuestos fundamentales: un supuesto didáctico y un supuesto académico. Por un lado, se supone que el diálogo es un estímulo de la comprensión (Vigotsky 2000). Por otro, se supone que los diálogos brindan información de problemas, contemplaciones y toma de decisiones. El diálogo del trabajo en grupos se grabó como datos y se trianguló con grabaciones de pantalla y los productos de texto (el texto fuente, el texto meta y el texto traducido por Google Translate).

Referencias

- Bowker, Lynne/ Barlow, Michael (2008): "A comparative evaluation of bilingual concordances and translation memory systems." *Topics in Language Resources for Translation and Localisation*, edited by Yuste Rodrigo, Elia, John Benjamins, 1-22.
- Christensen, Tina Paulsen/Schjoldager, Anne (2016): "Computer-aided translation tools: The uptake and use by Danish translation service providers." *Journal of Specialised Translation*, 25, 89-105.
- Vygotsky, Lev Semyonovich (2000): *Thought and language*. 1986. MIT Press.

8. Lindqvist, Helene & Bern, Sophie Ugarte

Universidad de Uppsala

jueves 18.08.2022, 09:00 – 10:30

La actividad contrastiva: ¿facilita o dificulta la exactitud gramatical en español como L2/ LE?

En el presente estudio se ha analizado y comparado la actuación lingüística por parte de estudiantes universitarios suecos en una prueba de traducción del sueco al español, y otra prueba de producción semi-libre en español. Fueron creadas dos pruebas distintas con los mismos verbos, con la intención de suscitar construcciones verbales específicas en español, de manera que fuera posible, mediante un análisis de errores (Campillos, L. L. 2013; Richards, J. 1971) comparar la actuación lingüística en las dos pruebas.

Con respecto a la influencia interlingüística (Alexopoulou, A. 2010), la transferencia de satélite direccional del sueco al español, motivada por la diferencia entre las lenguas-S y lenguas V (Donoso, A. 2016) ha sido evidente en la prueba de traducción, mientras que en la prueba de producción semi-libre permanece prácticamente inexistente. De igual manera, se ha constatado la transferencia del sufijo -iv, -iva del sueco al español. Ambos rasgos mencionados se atribuyen a la influencia interlingüística, incrementada en un ejercicio de traducción. Los resultados indican que el ejercicio de traducción puede complicar la exactitud gramatical y semántica en la lengua meta debido a una marcada influencia interlingüística, mientras que en el uso exclusivo de la lengua meta en el ejercicio de producción semi-libre no parece ocurrir dicho fenómeno.

Palabras clave: actividad contrastiva, análisis de errores, adquisición de segundas lenguas, influencia interlingüística, lenguas- S, lenguas- V, semántica cognitiva, transferencia.

Bibliografía

Alexopoulou, A. (2010): El papel de la transferencia en los errores léxicos. Revista Nebrija de Lingüística Aplicada 9.

Campillos, L. L. (2013): Análisis de la producción y de errores en un corpus oral de español como lengua extranjera. Universidad autónoma de Madrid.

Donoso, A. (2016): Expresiones de movimiento en español como segunda lengua y como lengua heredada: Conceptualización y entrega del Camino, la Manera y la Base. Stockholm University: Department of Romance Studies and Classics.

Richards, J. (1971): Error Analysis and Second Language Strategies. Université Laval: Centre international de recherches sur le bilinguisme.

9. Martí, Natalia Morollón

Universidad de Copenhague / Absalon Professionshøjskole
jueves 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Español como lengua extranjera en Dinamarca. Un estudio de las necesidades de desarrollo de esta asignatura en los diferentes niveles educativos.

Esta presentación tiene por objetivo mostrar las necesidades de desarrollo profesional docente que los profesores de español en Dinamarca consideran que tienen y los desafíos específicos a los que esta asignatura se enfrenta. Para ello se presentarán los datos obtenidos por medio de la distribución de un cuestionario estructurado al que contestaron 348 profesores de español y con el que se recopiló información sobre los siguientes temas: (1) necesidades y posibilidades de formación docente, (2) razones de la elección de la asignatura y motivación de los alumnos, (3) empleo del Marco Común de Referencia Europeo para las Lenguas, (4) colaboración entre diferentes niveles educativos y (5) el rol de la asignatura en la estructura educativa actual.

El análisis cuantitativo y cualitativo de las respuestas obtenidas hace patente la necesidad de seguir trabajando en el desarrollo profesional de los docentes, de desarrollar material didáctico y de promover la colaboración entre todos los niveles educativos. Además, se muestran las limitaciones de expansión de esta asignatura dentro de la estructura del sistema educativo actual.

10. Nyström, Frederika

Universidad de Uppsala
martes 17.08.2022, 13:00 – 14:30

Observando la destreza oral en el aula de ELE

El currículo sueco de lenguas tiene un enfoque claramente comunicativo: el propósito de la educación de lenguas extranjeras es el *uso* oral y escrito de las mismas. Teniendo esto en cuenta, ¿cómo se consigue que los alumnos hablen español en el aula de ELE?

En este proyecto de doctorado, se investigan los momentos y las formas en las que los alumnos hablan español, tanto entre sí como con el/la profesor/a. Para la recolección de datos, se han realizado observaciones y grabaciones de cinco aulas diferentes en el noveno curso de la educación reglada sueca.

La *Hipótesis del output* (Swain, 1995) y la *Hipótesis de la interacción* (Long, 1996) establecen la producción e interacción como elementos esenciales para la adquisición de lenguas segundas y extranjeras. Estas hipótesis junto al MCER (Consejo de Europa, 2021) son fundamentales en la construcción de la enseñanza en la práctica diaria.

En el intento de describir la destreza oral y, asimismo, definir las actividades comunicativas en la lengua meta, hemos desarrollado un esquema de observación basado originalmente en el esquema de observación *COLT A* (Spada & Fröhlich, 1995). Una versión del esquema de observación *COLT A* fue realizada por Llovet Vilà (2016) y se denominó *Speaking Observation Scheme*. Este esquema incluía una dimensión de tareas para categorizar las actividades comunicativas (Littlewood, 2004) y las nociones de *production*, *reproduction* y *borrowing* (Prabhu, 1987) para definir el tipo de producción lingüística oral.

Actualmente, nuestra herramienta se denomina *Revised Speaking Observation Scheme*. Entre otros cambios, tiene categorías de *spoken language use* por parte de profesores y alumnos respectivamente, y subcategorías de *majority language* o *target language including code switching*. En el contexto de ELE, el cambio de código parece ser una característica común que también puede ser beneficiosa para el aprendizaje de idiomas (Lightbown & Spada, 2020; Shin, Dixon, & Choi, 2020; Turnbull & Dailey-O'Cain, 2009).

En la presentación se enseñan algunos datos y resultados preliminares de las observaciones del aula. Además, se reflexiona sobre el hecho de que no se hayan observado actividades con uso exclusivo de la lengua meta, sino que la producción oral ocurra principalmente con cambios de código.

Bibliografía

Consejo de Europa. (2021). *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza y evaluación - volumen complementario*. Madrid: Instituto Cervantes y Ministerio de educación y formación profesional

Lightbown, P. M., & Spada, N. (2020). Teaching and learning L2 in the classroom: It's about time. *Language teaching*, 53(4), 422-432. doi:10.1017/S0261444819000454

Littlewood, W. (2004). The Task-Based Approach: Some Questions and Suggestions. *ELT Journal*, 58(4), 319-326. doi:10.1093/elt/58.4.319

Llovet Vilà, X. (2016). *Language teacher cognition and practice about a practical approach: the teaching of speaking in the Spanish as a foreign language classroom in Norwegian lower secondary school*. University of Bergen, Bergen.

Prabhu, N. S. (1987). *Second language pedagogy*. Oxford: Oxford Univ. Press. Shin, J.-Y., Dixon, L. Q., & Choi, Y. (2020). An updated review on use of L1 in foreign language classrooms. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 41(5), 406-419. doi:10.1080/01434632.2019.1684928

Spada, N., & Fröhlich, M. (1995). *COLT: communitative orientation of language teaching observation scheme*. Sydney: Macquarie University. National Centre for English Language Teaching and Research.

Turnbull, A. P. M., & Dailey-O'Cain, A. P. J. (2009). *First Language Use in Second and Foreign Language Learning*. Bristol, UNITED KINGDOM: Channel View Publications.

11. Rodríguez, Aymé Pino

Universidad de Estocolmo

viernes 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Feedback y escritura colaborativa entre estudiantes hispanohablantes, español como lengua de herencia y español como lengua extranjera desde una perspectiva sociocultural

En el estudio se presenta cómo un grupo de aprendientes universitarios de nivel intermedio- avanzado de español como lengua extranjera (n= 18) producen 36 textos individuales en una tarea final considerando el output de sus compañeros y del profesor durante un curso universitario de escritura académica.

Teniendo como base la perspectiva teórica sociocultural acerca de importancia de la colaboración en el proceso de aprendizaje de la escritura (Hunt & Chalmers, 2012; Hyland, 2011; Hyland & Hyland, 2016; Manchón, 2011; Storch, 2016; Swain, 2006), se analiza este aspecto, además del uso que los participantes (6 estudiantes hispanohablantes, 6 que tienen el español como lengua de herencia y 6 cuya lengua materna es el sueco) hacen de los conectores textuales en la producción de un texto académico (Fuentes Rodríguez, 2009; Montolío, 2015).

Se ha empleado un método mixto (Creswell, J.W. & Creswell, J.D., 2018). Los textos recogidos se analizaron con ayuda del procesador Antconc (Anthony, 2019) y de forma manual, aparte de tener en cuenta las anotaciones del diario del investigador durante un seminario.

Finalmente, los resultados muestran que, aunque algunos factores individuales de los aprendientes podrían influir en la calidad de la tarea final enviada al profesor, el papel del *feedback* colaborativo en el proceso de escritura es relevante para que el aprendiente reflexione y produzca un texto más coherente en español como lengua extranjera.

Palabras claves: español como lengua extranjera, español como lengua de herencia, español como lengua materna, teoría sociocultural, escritura académica, escritura colaborativa, *feedback* colaborativo, output, conectores

Referencias bibliográficas

- Anthony, L. (2019). AntConc (Version 3.5.8) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University. Available from <https://www.laurenceanthony.net/software>
- Consejo de Europa (2002). Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación. Estrasburgo y Madrid [disponible en <http://www.cvc.cervantes.es/obref/marco>].
- Creswell, J.W. & Creswell, J.D. (2018). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. (Fifth edition.) Los Angeles: SAGE.
- Fernández Dobao, A. (2014a.). Attention to form in collaborative writing tasks: Comparing pair and small group interaction. *Canadian Modern Language Review*. DOI:10.3138/cmlr.1768.
- Fernández Dobao, A. (2014b.). Vocabulary learning in collaborative tasks: A comparison of pair and small group work. *Language Teaching Research*. DOI: 10.1177/1362168813519730.
- Fuentes Rodríguez, C. (2009). *Diccionario de conectores y operadores textuales*. Madrid: ARCO/LIBROS, S.L.
- Hunt, L. & Chalmers, D. (2012). *University Teaching in Focus. A learning-centred approach*. London and New York: Routledge/ Taylor & Francis Group.
- Hyland, K. (2011). Learning to write. Issues in theory, research, and pedagogy. *Learning-to-write and writing-to-learn in an additional language [Elektronisk resurs]*, R. Manchón (red.), 17-25. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Hyland, K., & Hyland, F. (Eds.). (2019). Feedback in Second Language Writing. In *Feedback in Second Language Writing: Contexts and Issues* (2nd ed., pp. i-i). half-title-page, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lozano, C. (2015). Learner corpora as a research tool for the investigation of lexical competence in L2 Spanish, *Journal of Spanish Language Teaching*, 2:2, 180-193, DOI: [10.1080/23247797.2015.1104035](https://doi.org/10.1080/23247797.2015.1104035)
- Manchón, R. (red.) (2011). *Learning-to-write and writing-to-learn in an additional language [Elektronisk resurs]*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Manchón, R. (2011). Writing to learn the language. Issues in the theory and research. *Learning-to-write and writing-to-learn in an additional language [Elektronisk resurs]*, R. Manchón (red.), 61- 82. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Manchón, R. & Matsuda, P.K. (red.) (2016). *Handbook of second and foreign language writing [Elektronisk resurs]*. Boston: De Gruyter.
- Montolío Durán, E. (2015). *Conectores de la lengua escrita*. Barcelona: Ariel.
- Montrul, S. (2010). Current Issues in Heritage Language Acquisition. *Annual Review of Applied Linguistics*, 30, 3–23. doi:10.1017/S0267190510000103
- Pino Rodríguez, A. & Österberg, R. (2017). Causa y consecuencia en la producción escrita de aprendientes universitarios suecos de español: un estudio contrastivo de español lengua de herencia y español lengua extranjera. Nordic Romanist Conference, University of Bergen, August 15-18, 2017: Paper presented at XX Nordic Romanist Conference 2017.
- Storch, N. (2011). Collaborative Writing in L2 Contexts: Processes, Outcomes, and Future Directions. *Annual Review of Applied Linguistics*, 31, 275-288. doi: 10.1017/S0267190511000079h

Storch, N. (2016). Collaborative Writing. Manchón, R (Ed.). Matsuda, PK (Ed.). Handbook of Second and Foreign Language Writing, (1st), 11, pp.387-406. Walter de Gruyter.

Swain, M. (2006). Language, agency and collaboration in advanced second language proficiency. *Advanced Language Learning. The Contribution of Halliday and Vygotsky*, H. Byrnes (ED), 95- 108. London: Continuum

Säljö, R. (2014). Lärande i praktiken: ett sociokulturellt perspektiv. (3. uppl.) Lund: Studentlitteratur

12. Österberg, Rakel & Donoso, Alejandra & Sologuren, Enrique

Universidad de Estocolmo, Universidad de Linneaus, Universidad de Chile

viernes 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Sensibilidad a las condiciones iniciales: factores que desencadenan el desarrollo de la escritura en estudiantes universitarios de español en Suecia

El campo de la motivación en una segunda lengua (L2/LE) ha crecido de manera prominente en las últimas décadas, y existen hallazgos sólidos sobre el efecto de la motivación en los resultados de aprendizaje (Al-Hoorie 2018; Dörnyei y Ushioda 2009; Dörnyei 2019a, 2019b). En cuanto a la escritura, varios estudios han encontrado que la motivación es un factor de gran importancia para el desarrollo de la escritura en una L2, junto con otros factores individuales diferenciadores (Kormos 2012, 400; Wilby 2020). A pesar de estos hallazgos, muy pocos estudios han abordado la motivación como una forma de desarrollar la escritura en entornos multilingües a nivel universitario. Por tanto, en este estudio nos centramos en el desarrollo de la escritura académica en el aula de español a nivel universitario en Suecia, enfocándonos, particularmente, en las experiencias de aprendizaje de nuestros estudiantes.

En esta propuesta, las experiencias de los estudiantes a considerar abarcan no solo el entorno formal de educación, sino también las experiencias de aprendizaje cotidianas, las que, de acuerdo a investigaciones recientes, deben ser reconocidas e investigadas con el objeto de entender por qué y cómo una persona decide desarrollar ciertas habilidades lingüísticas, tales como las de escritura. Tal y como sugiere Ushioda (2009) estas habilidades están situadas espacial y temporalmente, ya que los estudiantes de idiomas necesariamente están "situados en contextos culturales e históricos particulares" (2009, 216). Estudiamos, por tanto, la experiencia de aprendizaje de los estudiantes y su relación con el deseo de usar/mantener/aprender las lenguas implicadas.

Para investigar el contexto de aprendizaje, en este estudio adoptamos el concepto de *Sensibilidad a las condiciones iniciales* (SCI). Este concepto proviene de la Teoría del Caos y se ha utilizado como parte de la Teoría de los Sistemas Dinámicos Complejos (Larsen-Freeman 2014). Esta teoría sostiene que un pequeño cambio en las condiciones iniciales puede generar cambios impredecibles en todo un sistema (de Bot 2008). La descripción de los eventos, cambios o condiciones que pueden haber desencadenado el movimiento del alumno hacia un mayor aprendizaje de la lengua como respuesta a las condiciones iniciales, constituye, en síntesis, el objeto de estudio.

Los participantes corresponden a 21 estudiantes universitarios multilingües de español, quienes han escrito narrativas autobiográficas y respondido a un cuestionario. La aplicación de un análisis temático a las narrativas (Braun & Clarke 2006) arroja como resultado que razones familiares, experiencias escolares previas, un alto dominio de la L2, las lenguas previamente adquiridas, el contacto con las comunidades lingüísticas, el uso de la lengua y el contexto se perciben como condiciones iniciales y fuentes decisivas para el desarrollo de la motivación. Asimismo, factores motivacionales como la autodeterminación, la autoeficacia y la ansiedad ante la escritura están presentes en las narrativas.

Bibliografía

Al-Hoorie, Ali. (2018), “The L2 motivational self-system: a meta-analysis”, *Studies in Second Language Learning and Teaching*, 8, 721–754.

De Bot, Keyser. (2008), “Introduction: second language development as a dynamic process“, *Modern Language Journal*, 92, 166–178.

Braun, Virginia & Clarke, Hilma. (2006), “Using Thematic Analysis in Psychology”, *Qualitative Research in Psychology* 3 (2). 77–101.

Dörnyei, Zoltan, (2019a), “From Integrative Motivation to Directed Motivational Currents: The Evolution of the Understanding of L2 Motivation over Three Decades”, in Martin Lamb, Kata Csizér, Alastair Henry, & Stephen Ryan (eds.). *Palgrave Macmillan handbook of motivation for language, learning*, 39-62. Basingstok: Palgrave.

Dörnyei, Zoltan. (2019b), “Towards a better understanding of the L2 Learning Experience the Cinderella of the L2 Motivational Self System”, *Studies in Second Language Learning and Teaching*, 9(1):19–30. DOI: [10.14746/ssllt.2019.9.1.2](https://doi.org/10.14746/ssllt.2019.9.1.2)

Dörnyei, Zoltan, & Ushioda, Ema. (Eds.). (2009), *Motivation, language identity and the L2 self*. Bristol: Multilingual Matters.

Kormos, Judit. (2012), “The role of individual differences in L2 writing”, *Journal of Second Language Writing*, 21(4), 390-403, ISSN 1060-3743. Retrieved 20210125 from <https://doi.org/10.1016/j.jslw.2012.09.003>

Larsen-Freeman, Diane. (2014). "2. Ten ‘Lessons’ from Complex Dynamic Systems Theory: What is on Offer", in Zoltan Dörnyei, Peter D. MacIntyre and Alastair Henry (eds.) *Motivational Dynamics in Language Learning*, Bristol, Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 11–19. <https://doi.org/10.21832/9781783092574-004>

Ushioda, Ema. (2009), “A person-in-context relational view of emergent motivation, self and identity”, in Zoltan Dörnyei & Ema Ushioda (eds.), *Motivation, language identity and the L2 self*, 215-228. Bristol: Multilingual Matters.

Wilby, James. (2020). Motivation, self-regulation, and writing achievement on a university foundation programme: A programme evaluation study. *Language Teaching Research*. doi:[10.1177/1362168820917323](https://doi.org/10.1177/1362168820917323)

LINGÜÍSTICA

1. Bartens, Angela

Universidad de Turku

martes 16.08.2022, 15:00 – 16:30

Observaciones acerca del paisaje lingüístico de San Andrés, Colombia

Nuestro material consta de 378 fotos tomadas en San Andrés, Colombia, en 2015. Se trata de un contexto trilingüe en que la distribución de cada lengua en su uso di-/triglósico –español/inglés caribeño/inglés criollo– conlleva connotaciones ideológicas muy específicas (cfr. Bartens 2019 y 2021).

Tratándose en muchos casos de anuncios comerciales, a veces se incluyen otros idiomas, como el francés, italiano o portugués.

291 de las imágenes contienen texto en español y 246 en inglés y/o criollo, lo que quiere decir que la mayor parte de las imágenes son multilingües. Por ejemplo, son unas 79 las que son únicamente en inglés. Dado el contexto –aunque el “inglés hablado a la manera de las islas” es lengua cooficial en el Departamento San Andrés Islas–, no sorprende que haya 123 imágenes monolingües en español.

Conforme a las ideologías dominantes en la comunidad de habla, el inglés puede incluir, supuestamente, el criollo (Bartens 2019: 396). Lo que queda claro a partir del material analizado es que

1. el español es la lengua dominante de la comunidad isleña;
2. el inglés/criollo se emplea para funciones complementarias;
3. otros idiomas se añaden para efectos específicos.

Teniendo en cuenta el cambio drástico en las ideologías lingüísticas de los últimos años en San Andrés (inclusive después del trabajo de campo en 2015 cuyo resultado es este corpus), la situación parece estar cambiando. Esto se puede ver tanto en los paisajes lingüísticos físicos (Restrepo-Ramos 2021) como los virtuales.

En el marco de los Estudios de los Paisajes Lingüísticos (cfr. Landry y Bourhis 1997) y en contextos multilingües (Spolsky 2009; Saéz Rivera 2014; Hopkins 2017) y, además, desde el punto de vista semiótico (Wee y Goh 2020; Phan 2020), surge el interrogante acerca de la metodología empleada. ¿Cómo se eligen y delimitan las muestras? ¿Por qué se han estudiado, ante todo, comunidades urbanas y no rurales? En cuanto al segundo interrogante, el paradigma está cambiando

(véase, p. ej, Peck, Stroud y Williams eds. 2019), pero la selección de las imágenes parece a veces ecléctica. Podemos concluir, sin embargo, que el uso de lenguas minorizadas en los paisajes lingüísticos resulta muy fructífero en lo que a su preservación respecta. También podemos hablar de un instrumento en la “creación de lenguas” (ingl. *language making*; Makoni y Sinfree 2005; Krämer et al. 2022) que juega un papel importante en la revitalización y resuscitación de lenguas (p. ej., Eloranta y Bartens 2020).

Referencias

- Bartens, A. 2019. Language ideologies in the San Andrés (and Old Providence) Raizal Community on the Way to Democracy. *Neuphilologische Mitteilungen* II CXIX (2018), 393-418.
- Bartens, A. 2021. Language variation, language ideologies, and challenges to language development in the creole-speaking communities of San Andres, Providence, and the Nicaraguan Coast. G.-A. Leung y M. Loschky (eds.), *When Creole and Spanish Collide: Language and Cultural Contact in the Caribbean*. Leiden: Brill, 55-81.
- Eloranta, Rita y Angela Bartens (2020): “New Mochica and the challenge of reviving an extinct language”. S. Sessarego, J. J. Colomina-Almiñana y A. Rodríguez-Riccelli (eds.), *Variation and Evolution: Aspects of Language Contact and Contrast Across the Spanish-Speaking World. (Issues in Hispanic and Lusophone Linguistics 29.)* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 253-273.
- Hopkins, T. 2017. *An examination of the linguistic landscape in two neighborhood communities in South Florida: Riviera and Little Haiti*. Annual Summer Conference of the Society for Pidgin and Creole Linguistics, 19.6.2017, University of Tampere.
- Krämer, P., U. Vogl y L. Kolehmainen. 2022. What is “Language Making”? *International Journal of the Sociology of Language* 274, 1-27.
- Landry, R. y R. Y. Bourhis. 1997. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: An empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, 16.1, 23-49.
- Makoni, S. y A. Pennycook. 2005. Disinventing and (Re)Constituting Languages. *Critical Inquiry in Language Studies* 2(3), 137-156.
- Peck, A., C. Stroud y Q. Williams (eds.) 2019. *Making Sense of People and Place in Linguistic Landscapes*. London: Bloomsbury.
- Phan, T. N. 2020. *The Interactions of Semiotic Resources in and through Time in Space-based and Placebased Meaning-makings: Some Explorations of the Hanoi Old Quarter*. Tesis doctoral, La Trobe University.

Restrepo-Ramos, F. 2021. If Signs Could Talk: The Linguistic Landscape of the Archipelago of San Andrés, Colombia. G.-A. Leung y M. Loschky (eds.), *When Creole and Spanish Collide: Language and Cultural Contact in the Caribbean*. LEiden: Brill, 17-52.

Saéz Rivera, D. M. 2014. El Madrid plurilingüe y pluridialectal: nueva realidad, nuevos enfoques. K. Zimmerman (ed.), *Prácticas y políticas lingüísticas. Nuevas variedades, normal, actitudes y perspectivas*. Madrid/Frankfurt am Main, Iberoamericana/Vervuert, 403-440.

Spolsky, B. 2009. *Language Management*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wang, X. 2018. Fangyan and the linguistic landscapes of authenticity: Normativity and innovativity of writing in globalizing China. C. Weth y K. Juffermans (eds.), *The Tyranny of Writing: Ideologies of the Written Word*. London: Bloomsbury, 165-183.

Wee, L. y R.B.H. Goh. 2020. *Language, Space, and Cultural Play. Theorizing Affect in the Semiotic Landscape*. Cambridge: Cambridge University Press.

2. Bermúdez, Fernando

Universidad de Uppsala

miércoles 17.08.2022, 09:00 – 10:30

A las pruebas me remito. Prosodia y evidencialidad en español.

La evidencialidad como categoría se ha definido mayormente a partir de abstracciones y clasificaciones de formas lingüísticas concretas identificadas en diferentes lenguas. Clasificaciones como la de Wilett (1988), Plungian (2001), Aikhenvald (2004) o Izquierdo Alegría (2016) se basan en este principio metodológico.

En trabajos anteriores (Bermúdez 2006, 2016) hemos por el contrario definido la evidencialidad, en un abordaje más de arriba hacia abajo, como una categoría deíctica, cuyo significado nuclear es la ubicación de la información expresada en relación con las fuentes de información del hablante o centro deíctico. Del mismo modo que la deixis espacial ubica entidades en el espacio en relación con puntos de referencia, basada en tres parámetros continuos e independientes (dirección, distancia y puntos de referencia), hemos propuesto que la evidencialidad ubica la información expresada en relación con su fuente, a partir de los mismos tres parámetros, también continuos e independientes: dirección (de la información, *hacia* o *desde* el centro deíctico, como impresión o expresión; en otras palabras *modo de acceso a la información: sensorial↔cognitivo*), distancia (a la fuente de información, es decir *de primera mano↔fuente externa*) y puntos de referencia (individuos con o sin acceso a la información, lo que define la magnitud *acceso exclusivo↔acceso universal*).

Esta caracterización se ha mostrado provechosa tanto como herramienta heurística para el descubrimiento e identificación de nuevos marcadores evidenciales, como para la descripción empírica de los elementos pertenecientes a la categoría. En efecto, la caracterización propuesta para la categoría evidencial, con tres parámetros continuos e independientes, sugiere, por un lado, la posibilidad de marcadores evidenciales que combinan diferentes valores, como *información de*

segunda mano y *acceso cognitivo*, y, por otro, marcadores que se especializan en una zona específica del continuo, como por ejemplo información de tercera mano.

Ahora bien, la investigación evidencial se ha centrado casi exclusivamente en el plano morfológico y léxico (afijos, palabras y construcciones lexicalizadas); Aikhenvald (2004: 6), por ejemplo, define evidencialidad como “un sistema gramatical (y a menudo un solo paradigma morfológico)”. Aquí, por el contrario, el objetivo será el de investigar la función de la prosodia (principalmente la entonación, pero tangencialmente también el ritmo y la intensidad) como marcación evidencial de los enunciados. Las preguntas que se tratarán de responder son si rasgos prosódicos por sí mismos pueden expresar valores evidenciales, y cuáles son las relaciones de tales configuraciones con contornos melódicos de otras funciones, como las interrogaciones, las exclamaciones o las referencias catafóricas. Resultados preliminares de un estudio piloto sobre el corpus PRESEEA muestran una relación entre elevación de la frecuencia fundamental y el valor evidencial de cita, y contornos melódicos específicos para marcar acceso compartido a la información, fuente externa e inferencia.

Referencias

Aikhenvald, A. (2004): *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press.

Izquierdo Alegría, D. (2016): Alcances y límites de la evidencialidad. Aspectos teóricos y propuesta de análisis aplicada a un conjunto de adverbios evidencialoides del español. Tesis doctoral. Pamplona: Universidad de Navarra

Plungian, V. (2001): “The place of evidentiality within the universal grammatical space.” *Journal of Pragmatics* 33, 349-358.

Wachtmeister Bermúdez, F. (2006): Evidencialidad. La expresión lingüística del punto de vista. Estocolmo: universidad de Estocolmo.

Wachtmeister Bermúdez, F. (2016): “Rumores y otros malos hábitos. El condicional evidencial del español”. *Cuadernos de Lingüística de El Colegio de México* 3(2):35-69

Willett, T. (1988): “A cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality.” *Studies in Language* 12: 51-97.

3. Erlendsdóttir, Erla

Universidad de Islandia

martes 16.08.2022, 15:00 – 16:30

Breve estudio en torno al zoónimo *rosmaro*

La presente aportación está centrada en el estudio de zoónimos de origen nórdico incorporados al caudal léxico del español. De los vocablos que conforman el campo de la fauna se aborda en concreto *rosmaro*, ‘mamífero carnívoros muy parecido a la foca, que, como ella, vive por lo común en el mar, y de la cual se distingue principalmente por dos caninos que se prolongan fuera de la mandíbula superior más de medio metro’, ‘morsa’ (*DLE*), palabra con documentación en la lengua española

desde el siglo XVI. El primer testimonio de la voz se recoge en la obra de Antonio de Torquemada *Jardín de flores curiosas* de 1569/70 (CORDE). También aparece en la edición corregida y aumentada del atlas moderno de Abraham Ortelio titulado *Theatro d'el Orbe de la Tierra de Abraham Ortelio, el qual antes, el extremo dia de su vida por la postrera vez ha emendado y con nuevas tablas y comentarios augmentado y esclarecido* y publicado en Amberes en 1602. El zoónimo se halla asimismo en otros textos españoles de la época.

Del vocablo hay documentación lexicográfica desde su incorporación al diccionario de Autoridades (1737) hasta la actualidad. El diccionario de la Real Academia Española le atribuye al vocablo un origen nórdico, pues la información etimológica que ofrece en el artículo de *rosmaro* es la siguiente: “Del nórd. *hroshvalr*, de *hros* ‘caballo’ y *hvalr* ‘ballena’, infl. por mar” (DLE). Más probable nos parece que es voz que procede del antiguo nórdico *rosmhvalr*, ‘morsa’; *rosmer* y *rosmar* en danés antiguo y sueco antiguo.

Aquí pretendemos delinear la historia del vocablo seleccionado: observar los aspectos de la integración lexicográfica y semántica, además de trazar su posible camino desde la lengua de origen, el germánico septentrional, hasta la lengua receptora, el español.

Bibliografía

Ortelio, Abraham (1602): *Theatro d'el orbe de la tierra de Abraham Ortelio, el qual antes, el extremo dia de su vida por la postrera vez ha emendado y con nuevas tablas y comentarios augmentado y esclarecido*. Anveres: Imprenta Plantiniana.

Torquemada, Antonio de (2005 [1569]): *Jardín de flores curiosas*. Palencia: Simancas Ediciones.

Diccionarios

CORDE = Real Academia Española, Banco de datos (CORDE) [en línea]: *Corpus diacrónico del español*: <<http://www.rae.es>>.

DLE = Real Academia Española (2014): *Diccionario de la lengua española*. <<http://www.rae.es>>.

NLLE = Real Academia Española. *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española*. [en línea]: NLLE <<http://www.rae.es>>

4. Erlendsdóttir, Erla & Jiménez, Nuria Frías

Universidad de Islandia

miércoles 17.08.2022, 15:30 – 16:30

La conceptualización de la IRA en islandés y español desde la semántica cognitiva

El objetivo de esta comunicación es presentar el análisis de un corpus islandés–español perteneciente a la noción de la IRA, sentimiento que se conceptualiza de forma muy productiva en el terreno

fraseológico (Kövecses et al., 2015). Siguiendo los postulados de la semántica cognitiva de Lakoff y Johnson (1980), hemos recurrido al sistema jerarquizado y translingüístico de los modelos icónicos y las archimetáforas que proponen Iñesta y Pamies (2002). Se trata éste del primer acercamiento con este par lingüístico a este campo, aunque con anterioridad se habían analizado otros como el MIEDO (Penas y Erlendsdóttir, 2014 y 2015).

El corpus objeto de análisis está formado por un centenar de unidades en islandés, clasificadas bajo la etiqueta REIÐI ('rabia, ira') en la plataforma digital *Íslenskt orðanet*, y en español, extraídas de varios repertorios lexicográficos. Mediante la observación de las metáforas subyacentes en una y otra lengua, hemos podido corroborar la universalidad de algunas como *froðufella af reiði / echar espumarajos por la boca*.

Este estudio contrastivo, que resulta indudablemente útil en el ámbito traductológico, tiene también implicaciones lexicográficas y didácticas: por un lado, el corpus puede servir como base para un repertorio fraseológico y formar parte de un diccionario general bilingüe y, por otro, impulsar la creación de materiales ELE en Islandia que muestren las coincidencias y divergencias de estas lenguas no afines.

Bibliografía

- Iñesta, E., y Pamies, A. (2002). *Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos*. Granada: Granada Lingvistica / Método.
- Jónsson, J. H. (2016). *Íslenskt orðanet*. Stofnun Árna Magnússonar í íslenskum fræðum: Reykjavík. Disponible en <http://ordanet.arnastofnun.is/>
- Kövecses, Z., Szelid, V., Nucz, E., Blanco-Carrión, O., Arica Akkök, E., y Szabó, R. (2015). Anger Metaphors across Languages: A Cognitive Linguistic Perspective. En R. R. Heredia & A. B. Cieślícka (eds.), *Bilingual Figurative Language Processing*. Cambridge: CUP, 341-367.
- Lakoff, G., y Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Penas, M. A., y Erlendsdóttir, E. (2014). Ítems léxicos metafóricos de los campos nocionales “miedo”, “tener hambre” y “comer mucho” en español, islandés y ruso. *Tonos Digital*, 26. Disponible en <http://www.tonosdigital.es/ojs/index.php/tonos/article/view/1063>
- Penas, M. A., y Erlendsdóttir, E. (2015). Með hjartað í lúkunum eða buxunum. Ummyndhvörf í spænskum og íslenskum orðasamböndum. *Orð og tunga*, 17, 63–93.

5. Gille, Johan

Universidade de Uppsala

miércoles 17.08.2022, 15:30 – 16:30

Descendientes del lat. HŌRA en la *Grant Crónica de Espanya* de Juan Fernández de Heredia

El sustantivo latino HŌRA ‘cada una de las partes iguales en que se divide el día solar’, ‘tiempo determinado para hacer algo’ constituye en las lenguas románicas el núcleo de numerosos compuestos adverbiales, más frecuentes en los textos medievales que en nuestros días. En esta comunicación atendemos a los cuantiosos testimonios de este tipo de construcciones –ejemplificados

a continuación—, que se registran en la *Grant Crònica de Espanya* (1385), obra en aragonés patrocinada por Juan Fernández de Heredia.

1. porque la batalla fue fecha a *ora de maytines*
2. considerando los periglos que havién passado & cuidando reposar allí, loaron lo que él dizié. & *la hora* él pobló allí una çiudat & priso de su nombre Lis.
3. la çiudat de los quales, clamada *la ora* Tiscatre, es *agora* la çiudat clamada Sant Pol en Proença
4. *toda hora que* tú faules con el rey & faulares de aquesta criatura, que faules con grandes gemecos
5. que aquesta es fortuna que mete los hombres *una ora* en alto & *otra ora* en baxo, & *otra ora* los torna en alto

Concretamente, a partir de los ejemplos extraídos del manuscrito herediano, analizamos las variantes formales que presentan, ya sea bajo el patrón art./det. + HŌRA (*aquella ora, la ora, las oras, poca ora, poca de ora, toda ora, toda hora que*, etc.), ya sea en otro tipo de construcciones (p.ej. *ora...ora, una ora...otra ora*); si bien el estudio se centra en los significados desarrollados en estas construcciones, también se discuten las funciones con que se emplean (complementos circunstanciales de tiempo y, en algunos casos, nexos conjuntivos temporales o distributivos), su posición en el hilo discursivo, y, además, a través de los necesarios análisis cuantitativos, su relevancia en el texto herediano frente a otros sinónimos documentados.

6. Havu, Jukka

Universidad de Tampere

miércoles 17.08.2022, 11:00 – 12:30

El tiempo verbal del auxiliar en las construcciones *estar + participio* en catalán

En esta comunicación analizaremos los casos de *estar + part.* en catalán con el auxiliar en perfecto perifrástico. Bosque (2014:68) establecía una diferencia entre el carácter eventivo (*ser + part.*) y resultativo (*estar + part.*) de los predicados de actividad en castellano. La misma distinción es aplicable al catalán:

1. /.../ el jove *va ser acompanyat* per tres surfistes *fins* el cotxe. (= eventivo)
2. En aquest acte, el nostre candidat Miquel Iceta, *va estar acompanyat* del primer secretari del PSOE /.../ (=estativo)

Un complemento de lugar que indica la meta del desplazamiento favorece el uso del auxiliar *ser* (compárense *l'home va ser acompanyat pels guàrdies fins a l'hospital* y *l'home va estar acompanyat pels guàrdies fins a l'hospital*).

En tres casos el auxiliar *estar* está invadiendo las funciones del verbo *ser*:

i) El auxiliar en perfecto perifrástico con predicado de realización localiza la situación (en 4. *va ser construït* y *va estar construït* se refieren al mismo evento) :

3. El palau reial *va estar construït* al segles XIII i XIV.

4. /.../ el monestir de Pedra *va estar construït* al segle XII, /.../. Aquest monestir és una barreja entre el Romànic i el Gòtic, ja que *va ser construïda* entre aquelles dues èpoques.

ii) Los verbos de *causa* admiten los dos auxiliares en todos los tiempos verbales prácticamente sin cambio de sentido:

5. /.../ *l'accident va ser causat per* la infracció de les normes.

6. *L'accident va estar causat per* un llamp /.../.

iii) En las proposiciones subordinadas de tiempo *estar + part.* adquiere un matiz ingresivo:

7. Quan tot *va estar preparat* el 1964, li varen fer preguntes /.../

8. Quan el guió *va estar enllestit*, vàrem rodar la pel·lícula /.../

Se trata de un cambio paramétrico considerable que afecta a los dos verbos auxiliares.

7. Husum, Jonathan Mastai

Universidad de Aarhus

martes 16.08.2022, 15:00 – 16:30

Consideraciones metodológicas para el trabajo de campo sociolingüístico en la lengua de contacto Portuñol en tres fronteras sudamericanas

El portuñol es una lengua de contacto compuesta principalmente por el español y el portugués brasileño. Se usa la lengua a lo largo de las fronteras bilingües de Brasil con sus países vecinos de habla hispana y presenta rasgos fonológicos, morfosintácticos y léxicos propios de las regiones donde hay ciudades vecinas de uno y otro lado de la frontera. El concepto de portuñol engloba tanto las particularidades lingüísticas propias de las distintas regiones fronterizas, como las dimensiones sociales, políticas, identitarias y artístico-literarias que subyacen a las prácticas lingüísticas de portuñol.

Mi investigación se centra en el campo de la sociolingüística y la lingüística poscolonial (Bouchard, 2022; Levisen & Fernández, 2021; Levisen & Sippola, 2019). En mi investigación busco, entre otras cosas, indagar cómo se crea la hibridez lingüística e identitaria como consecuencia de los desarrollos sociohistóricos, poscoloniales y glotopolíticos en tres áreas fronterizas concretas: Rivera (Uruguay) y Santana do Livramento (Brasil), Cobija (Bolivia) y Brasiléia (Brasil) y la Zona de la Triple Frontera de Argentina, Paraguay y Brasil. En este sentido, me propongo explorar cómo el portuñol como práctica lingüística configura identidades híbridas sociales, políticas y performativas.

En mi presentación pretendo discutir mis consideraciones metodológicas y el diseño de investigación preliminares para identificar hasta qué medida las tres comunidades de habla portuñola mencionadas sienten que su práctica lingüística híbrida juega un papel en su identidad lingüística individual y común. Para ello, expondré el estado del diseño de mi investigación y mi metodología cualitativa y la elaboración de mis entrevistas sociolingüísticas comparativas (Holmes, 2014; Labov, 1981; Mallinson et al., 2013) que servirán para comparar las dimensiones identitarias de las tres variedades seleccionadas del portuñol sudamericano

Referencias

- Bouchard, M.-E. (2022). Postcolonial sociolinguistics: Investigating Attitudes, Ideologies and Power in Language Contact Settings. *Postcolonial Sociolinguistics*, 6, 11.
- Holmes, J. (Ed.). (2014). *Research methods in sociolinguistics: A practical guide*. John Wiley & Sons Inc.
- Labov, W. (1981). *Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation*. 43.
- Levisen, C., & Fernández, S. S. (2021). Words, People and Place: Linguistics Meets Popular Geopolitics. *Language and Popular Geopolitics*, 5, 11.
- Levisen, C., & Sippola, E. (2019). Postcolonial Linguistics. The Editors' Guide to a new Interdiscipline. *Journal of Postcolonial Linguistics*, 2019(1), 15.
- Mallinson, C., Childs, B., & Van Herk, G. (Eds.). (2013). *Data collection in sociolinguistics: Methods and applications*. Routledge, Taylor & Francis Group.

8. Kempas, Ilpo

Universidad de Seinäjoki University of Applied Sciences

miércoles 17.08.2022, 11:00 – 12:30

La colocación de los clíticos pronominales en la libre variación <CL + V mod + INF> frente a <V mod + INF_{CL}> en los textos científicos españoles y catalanes

La comunicación se relaciona con la colocación de los clíticos pronominales en las perífrasis modales de infinitivo en español y en catalán, lenguas en que en esos casos aparece la libre variación (p. ej., *se puede decir/es pot dir* frente a *puede decirse/pot dir-se*). Esto se examina en los textos científicos, género que representa el lenguaje formal y que está desprovisto de fenómenos del ámbito oral. Si bien, en los casos examinados, ambas posiciones sintácticas son perfectamente válidas en ambas lenguas, en español la anteposición del clítico se asocia en cierta mayor medida con el lenguaje oral, al mismo tiempo que, por otro lado, en la bibliografía no se pueden encontrar posturas según las cuales la anteposición sería de menor uso en los registros más formales, como, por ejemplo, el científico.

Para estudiar la posición del clítico pronominal en los textos científicos, se recogió mediante Startpage un corpus (N=3.270) compuesto por distintos casos, esto es, construcciones con el clítico pronominal antepuesto y pospuesto (2.346 ejemplos sobre el español y 924 sobre el catalán). Estos casos, a su vez, se componen de 14 pares de oposiciones sintácticas en español y 19 en catalán.

En lo que respecta al español, los resultados demuestran una gran homogeneidad entre ambas variantes sintácticas en el género examinado, si bien a nivel de los distintos verbos se pueden registrar preferencias por una u otra variante, explicables por el azar. Este resultado confirma asimismo el arraigo de la anteposición del clítico pronominal también en los textos científicos, pese a su asociación con el lenguaje oral. Por el contrario, los resultados sobre el catalán presentan diferencias estadísticamente significativas tanto entre sí como respecto al español.

9. Míguez, Ana Belén Cao & Diéguez, Ignacio Vázquez

Universidade da Beira Interior, Portugal

miércoles 17.08.2022, 15:30 – 16:30

La representación imagológica de lo nórdico en la lengua española

El objetivo de esta comunicación es tratar de encontrar las primeras dataciones escritas en español sobre los vocablos (gentilicios, nombre de las lenguas, etc.) que se utilizan para referirse a los países nórdicos, los países escandinavos. Los elementos de consulta utilizados serán los corpus (especialmente, los de la RAE) y el material lexicográfico disponible (concretamente, los diccionarios de la RAE) y las principales obras no académicas desde el siglo XVI hasta la actualidad. En una época, el siglo XVI, en que empieza la lexicografía española, y España era el imperio más floreciente del mundo, es de suponer que los países del norte de Europa fuesen vistos como periféricos. A través de la información extraída de las fuentes manejadas (lingüísticas), intentaremos reconstruir cuál ha sido la representación imagológica imperante en la cultura española acerca de estas naciones tan distantes.

10. Morata, Antonio

Universidad de Aarhus

miércoles 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Dos maneras distintas de pensar para hablar en español y en danés

De acuerdo con la hipótesis del pensar para hablar (*Thinking for Speaking*) de Slobin (1991, 1996), la lengua que utilizamos en el momento del habla nos invita a fijarnos en aquellos elementos que son necesarios para comunicarnos en dicha lengua, la cual tiene un estilo retórico propio. Así, cuando un grupo de hablantes describe un mismo evento, es posible identificar puntos en común en sus producciones orales que conforman patrones lingüísticos característicos del idioma utilizado, sin obviar la variación intertextual existente ya sea por las distintas maneras posibles de conceptualizar un mismo evento o por los rasgos idiosincráticos de cada hablante, entre otros factores.

El español (1) y el danés (2), lenguas de trabajo en esta comunicación, poseen estilos retóricos marcadamente distintos en muchos campos, entre ellos el de los eventos de colocación (véase un estudio empírico en Cadierno, Ibarretxe-Antuñano e Hijazo-Gascón 2016):

1. *Trine mete la rosa en el jarrón.*

2. *Trine stiller rosen ned i vasen.*

En estos eventos, considerados como un subtipo de eventos de movimiento causado (véase un resumen esquemático en Talmy 2017), un Agente (*Trine*) cambia la ubicación de una Figura (*la rosa, rosen*) con respecto a una Base (*el jarrón, vasen*).

En esta comunicación se exponen algunos resultados de un experimento consistente en la descripción oral simultánea de distintos eventos de colocación mostrados en vídeo a dos grupos de informantes: hablantes monolingües de español y hablantes de danés L1. Los resultados muestran dos maneras distintas de pensar para hablar: mientras que el grupo hispanohablante parece centrarse en la idea de recipiente y la verbaliza de forma prototípica mediante los verbos *meter* y *sacar* y sinónimos, el grupo de habla danesa tiende a explicitar de forma preferente el movimiento en el eje vertical con

adverbios del tipo *op* 'arriba' y *ned* 'abajo'. La idea de recipiente, verbalizada mediante adverbios del tipo *ind* 'dentro' y *ud* 'fuera', suele aparecer de forma alternativa en los casos en los que el evento de colocación no sigue el eje vertical o cuando no es posible determinar dicha verticalidad.

Referencias

Cadierno, T., Ibarretxe-Antuñano, I., & Hijazo-Gascón, A. (2016). Semantic Categorization of Placement Verbs in L1 and L2 Danish and Spanish. *Language Learning*, 66(1), 191-223. <https://doi.org/10.1111/lang.12153>

Slobin, D. I. (1991). Learning to think for speaking: Native language, cognition, and rhetorical style. *Pragmatics*, 1(1), 7-25. <https://doi.org/10.1075/prag.1.1.01slo>

Slobin, D. I. (1996). From “thought and language” to “thinking for speaking”. En J. J. Gumperz & S. C. Levinson (Eds.), *Rethinking Linguistic Relativity* (pp. 70-69): Cambridge University Press.

Talmy, L. (2017). Past, present, and future of motion research. En I. Ibarretxe-Antuñano (Ed.), *Motion and Space Across Languages: Theory and Applications*. (Vol. 59, pp. 1-12). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/hcp.59.01tal>

11. Müller, Henrik Høeg

Universidad de Aarhus

miércoles 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Predicados complejos vs. formas léxicas independientes.

Diferencias tipológicas entre el danés y el español

El propósito de esta comunicación es demostrar cómo el danés y el español se distinguen entre sí en cuanto a su realización canónica de patrones sintácticos y léxicos. Se argumenta que el danés, como tendencia general, usa verbos frasales formados por la combinación de un verbo y un co-predicado, los llamados predicados complejos, para expresar un determinado contenido semántico que el español suele transmitir por unidades léxicas simples y semánticamente precisas (véase Morata & Müller: enviado), ver (1a-e).

- | | | | |
|------|-------------------|----------------------|-----------------------------------|
| (1a) | V + ADVdirección: | <i>gå</i> ‘ir’ | <i>gå ned</i> ‘hundirse’ |
| (1b) | V + ADVmanera: | <i>sætte</i> ‘poner’ | <i>sætte sammen</i> ‘juntar’ |
| (1c) | V + PREP: | <i>sige</i> ‘decir’ | <i>sige på</i> ‘criticar’ |
| (1d) | V + PP: | <i>gå</i> ‘ir’ | <i>gå på pension</i> ‘jubilarse’ |
| (1e) | V + NP: | <i>vaske</i> ‘lavar’ | <i>vaske bil</i> ‘lavar el coche’ |

Llamamos *predicado complejo* a la unión entre un elemento no verbal o *co-predicado* y un verbo o *predicado huésped* (Nedergaard Thomsen & Herslund 2002, Becerra Bascuñán 2006) mediante un proceso de pseudo-incorporación, PI (Dayal 2011 y Müller 2017, entre muchos otros).

El proceso de PI se caracteriza por presentar rasgos prosódicos, topológicos y morfológicos que sugieren una estrecha relación entre los componentes del predicado complejo.

Primero, cualquiera que sea la forma léxica del co-predicado, el V se reduce prosódicamente, formándose así una unidad de acentuación entre el V y el co-predicado. Segundo, un requisito topológico para conseguir la acentuación unitaria entre los dos componentes es que el componente de acentuación débil (el verbo) debe aparecer antes del elemento de acentuación plena (el co-predicado), o sea, siempre tenemos el orden de palabras «X . . . Y» (Hansen & Heltoft 2011: 338). Tercero, cuando el co-predicado contiene un nombre (ya sea un NP o PP), no suele llevar elementos que expresen categorías funcionales nominales, como marcas de caso o determinantes de ningún tipo (Massam 2009). Podemos decir que el co-predicado pierde su estatus de argumento gramatical y se convierte en un modificador que es pseudo-incorporado en V.

En español, generalmente no se dispone de esta posibilidad altamente productiva de formar predicados complejos, por lo que se suele utilizar lexemas simples que van asociados a un significado específico para expresar el mismo contenido semántico.

En base a estas consideraciones, se sugiere que uno de los puntos clave para entender la falta de correspondencia entre las lenguas germánicas y románicas en cuanto a cómo estructuran y codifican la información léxica radica en sus diferentes capacidades para construir predicados complejos mediante PI.

Referencias

- Becerra Bascuñán, Silvia. 2006. *Estudio diacrónico y sincrónico del objeto indirecto en el español peninsular y de América*. Études Romanes vol 57. København: Museum Tusulanum Press.
- Dayal, Veneeta. 2011. Hindi pseudo-incorporation. *Natural Language & Linguistic Theory* 29(1), 123–167.
- Hansen, Erik & Lars Heltoft. 2011. *Grammatik over det Danske sprog*. Det Danske Sprog- og Litteraturselskab. Copenhagen: Syddansk Universitetsforlag.
- Massam, Diana. 2009. Existential incorporation constructions. *Lingua* 119, 166–184.
- Morata, Antonio & Henrik Høeg Müller. Enviado. Dansk og spansk som eksempler på hhv. skematiske og leksikalske sprog. Dansk Sprognævn: Ny Forskning i Grammatik.
- Müller, Henrik Høeg. 2017. Bare nouns in Danish with special reference to the object position. *Nordic Journal of Linguistics* 40(1), 37–72.
- Nedergaard Thomsen, Ole & Michael Herslund. 2002. Complex predicates and incorporation: An introduction. In Ole Nedergaard Thomsen & Michael Herslund (eds.), *Complex Predicates and Incorporation: A Functional Perspective* (Travaux du cercle linguistique de Copenhague XXXII), 7–47. Copenhagen: C. A. Reitzel.

12. Söhrman, Ingmar & Nilsson, Kåre

Universidad de Oslo, Universidad de Gotemburgo
miércoles 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Presente extendido - antepresente continuo y no continuo en las lenguas iberorrománicas. Dos perspectivas temporales opuestas.

Dos (o en realidad tres) construcciones formalmente opuestas en las lenguas iberorrománicas representan la idea de una acción que empieza en el pasado y continua hasta el momento de la enunciación y pueden continuar hasta un momento posterior. Son *el presente extendido* (present) y *el antepresente* (perfecto y, en catalán, *passat perifràstic*).

Los siguientes ejemplos ilustran esta relación:

1. Vive en Cartagena desde hace tres años.
2. Ha tenido una vida dura hasta ahora.
3. Vaig conèixer el noi que va guanyar el premi de poesia.

En el primer ejemplo resulta evidente que hablamos de una acción que empezó en el pasado y que sigue siendo actual, mientras en el segundo no se sabe si ha terminado la situación difícil o si sigue siendo actual.

Queremos explicar las diferencias usando el modelo del esquema temporal de Gosselin, donde desarrolla las ideas de Reichenbach y de Klein que se usó en Söhrman 2020. Discute los intervalos temporales de una acción, es decir el momento ingresivo y el egresivo de una acción en el eje temporal basándose en los tres tiempos tópicos de Reichenbach. El modelo de intervalos es muy fructífero para el entendimiento de la relación temporal entre el momento de la enunciación y el de la acción a la que el locutor se refiere

En el primer tipo el verbo siempre resulta ser imperfectivo, mientras que en los ejemplos del antepresente también pueden ser perfectivos. Un caso especial es el tercer ejemplo donde vemos la competencia entre dos construcciones del pasado pero que se puede usar para expresar que lo empezado en el pasado sigue siendo válido en el momento de la enunciación.

Las lenguas iberorrománicas no se portan de la misma manera, lo que comentaremos más en detalle.

Referencias bibliográficas:

Gosselin, Laurent (2005). *Temporalité et modalité*, Bruxelles: de boeck.duculot.

Söhrman, I (2020) “*Présent inclusif and passé composé à valeur de présent accompli* in modern French and Occitan” en M. Maiden & S. Wolfe, *Variation and Change in Gallo-Romance Grammar*: Oxford University Press

Söhrman, Ingmar (2021). “Inclusive Present and Perfect with the Value of a Fulfilled Present Action in Modern Romanian in Comparison to Norwegian (and Swedish)” en Roxana-Ema Dreve et al. (eds,) *A Lifetime Dedicated to Norwegian Language and Literature*, Cluj: Presa Universitară Clujeană.

13. Thegel, Miriam

Universidad de Uppsala

miércoles 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Un viaje textual y temporal: la evolución de *necesitar*

Durante las últimas décadas, los estudiosos de la lengua se han interesado cada vez más por las tradiciones discursivas como factor determinante en la evolución lingüística (Kabatek 2005, Koch & Oesterreicher 2007). Una de las cuestiones frecuentemente estudiada en siglo XXI es la evolución diacrónica de los verbos modales auxiliares, por ejemplo, de *haber de*, *deber (de)* y *tener que* (Blas Arroyo & Vellón 2014, Garachana Camarero 2017). Dichos verbos han sido examinados particularmente en los textos de inmediatez comunicativa, considerados como las fuentes históricas más cercanas a la lengua hablada (Blas Arroyo 2019).

Aunque los estudios recientes han llenado varios huecos de conocimiento sobre el sistema modal español, sigue habiendo miembros que carecen de una detallada descripción diacrónica, por ejemplo, el verbo modal *necesitar* que entró en español en la época medieval como un préstamo del latín (Thegel 2020). ¿Cómo se puede describir la evolución diacrónica de este verbo modal en comparación con los verbos modales más establecidos? ¿En qué tradiciones discursivas apareció *necesitar* y cuál fue su desarrollo en los siglos siguientes?

En este estudio se ofrece una descripción diacrónica de *necesitar* basándose en datos de corpus históricos. Tanto muestras aleatorias como ejemplos individuales han sido examinados en detalle para poder seguir la trayectoria sintáctica y semántica de *necesitar* a través de los siglos. Para un análisis cuantitativo ha sido utilizado el *Corpus del Español* (Davies 2002-), mientras que *CODEA 2015+* (GITHE 2015) y *CORDIAM* (AML n.d.) han contribuido con detalles más pormenorizados sobre el contexto discursivo del verbo estudiado.

Los resultados del presente estudio muestran que los usos más tempranos de *necesitar* pueden encontrarse en contextos discursivos basados en latín, como documentos teológicos y judiciales, en los cuales el verbo expresa un significado de necesidad externa. Sin embargo, en el siglo XX, *necesitar* se encuentra sobre todo en las tradiciones discursivas relacionadas con la inmediatez comunicativa y su significado ha ido transformándose hacia una necesidad interna, expresando un deseo personal del sujeto, frecuentemente en primera persona del singular (*Necesito estar contigo*). Al analizar los resultados, se puede identificar tanto un cambio de arriba, por la influencia de tradiciones discursivas latinas que marcan los primeros usos de *necesitar*, como un cambio de abajo (Labov 2007), por la evolución reciente del verbo de externo y formal a personal e informal.

Referencias bibliográficas

Academia Mexicana de la Lengua, *Corpus Diacrónico y Diatópico del Español de América (CORDIAM)*. www.cordiam.org

Blas Arroyo, José Luis. 2019. *Sociolingüística histórica del español: Tras las huellas de la variación y el cambio lingüístico a través de textos de inmediatez comunicativa*. Madrid: Iberoamericana.

Blas Arroyo, José Luis & Vellón, Javier. 2014. The refuge of a dying variant within the grammar: change and continuity in the Spanish verbal periphrasis *haber de + infinitive* in the past two centuries. *Language Variation and Change*, 27(1), 1–28.

Davies, Mark. 2002–. Corpus del Español. www.corpusdelespanol.org/

Garachana Camarero, Mar. (ed.). 2017. *La gramática en la diacronía. La evolución de las perífrasis modales en español*. Madrid: Iberoamericana.

GITHE. 2015. Codea+ 2015. *Corpus de documentos españoles anteriores a 1800*. <http://www.corpuscodea.es>

Kabatek, Johannes. 2005. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis: Revista de lingüística y literatura* 29 (2), 151–177.

Koch, Peter & Oesterreicher, Wulf. 1990 [2007]. *Lengua hablada en la Romanía: español, francés, italiano*. Madrid: Gredos.

Labov, William. 2007. Transmission and Diffusion, *Language*, 83 (2), 344–387.

Thegel, Miriam. 2020. From obligation to volition: the diachronic development of *necesitar* ‘need to’ in the Spanish modal system. In: Rogier Blokland & Riitta-Liisa Valijärvi (eds.). *Där Östersjön är Västersjön*, 171–183. Uppsala: Uppsala University.

14. Touati, Elie Paul

Universidad de Turku

martes 16.08.2022, 15:00 – 16:30

La Haketía o el judeoespañol de Marruecos: lengua en peligro, objeto lingüístico y recuperación identitaria virtual

La Haketía fue el judeoespañol vernáculo hablado por los judíos expulsados de España y que se refugiaron en el norte de Marruecos (en ciudades como Tetuán o Tánger). Según Benoliel (1926:209), la Haketía “es un compuesto de castellano antiguo [...], de árabe, de hebreo [...]”. Es hoy en día una lengua en peligro de extinción (puesto 8 según la escala EGIDS adaptada en Vernon 2015). Sin embargo, en un afán de recobrar un idioma a punto de desaparecer y una identidad diluida en diferentes periferias (periodo "Sefarad III" en el paradigma cronológico de Kirschen 2015), los descendientes de familias haketío-parlantes se transforman en agentes activos, sobre todo en la red, en el proyecto común de salvación de la Haketía, de sus voces y de la cultura arraigada a ella. Mi ponencia participa de manera meta-discursiva de aquel proyecto extraterritorial. Consta de dos partes. Me propongo en la primera parte hacer un breve recorrido por los estudios académicos clásicos sobre la Haketía como las investigaciones inaugurales de Benoliel (1926-1952) o diccionarios como el de Bendelac (1995). En la segunda y central parte vendrá dada una atención peculiar a una figura de

proa de la Haketía, Solly Levy, autor oriundo de Tánger, mediante un análisis lingüístico, fonético y temático de una larga entrevista autobiográfica suya dada en la red.

15. Vázquez-Larruscain, Miguel

Universidad de Sør-Øst, Noruega

miércoles 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Español americano *vos te enojás* y Catalán *sense tu*. Dos cambios y una misma causa.

El presente trabajo analiza dos cambios morfológicos en los sistemas pronominales ibero-románicos. El primero es la aparición del voseo americano, donde, a partir del XVIII, las formas tónicas del “vos” clásico combinan con las formas clíticas del “tú” en un nuevo paradigma como formas de tratamiento informal (Fontanella de Weinberg 1978, entre otros).

(1)	nominativo	oblicuo	clítico argumental	clítico posesivo	posesivo tónico
vos	vos	vos	os	vuestro/a	vuestro/a
vos tuteante	vos	vos	te	tu	tuyo/a
tú	tú	ti	te	tu	tuyo/a

Por otra parte, tenemos también una innovación en el paradigma de segunda persona singular de tratamiento informal en catalán. En este caso, la forma tónica del sujeto “tu” se usa también como término de preposición, por ejemplo “sense tu” (Wheeler et alii.1999; Badia Margarit 1951).

(2)	nominativo	oblicuo	clítico argumental	posesivo
catalán antiguo	tu	ti/te	t(e)	ton/ta teu/teva
catalán moderno	tu	tu	t(e)	teu/teva

Proponemos que ambos cambios, aparentemente inconexos, responden en última instancia a nuevas presiones analógicas surgidas tras la creación de nuevos pronombres de plural en los siglos XVI-XVII en Iberia *nosotros/nosaltres*, *vosotros/vosaltres* y *ustedes/vostedes* (García et alii. 1990)

(3)	nominativo	oblicuo	clítico argumental	posesivo
vosotros formas innovadoras	vosostros/s vosaltres	vosotros/as vosaltres		
vosotros	vosotros/as vosaltres	vosotros/as vosaltres	os us	vuestro/a vostre/a
vos	vos vos	vos	vos us	vuestro/a vostre/a

Otras lenguas ibero-románicas conocen cambios similares en niveles orales del habla familiar, por las mismas causas. Cambios similares a (2) se dan también en el español americano popular (Kany 1951), así como en la primera persona del singular, *para yo*, -fenómeno con referencias antiguas en zonas leonesas (Zamora Vicente 1989), así como en hablas aragonesas, valencianas, catalanas y provenzales (Menéndez Pidal 1940).

LITERATURA

1. Ahnfelt, Vigdis

Karlstad Universitet

martes 16.08.2022, 13:00 – 14:30

El tema del perdón: los significados de la ironía en tres novelas de Óscar Esquivias

En la narrativa española de las últimas décadas, la Guerra civil (1936 – 39) constituye el fondo histórico de una gran cantidad de relatos que representan el trauma y sus repercusiones de maneras poco matizadas (Becerra 2015). Sin embargo, también se han publicado novelas que ofrecen otra interpretación, como la trilogía de Óscar Esquivias: *Inquietud en el paraíso* (2005), *La ciudad del Gran Rey* (2006) y *Viene la noche* (2007). El presente estudio se ocupa por tanto de analizar dichas novelas temáticamente. Así, la hipótesis es que en los textos se representa el tema del perdón por medio de varios niveles de ironía, siempre hacia la Iglesia Católica y otras instancias de poder en relación con el trauma histórico y acontecimientos posteriores hasta la democracia de hoy. Las novelas se analizan por las tres dimensiones de la ironía narrativa: la formal, que implica identificar los elementos lingüísticos y estilísticos del relato; la funcional, que contribuye a transmitir la visión del autor de la obra; y la dialógica, que depende de cómo se reconocen aspectos irónicos del tema (Tittler 1984). La problemática del perdón se estudia a partir del pensamiento de Jankélévitch (1999) y Améry (2004) que destacan la imposibilidad de perdonar ciertas atrocidades como las que se cometieron durante el régimen nazi, y de la discusión de Derrida (2001), según quien el perdón resulta ser una paradoja por el hecho de que lo imperdonable sea su condición necesaria.

Bibliografía

- Améry, Jean. Más allá de la culpa y la expiación. Tentativas de superación de una víctima de la violencia. Valencia: Pre-Textos. 2004 (1966).
- Becerra Mayor, David. La Guerra Civil como moda literaria. Madrid: Clave Intelectual. 2015.
- Derrida, Jaques. On Cosmopolitanism and Forgiveness. London: Routledge. 2001.
- Esquivias, Óscar. Inquietud en el paraíso. Madrid: Debolsillo. 2005.
— La ciudad del Gran Rey. Madrid: Debolsillo. 2006.
— Viene la noche. Madrid: Debolsillo. 2007.
- Jankélévitch, Vladimir. Forgiveness. Chicago: University of Chicago Press. 1999 (1967).
- Tittler, Jonathan. Narrative Irony in the Contemporary Spanish-American Novel. London: Cornell University Press. 1984.

2. Aldunate, Claudio Cifuentes

Universidad de Estocolmo

miércoles 17.08.2022, 17.00 – 18.00

De exilio de la patria al exilio del ‘ser’. Desterritorialización y desemiotización del emigrado-exiliado.

En esta ponencia me propongo entrar en la problemática post-exilio del sujeto erradicado. La vivencia ambigua del estar sin estar que se inaugura en el territorio de recepción y que se prolonga en el territorio original del retorno, en el fenómeno llamado desexilio. El fenómeno se estudia a través de poesía, canción y en la literatura. Se trata de establecer una narrativa vital del proceso que experimenta el sujeto en eso de verse lanzado fuera de su territorio donde el territorio y el hecho de habitarlo adquiere sentido(s) en el momento exacto de perderlo. Se analiza el problema de ‘ser otro’ (allá) y de volverse otro acá, (en el retorno). La reflexión comprende una lectura sobre la otredad (Levinas) y el proceso de ‘otrización’, así como también incluye los considerandos existenciales (Sartre, Camus) que atañen estos procesos narrativos vitales que quedan escenificados en ficción y poesía, todo lo cual será visto a través de los componentes sémicos de cada momento del proceso de volverse ‘otro’ conservando, sin embargo, un ‘sí mismo’ que es la base que nos permite hablar de ‘otrización’ o proceso de alteridad.

3. González, Adri Mena

Universitetet i Bergen

miércoles 17.08.2022, 15.30- 16.30

¿Cómo se configura una negra cubana?: Revisitando subalternidad y el feminismo negro en la narrativa de Wendy Guerra e Inés María Martíatu.

La ponencia registra, en la obra de las escritoras cubanas de Wendy Guerra (1970-) e Inés María Martíatu (1942-2013), una tipología de personajes femeninos negros no antes vistos en la literatura de la isla: la subalterna (proteica) y la feminista negra (humanizada).

Con base en los principios teóricos de la subalternidad y el feminismo negro, se presenta un análisis de diversos procesos de identificación en la novela Negra (2010) y en la selección de cuentos Sobre las olas (2008) donde se advierte que estos nuevos tipos de personajes están reconfigurados, más que sobre la base de su relación con la opresión histórico-social a la que han sido sometidos; a partir de la auto representación, la fragmentación y la multiplicidad de estas identidades exponentes del carácter híbrido, diverso, íntegro, complejo, de la mujer afrocubana.

En la ponencia se explican estos procesos de identificación a través del análisis de estructuras de mentalización, de la ancestralidad como implemento para establecer modos propios de interpretación de la realidad y de los espacios urbanos con implicaciones que instrumentan la escogencia, agencia y libertad de estos personajes.

Así, por último, se expone de manera minuciosa el tratamiento por estas autoras de la sexualidad de la mujer negra cubana, hasta el momento solo pretendida en la narrativa de la isla con una función exclusivamente relacional; desde una perspectiva en la que logran catapultar a sus personajes al espacio de la sexualidad como conformación individual. Ese donde el state of being de la negra cubana se rehace a partir de los rasgos (de)constructivos de su identidad.

La ponencia concluye que los personajes femeninos negros en la obra de Wendy Guerra e Inés María Martíatu no se limitan al hecho recurrente de quedar visibilizados y reivindicados desde la narrativa, sino que cuestionan su propósito de vida inherente a una búsqueda constante, una pesquisa iterativa más allá de la “experiencia” de ser mujer negra, en primera instancia, para traer de vuelta al ente al que, básicamente, solo le preocupa su felicidad.

4. Hólmfríður Garðarsdóttir

Universidad de Islandia

miércoles 17.08.2022, 15.30- 16.30

Siguen sintiéndose aisladas: Los sujetos femeninos en la nueva narrativa argentina

Las miradas críticas expuestas en la narrativa reciente de Claudia Aboaf, como en su trilogía Pichonas (2014), El rey del agua (2016) y El ojo y la flor (2019), y de Cristina Civalé en Una historia familiar (2016), Microfelicidad y otros relatos (2013), Las tipas (2014) y Cuentos alcohólicos (2009), revelan una comunidad poco complaciente para sus protagonistas, representando el sujeto femenino urbano del momento. Su posición marginal, su otredad, y su lucha por ser reconocida por quién y cómo es desmantela el progreso atrasado de la sociedad argentina en cuanto a la equidad de género al comienzo de un nuevo siglo.

Por medio de una voz narrativa poética de Aboaf y humorística, si no sarcástica, de Civalé plantean sus perspectivas renovadoras al interesarse por los grupos sociales marginales y observarlos en su relación con el espacio geográfico urbano. Las cuestiones de las relaciones entre fenómenos subculturales y el desarrollo urbano son centrales en sus obras. Por medio de cruce de miradas

introduce la posible „mejora“ como una construcción dinámica al conceptualizar un posible utopismo como transgresivo. Cuestiona los códigos de la cultura mainstream para crear espacios específicos ocupados por el sujeto femenino – todavía aislado y „otro“– pero desde sus propias enunciaciones del entorno.

5. Izquierdo, José María

Universidad de Oslo

martes 16.08.2022, 13:00 – 14:30

Tres mini bancos de datos

Las bibliotecas universitarias son valiosas instituciones para la enseñanza, formación, divulgación e investigación. En gran medida pueden realizar, como en el caso que presentaremos en esta comunicación, pequeñas actuaciones como la elaboración de bibliografías electrónicas para facilitar el acceso a fuentes referidas a temas concretos o para visualizar el tamaño local de algún objeto de estudio. En esta comunicación presentaremos los bancos de datos *Letras*, *MVM* y *Fremmedspråk og fremmedspråkundervisning* elaborados por la Biblioteca de Humanidades y Ciencias sociales de la Universidad de Oslo. El primero de ellos recoge información sobre las traducciones al noruego de obras literarias escritas en español. El segundo se especializa en la recogida de literatura secundaria especializada en la obra del escritor Manuel Vázquez Montalbán y el tercero recoge referencias bibliográficas de fuentes a partir del 1800, referidas a las lenguas extranjeras escolares (Alemán, Español y Francés) impartidas en Noruega.

6. Karakilinc, Hasan

Universidad de Islandia / Universidad de Toulouse II

miércoles 17.08.2022, 15.30- 16.30

El fanzine argentino Resistencia: contra-archivo de una interseccionalidad punk

El fanzine Resistencia, publicado en Buenos Aires a partir de diciembre del 1984, al año del retorno a la democracia, constituirá durante más de una década la principal herramienta de difusión de una radicalidad punk, junto a los panfletos y el corpus letrístico-musical producidos por los actores de la escena punk de Buenos Aires. Se trata de un verdadero contra-archivo cultural que se inscribe en la línea de una filosofía “hacelo vos mismo” y que circulaba en pocos ejemplares en los circuitos underground de la ciudad. Su pertinencia reside en su contenido crítico y sus propuestas de cambio social, económico y cultural. Por contra

archivo entendemos un archivo minoritario, efímero y subversivo, que da cuenta de formas de expresión cultural subalternas. Resistencia, del mismo modo que parte de la producción punk, corresponden a este cuadro por constituir un conjunto discursivo memorial procedente de una contracultura popular, subalterna y menor.

En esta ponencia se pondrá en evidencia el proceso de transformación ideológica enmarcado por los discursos interseccionales en gérmenes que encontramos en Resistencia. A partir del crudo nihilismo social heredado de una fase inicial en tiempos de dictadura militar, la escena se va politizando a través de los discursos nutridos por el anarquismo local y global. Además

de una crítica hacia las prácticas opresivas remanentes de la dictadura, Resistencia propone fomentar y articular progresivamente un foco de lucha de índole interseccional: feminismo, antirracismo, anti-homofobia, ecologismo, anti-especismo, entre otros. Si bien estas temáticas están abordadas de forma separada en las primeras ediciones, aparecen entrecruzadas para ofrecer a los lectores una visión más holista de los sistemas de dominación y opresión. Se analizará el alcance de estos discursos y su manifestación en un contexto socio-cultural marcado por la reemergencia de la democracia y el fantasma de la dictadura.

7. Kleveland, Anne Karine

NTNU, Oslo

jueves 18.08.2022

El movimiento lúdico en la ensayística de Hugo Hiriart

Nacido en la ciudad de México en 1942, Hugo Hiriart Urdanivia luce, a la vez, los atributos de escritor, pensador, dramaturgo, actor de teatro, cineasta, pintor, columnista y entrevistador para diversos programas culturales de televisión. Durante años fue director del Instituto de Cultura del Consulado de México en Nueva York y en la actualidad ejerce como académico en la Ciudad de México. En las vísperas de cumplir setenta años, Christopher Domínguez Michael afirmó que "Pocas personas hay más queridas y admiradas en el reino de la literatura mexicana que Hugo Hiriart" (*Letras Libres*, 8 de abril, 2012). A pesar de este reconocimiento en el ámbito nacional, Hiriart nunca ha obtenido fama internacional.

La condición polifacética de su obra encierra dos puntos clave en su inquietud artística: la búsqueda de la libertad y el juego. Hiriart aparece como un creador que se niega a estancarse en las disciplinas tradicionales. Defiende su derecho a saltar de destreza en destreza. Transgrede, además, los géneros y convenciones desde adentro, resultando en obras tan extravagantes como el Museo Metafórico de Ramón López Velarde, una sorprendente combinación entre palabra y artes plásticas, elaborado junto con Guillermo Sheridan, y el libro *Learning Spanish Writing Poetry* (2005). La transgresión genérica es, asimismo, un ingrediente fundamental en *Disertación sobre las telarañas y otros escritos* (1980), su primera obra ensayística. Usando estas páginas como punto de partida, la presente comunicación indagará en la ensayística del mexicano, enfocando en los temas del movimiento y el juego como vehículos para el pensamiento filosófico.

8. Kjelsson, Linnea

Universidad de Estocolmo

miércoles 17.08.2022, 17.00 – 18.00

En las huellas del silencio: precariedad, memoria y nostalgia reflexiva en La filial de Matías Celedón

Como ha explicado el filósofo mexicano Luis Villoro, el silencio señala los límites esenciales de la palabra, pero también indica la pura presencia, inexplicable, de las cosas (1996: 74-75). El silencio no es sólo ausencia de ruido, sino que funciona como signo y en constante dialéctica con la palabra. ¿Pero cómo traslada un escritor el silencio a un texto, si en la anunciación de la palabra este se rompe? El manejo del silencio y el desafío de hablar de aquello que no se puede expresar con palabras, lo inefable, es un tema recurrente en la novela *La filial* (2012) del escritor chileno Matías Celedón (n. 1981). Entre el 5 y el 18 de junio de 2008, tiempo en que se narra la historia, un apagón eléctrico corta la luz y la línea telefónica en un edificio bajo el nombre de la Filial. Para dejar constancia, el personaje principal acude a un sello para documentar diálogos interrumpidos e interacciones violentas y sexuales entre los empleados, todos mutilados de alguna manera y reducidos al nombre asignado: la sorda, el cojo, el manco, el tuerto, la ciega y la muda. Las repetidas referencias al corte —la mutilación corporal y el mutismo— subraya una condición precaria compartida por los empleados en su encierro. El silencio abunda en lo no dicho, en la elipsis y en la falta de explicaciones, que produce una permanente tensión, pero que también remite a una realidad chilena marcada por lo que no se cuenta: las huellas de la dictadura chilena. Esta comunicación propone analizar la condición precaria (Butler 2006) y la reflexión crítica a la memoria en la obra de Celedón para argumentar cómo se establece una continuidad en el tiempo desde los desaparecidos políticos de la dictadura hasta sus hijos que heredan el trauma, pero también sufren una desaparición simbólica como empleados precarios condicionados por la crisis económica. Se propone además una indagación en la técnica narrativa del sello como una estética institucional o fabril, pero también un procedimiento analógico que podría corresponder a una nostalgia reflexiva (Boym 2001) en sentido de que no sigue un único argumento, sino que explora formas de habitar varios lugares simultáneamente e imaginar diferentes espacios temporales.

Breve bibliografía:

Boym, Svetlana. *The Future of Nostalgia*. New York: Basic Books, 2001.

Butler, Judith. *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós, 2006. Celedón, Matías. *La filial*. Santiago de Chile: Alquimia, 2012.

Villoro, Luis. *La significación del silencio*. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1996.

9. Olivera, Juanita

Universidad de Umeå

jueves 18.08.2022, 17:30 – 18:30

La onomatopeya y su función poética en la traducción de poesía

En la traslación de sonidos naturales, de los ruidos del mundo que nos rodea, ocurre que encontramos formas diversas para hacer referencia al mismo sonido en distintos idiomas. La onomatopeya, palabras que imitan o recrean en forma fónica el sonido de lo que designan, han sido un dispositivo

poético funcional que goza de una gran significación sonora en la poesía de muchas lenguas. Sin embargo, poco se ha estudiado la función poética -como la define Jakobson- que estas puedan tener en un poema o para la poética y menos aún en la traducción de poesía. La dificultad recae, en principio, en que la transliteración de sonidos en un idioma se rige por las normas fonéticas y de comprensión de un sistema lingüístico (Márquez Prieto 2016) y a la vez por las forma indirecta o extrañante en las que la poesía enuncia y aprehende la realidad (ver Aristóteles 1974, Paz 1956, Rifaterre 1978). En el caso que nos compete, las onomatopeyas y su traslación entre dos o más sistemas lingüísticos, se le suma una dificultad y consiste en que las configuraciones sonoras en la poesía hacen parte de la dimensión semántica y tienen que ver con la afectividad del lenguaje. Es decir, la disposición de los elementos lingüísticos, fónicos y rítmicos en el poema se presentan como un objeto estético con connotaciones emocionales, por lo que esos “íconos fónicos” por usar un término de Ávila Rubio, implican nuevas posibilidades interpretativas en un poema traducido. En este artículo quisiera exponer algunos ejemplos de soluciones que poetas traductores hallan para las onomatopeyas en la traducción al español de *The Waste Land* de T.S. Eliot y *Ulyses* de James Joyce y formular a partir de esto una noción de su función poética en la traducción de poesía.

10. Salkjelsvik, Kari Soriano

Universitetet i Bergen

martes 16.08.2022, 13:00 – 14:30

José María Lacunza y el Conde de la Cortina: historiografía y sensibilidades conservadoras en el siglo XIX mexicano

En este trabajo gira en torno a lo que se conoce como el primer debate sobre teoría historiográfica y los valores de la historia en México, un intercambio de seis cartas que tuvo lugar en la prensa en 1843 entre José María Lacunza (1809-1869) y el Conde de la Cortina (1799-1860). Para la crítica, este debate revela, ante todo, la importancia de la historia en el contexto educativo de mediados de siglo, ya que la primera carta la escribió Lacunza cuando tomó cargo de la cátedra inaugural de Historia de México. No obstante, quiero sugerir que este intercambio también visibiliza dos imaginaciones diferentes sobre la historiografía de la joven nación.

En particular quiero explorar la conceptualización cultural de la historia de México que informa el discurso de Lacunza, prestando atención a la manera en que argumenta por la legitimidad tanto política como de filiaciones étnicas del país. Lacunza, arguyo, responde en sus cartas no solo al Conde, sino también a las amenazas que percibe en los nuevos proyectos constitucionales, de igualitarismo, de centralización política y de secularización que trajeron consigo el liberalismo mexicano. A partir de las teorías de filósofos conservadores de la época, en especial David Hume y Edmund Burke, y de la noción de “sensibilidades conservadoras”, arguyo que la visión de la historia de Lacunza se ancla fuertemente en la tradición católica hispana, haciendo ecos de la historiografía grecorromana y presentando un curioso entusiasmo por lo germánico. Es más, su vuelta al pasado en búsqueda no solo de los orígenes nacionales, sino también de inspiración y modelos sobre los cuales construir el

proyecto social y político del presente, representa una propuesta organicista de la historia bañada en sensibilidades conservadoras.

PRENSA

1. Muñiz, Iris

Universidad de Oslo

jueves 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Mujer, periodista y extranjera: negociación de la identidad nacional y de género en los reportajes de la guerra civil de Gerda Grepp y Lise Lindbæk

Por razones geográficas, históricas y políticas, las relaciones culturales y lingüísticas entre Noruega y España han sido bastante limitadas. Sin embargo, la Guerra Civil Española fue un punto álgido en estas relaciones: aunque fueron relativamente pocos voluntarios noruegos que participaron en las Brigadas Internacionales (unos 200), en Noruega floreció un interés muy vivo por la causa española, interés que se se manifestó no solo en términos económicos (como las campañas de donación encabezadas por Den norske hjelpekomiteen for Spania), sino también en la estrecha cobertura de prensa, la proliferación de mítines políticos con oradores invitados y la sorprendente cantidad de publicaciones, incluidos originales y traducciones de poemas y otros libros de ficción y no ficción.

En Noruega, Lise Lindbaek es habitualmente considerada la primera corresponsal de guerra, título que corresponde con más justicia a la casi desconocida Gerda Grepp, quien llega a España a comienzos de octubre de 1936, siendo la segunda mujer de cualquier nacionalidad en llegar al país para cubrir la guerra, mientras que Lindbaek lo hace durante las navidades de ese mismo año. Entre ambas, trabajando a periodos alternos entre octubre de 1936 y diciembre de 1938, para los periódicos *Dagbladet* y *Arbeiderbladet* respectivamente, cubren casi todos los momentos determinantes de la guerra, incluyendo la caída de Málaga y Bilbao, los bombardeos continuos de Madrid y Barcelona y visitas al frente en distintos puntos del territorio. Lindbaek vivió durante meses con las tropas, desplazándose con ellos y compartiendo techo, comida, penurias y conversación diaria.

El objetivo de esta presentación es estudiar la representación nacional y de género en los reportajes, es decir, de qué forma, directa o indirectamente, reflexionan ambas sobre lo que significa ser noruega/nórdica (frente a las mujeres españolas) y su papel como periodistas. Para ello, rescataré fragmentos de sus artículos inéditos que estoy editando y traduciendo para publicar en español.

2. Izquierdo, José María

Universidad de Oslo

jueves 18.08.2022, 11:00 – 12:30

La recepción de la Guerra civil española en Noruega a través de la prensa de la época

En esta comunicación presentaré cómo se recibió la información llegada de España acerca de su Guerra civil y su posguerra bajo el franquismo. Trataré de cómo los aspectos ideológicamente sesgados, los bulos y la desinformación fueron utilizados estableciéndose un imaginario performativo aún vigente en nuestros días. Al mismo tiempo informaré acerca de la labor de algunas corresponsales noruegas que cubrieron el conflicto iniciando el moderno periodismo de guerra noruego. Comentaré también la internacionalización del conflicto en una Europa en tiempos prebélicos basándome en artículos, noticias y anuncios aparecidos en la prensa mencionada.

DIDACTIQUE

1. Bladh, Elisabeth

Université de Stockholm

mercredi 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Le podcast comme outil pédagogique dans l'enseignement des langues à l'université

De nos jours, le podcast n'est pas seulement un passe-temps apprécié mais également un outil pédagogique, aussi au niveau universitaire. De manière générale, il y a plusieurs avantages à apprendre une matière en écoutant un podcast: l'écoute est instinctive (par opposition à la lecture, qui doit être enseignée), elle facilite pour les étudiants dyslexiques, les mains et les yeux peuvent être utilisées à d'autres activités, elle est socialement acceptée (par exemple lors des déplacements) et correspond bien à notre style de vie (la plupart des gens ont un smartphone) (Clark & Wash 2006, cité dans Rosell-Aguilar 2007: 480).

Dans cette communication, nous nous proposons de présenter et d'évaluer un podcast que nous avons développé avec quelques collègues à l'Université de Göteborg à l'occasion de la réintroduction en 2018 de nos cours de français au niveau débutant. Intitulé « Lär dig franska: språk, kultur, vett & etikett », ce podcast met l'accent sur les différences culturelles entre la Suède et la France en discutant un certain nombre de sujets traités dans le cours, tels que les formules d'adresse, la prononciation, la gastronomie, les sorties, etc. Comme il s'adresse à des débutants sans aucune connaissance préalable de français, les enseignants parlent avant tout en suédois dans ce podcast.

Lors de notre présentation, nous ferons, d'une part, un état de lieu des podcasts disponibles sur le net s'adressant à un public d'apprenants de français. Ensuite, nous présenterons une enquête que nous avons menés auprès des étudiants inscrits au cours.

Références

Bladh, Elisabeth et al. *Lär dig franska : språk, kultur, vett & etikett*. <https://soundcloud.com/user-192310065>

Rosell-Aguilar, Fernando. 2007. Top of the Pods – In Search of a Podcasting "Podagogy" for Language Learning. *Computer Assisted Language Learning*, 20:5, 471–492.

2. Ingibjartsdóttir, Ásta

Université d'Islande

jeudi 18.08.2022, 15:30 – 17:00

La pratique théâtrale.

Jouer, expérimenter, apprendre.

La pratique théâtrale est à notre avis une source fructueuse pour l'enseignement des langues. Nombreux sont les enseignants qui, d'une façon ou d'une autre, puisent dans le monde du théâtre pour leur travail. Nous en faisons partie.

Depuis 2007 nous proposons un cours de théâtre aux étudiants d'études française à l'Université d'Islande mais également un cours proposé à tous les étudiants en langues étrangères et secondes.

Dans cette communication nous allons, à travers un espace pédagogique particulier, basé sur l'approche de Gisèle Pierra et illustrée dans son livre, *Une esthétique théâtrale en langue étrangère*, voir à quel niveau un apprentissage a lieu et de quel manière et plus particulièrement au niveau de l'oral.

C'est très important de créer et protéger un espace pour une pratique théâtrale et d'autres arts dans l'enseignement/apprentissage des langues étrangères où il semblerait que l'enseignement/apprentissage prenne de plus en plus la valeur de « management », laquelle valeur s'opposerait à notre valeur d'enseignant en langue étrangère.

3. Lindschouw, Jan

Université de Copenhague

jeudi 18.08.2022, 15:30 – 17:00

L'acquisition de la compétence écrite en français en Terminale et en première année à l'université – perspectives introspectives

Le but de la présente communication est double. Dans un premier temps, elle se propose d'étudier dans quelle mesure les lycéens danois en Terminale apprennent les compétences écrites requises afin de pouvoir poursuivre leurs études de français dans l'enseignement supérieur, notamment universitaire. Dans un deuxième temps, elle a pour but d'examiner les réussites, de même que les défis relatifs à l'apprentissage de la compétence écrite en Terminale et en première année à l'université. Des études récentes ont montré que les étudiants rencontrent des difficultés dans le domaine de l'écrit, lorsqu'ils commencent leurs études universitaires, et ces difficultés peuvent avoir des effets négatifs sur la réussite de leurs études (Frier 2015 : 34).

La compétence écrite est primordiale pour l'acquisition d'une langue étrangère. Wolff (2000) n'hésite pas à constater que l'écrit constitue la compétence la plus importante parmi les quatre compétences linguistiques, dans la mesure où c'est une activité cognitive plus complexe et plus exigeante que la compétence orale. Elle oblige en outre les apprenants à préciser leurs pensées et à mettre l'accent sur la forme linguistique, ce qui est capital pour le développement de l'interlangue des apprenants en L2

(Swain 1995). L'écrit contribue également au développement de la compétence discursive, qui constitue une des quatre sous-compétences de la compétence dite *communicative* (Canale 1983, Martinez 1996 : 77, Lund 2019 : 107).

En Lindschouw (à paraître), nous avons analysé, selon un angle purement empirique (Wallace 1998 : 39), des rédactions produites par des lycéens en Terminale, qui étaient subséquemment comparées avec des travaux écrits rédigés par des étudiants de français en première année de l'Université de Copenhague. L'étude témoigne de certains défis d'ordre grammatical, sociolinguistique, discursif et stratégique chez les apprenants des deux niveaux éducatifs. Dans la présente étude, nous nous proposerons, en revanche, de répondre aux deux questions de recherche évoquées ci-dessus selon un angle essentiellement introspectif (Wallace 1998 : 39) : nous allons plus précisément étudier les réussites ainsi que les défis liés à l'apprentissage de l'écrit au moyen d'une série d'entretiens partiellement structurés avec des enseignants de français au lycée et à l'université et avec des lycéens et des étudiants universitaires. A partir de cette analyse, nous nous proposerons de formuler des recommandations facilitant la transition entre le lycée et les études supérieures pour ce qui est de l'apprentissage de la compétence écrite.

Bibliographie

Canale, M. (1983). « From communicative competence to communicative language pedagogy » in Richards, J.C. & R.W. Schmidt (éds) : *Language and Communication*. London : Longman, pp. 2-27.

Frier, C. (2015). « Les défis de l'enseignement supérieur et l'état des recherches sur les littéracies universitaires » in Boch, F. & C. Frier (éds) : *Écrire dans l'enseignement supérieur. Des apports de la recherche aux outils pédagogiques*. Grenoble, Ellug, pp. 25-52.

Lindschouw, J. (à paraître). « L'acquisition des compétences grammaticales, sociolinguistiques, discursives et stratégiques par des apprenants du FLE danophones en contexte de transition » in Helland, H.P., Stenklov, N., Larrivée, P. & Bang Nilsen, C. (éds) : *Apprenants scandinaves du français* (titre provisoire). Caen, Université de Caen.

Lund, K. (2019). « Fokus på sprog » in Søndergaard Gregersen, A. (éd.) : *Sprogfag i Forandring – Pædagogik og Praksis*. Bind 1. Frederiksberg : Samfundslitteratur, pp. 87-127.

Martinez, P. (1996). *La didactique des langues étrangères*. Paris : PUF.

Swain, M. (1995). « Three functions of output in second language learning » in Cook, C. & B. Seidlhofer (éds) : *Principles and Practice in Applied Linguistics*. Oxford : Oxford University Press, pp. 125-144.

Wallace, M.J. (1998). *Action Research for Language Teachers*. Cambridge : Cambridge University Press.

Wolff, D. (2000). « Some reflections on the importance of writing in foreign language learning » in Plag, I. & K.P. Schneider (éds) : *Language Use, Language Acquisition and Language History*. Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 213-226.

4. Listhaug, Kjersti Faldet

Université norvégienne des sciences et technologies, NTNU
vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Acquisition de la position du verbe fini en français langue troisième

Nous présenterons une étude de l'acquisition de l'ordre de mots en français langue troisième (L3) par des locuteurs natifs de norvégien (L1) ayant l'anglais comme leur deuxième langue (L2).

Le norvégien est une langue V2 où le verbe fini monte à C, apparaissant ainsi en seconde position dans les propositions principales avec un élément topicalisé (1b) ainsi que dans celles avec un adverbe comme *toujours* (2b). En anglais, le verbe fini reste dans VP, apparaissant dans la troisième position dans les deux constructions (1c, 2c). En français, le verbe monte à I et apparaît en troisième position dans les constructions topicalisées (1a), en seconde position dans les constructions avec un adverbe (2a).

1. a. *Le lundi, je mange* des tacos. (Élément topicalisé, sujet, **verbe fini**) b. *På mandager spiser jeg* taco.
c. *On Mondays I eat* tacos.
2. a. *Je mange toujours* à 19 heures. (Sujet, **verbe fini**, *adverbe*)
b. *Jeg spiser alltid* klokka 19.
c. *I always eat* at 7 o'clock.

Les modèles d'acquisition d'une L3 privilégiant la L1 comme source de transfert (Herms, 2010) prédiraient un transfert non-facilitant pour les constructions dans 1, facilitant pour celles dans 2, tandis que ceux privilégiant la L2 comme source (Bardel & Falk, 2012), prédiraient l'opposé.

Des lycéens (âge 16-17) ayant appris le français depuis 0,5-4,5 ans (N=130) ont complété des tests de jugement d'acceptabilité (48 phrases ; 24 cibles, 24 distracteurs) et en L3 et en L2. Pour chacune des structures, nos résultats montrent une certaine insécurité plutôt qu'une préférence attestée pour l'ordre soit V2, soit V3, aux premiers stades. Plus tard, il y a développement vers une performance cible pour la construction dans 1, mais non pour celle dans 2. Ces résultats seront discutés compte tenu de théories de transfert en L3.

5. Helland, Hans Petter & Stenkløv, Nelly Foucher

Université d'Oslo, Université norvégienne des sciences et technologies, NTNU
vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

L'acquisition de la subordination relative en français par les apprenants norvégiens adultes : Une étude de corpus

Notre communication rendra compte d'un projet en cours sur l'acquisition de la subordination relative en français par les apprenants norvégiens adultes.

L'une des propriétés caractéristiques des langues humaines est la capacité d'enchâsser des structures. La subordination relative implique des enchâssements qui se construisent assez différemment en norvégien et en français. Pour cette raison, un regard quantitatif et qualitatif sur l'usage des subordonnées relatives par les apprenants du français en Norvège permettra de mesurer la maturité syntaxique des apprenants.

La question des transferts, le rôle de l'immersion et la contribution de l'explication syntaxique de type contrastif constituent les trois paramètres de l'acquisition des langues étrangères sur la base desquels nos hypothèses ont été formulées. Une batterie de tests a été élaborée en conséquence et soumise en trois temps de l'année 2018-2019 aux étudiants norvégiens en première année de français à Oslo, Trondheim et Caen.

Suite à une courte présentation des différents tests que nous avons construits et des intentions qui en motivent la forme, nous dégagerons quelques premières conclusions, autant de pistes d'analyses concernant la typologie des erreurs, la comparaison de maîtrise entre les groupes, la progression des apprenants durant l'année et les divergences éventuelles de prestations selon la forme des exercices du corpus.

6. Stridfeldt, Monika

Högskolan Dalarna

mercredi 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Influence de l'effacement du schwa sur la perception de la parole chez les apprenants suédophones de FLE

Dans cette communication, nous nous proposons de présenter les résultats d'une étude sur l'influence de l'effacement du schwa sur la perception de la parole chez des apprenants suédophones. Le schwa, également appelé *e muet* ou *e caduc*, fait partie des difficultés que rencontrent les apprenants, aussi bien en production qu'en perception. En utilisant des tests de répétition de mot et de décision lexicale, nous avons montré (Stridfeldt 2005) que les mots dans lesquels le schwa est effacé sont plus difficilement reconnus par les apprenants. Dans une étude de Nouveau (2012) avec des apprenants néerlandophones, l'effacement du schwa a causé des erreurs d'interprétation lexicale chez les apprenants (ex. *le refuge* a provoqué des transcriptions comme *leur fuge* et *l'heurefuge*). Selon Nouveau, la connaissance lexicale joue un grand rôle, les mots déjà connus des apprenants ayant été beaucoup mieux reconnus.

La présente étude vise à examiner de plus près l'influence de l'effacement du schwa sur la perception de mots qui sont supposés être connus des apprenants suédophones. Nous voulons également étudier l'effet de la direction de rattachement de la consonne initiale du substantif lors de l'effacement. En effet, Racine et Grosjean (2000) ont montré que, lorsque le schwa est effacé dans un groupe de deux mots (déterminant + substantif), la consonne initiale du substantif peut se rattacher soit à gauche, avec le déterminant (ex. *la recette* prononcé [laʁ.set]), soit à droite, avec la deuxième syllabe du substantif

(ex. *la pelouse* prononcé [la.pluz]). Comme le rattachement à gauche ne respecte pas l'unité du mot, nous faisons l'hypothèse qu'il compliquera la reconnaissance des mots pour les apprenants.

A l'instar de Nouveau (2012), nous allons utiliser une tâche de dictée dans laquelle les apprenants doivent transcrire orthographiquement les items (composés d'un déterminant suivi d'un substantif) qui leur sont dictés et les traduire en suédois. Les items (ex. *le ch(e)min*) seront prononcés avec effacement du schwa et présentés dans un ordre aléatoire par une locutrice francophone native. Certains items seront prononcés avec effacement du schwa et rattachement à droite tandis que d'autres seront produits avec effacement du schwa et rattachement à gauche.

7. Pettersen, Espen Klævik & Wulle, Ida Marie

Universitetet i Agder

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

L'omission de *que* chez les apprenants norvégiens de français langue étrangère

Dans cet article, nous nous proposons de présenter et d'analyser l'omission du mot connecteur *que* dans un corpus de textes produits par des apprenants norvégiens de français langue étrangère aux niveaux du lycée et de la première année universitaire. L'omission de *que* (signalée par un tiret bas) touche à la fois le complémenteur tête d'une subordonnée complétive (1a), le pronom relatif (1b), et des subordonnants complexes introduisant une subordonnée circonstancielle (1c):

(1) a. On peut dire _ on avait souhaité une connexion originale

b. C'est une marque _ beaucoup des gens connaissent

c. Avant _ les Francs et les Romains s'installent en le territoire [...], le même territoire s'est installé par les Gaules

Il y a lieu de croire qu'il s'agit d'un *transfert* (Liming et Odlin, 2016) de la L1 (norvégien) ou de la L2 (généralement l'anglais), ou l'omission en question est fréquente pour les trois constructions (Cacoullos et Walker, 2009). Cependant, la non-omission reste également très répandue dans notre corpus. En nous basant sur une analyse quantitative et qualitative de chaque construction, nous examinerons si l'omission de *que* est influencée par l'environnement structurel et/ou par des facteurs lexicaux et sémantiques.

Bibliographie

Cacoullos, R. T. et J. Walker (2009). "On the persistence of grammar in discourse formulas : A variationist study of *that*". In : *Linguistics* 47.1, p. 1-43.

Liming, Y. et T. Odlin, éd. (2016). *New perspectives on transfer in second language learning*.

8. Stenkløv, Nelly Foucher & Vauclin, Sophie

Université norvégienne des sciences et technologies, NTNU

jeudi 18.08.2022, 15:30 – 17:00

Présentation du processus d'élaboration d'un site de ressources d'enseignement du français

Nous présenterons ici un processus original de conception d'un site de ressources d'apprentissage du français destiné aux Norvégiens, dont le caractère innovateur réside dans une collaboration étroite entre une équipe d'enseignants-chercheurs de l'Université des techniques et des sciences de Norvège (NTNU) et six enseignants de lycées et collèges avoisinants.

Suite au constat d'un niveau de maîtrise du français souvent trop faible chez les futurs enseignants de français en formation didactique à NTNU, notre groupe s'est lancé dans l'élaboration d'une plateforme de ressources, FRANOR, destinée à accompagner les apprenants dans les domaines que les cadres horaires limités en salle de classe les empêchent d'approfondir, de contrôler et de consolider (prononciation, syntaxe, vocabulaire, morphologie etc.). La conception de FRANOR repose sur la conviction que tout enseignement doit solliciter une participation active de l'apprenant. Pour ce faire, dans une veine constructiviste, nous avons défini notre travail dans un cadre de collaboration avec des enseignants en collèges et lycées disposés à faire tester les premiers chapitres de la plateforme par leurs élèves et, conséquemment, favorables à une réflexion sur le processus d'apprentissage et à une remise en question de leurs propres pratiques d'enseignement du français.

Notre communication consistera ainsi en une brève présentation du site FRANOR et des premières expériences liées aux étapes du travail collaboratif dont il est issu - utilisation de la plateforme, retours, amélioration du site, élaboration d'un guide de l'enseignant - ainsi qu'aux dilemmes et choix qui jalonnent notre cheminement.

9. Brkan, Altijana & Vold, Eva Thue

Université de Oslo

mercredi 17.08.2022, 11:00 – 12:30

L'enseignement de la prononciation du français langue étrangère dans un contexte d'enseignement communicatif des langues : quantité, pratiques d'enseignement et de correction

Il est généralement admis que l'enseignement de la prononciation devrait faire partie intégrante de l'enseignement des langues dans un contexte d'enseignement communicatif. Le but de cette étude est d'examiner combien de temps les enseignants consacrent à l'enseignement de la prononciation, comment les enseignants travaillent avec la prononciation et comment ils corrigent les erreurs de prononciation des élèves pendant les cours. Les données consistent en 45 cours de français langue étrangère enregistrés sur vidéo dans six collèges en Norvège.

Nous avons analysé les enregistrements vidéos des cours en fonction de la quantité du temps consacré à l'enseignement de la prononciation, des pratiques d'enseignement de la prononciation et des techniques de correction de la prononciation. Les résultats indiquent que : 1) en moyenne, 2 % du temps total d'enseignement est consacré à la prononciation, 2) l'enseignement explicite et planifié de la phonétique et de la prononciation est quasi-absent 3) de nombreuses erreurs de prononciation ne sont pas corrigées et lorsque les enseignants corrigent les erreurs, ils utilisent surtout des reformulations explicites et des répétitions. Nous discutons des conséquences du manque d'enseignement systématique et explicite de la phonétique dans une classe de langue étrangère et de l'importance d'autres techniques de rétroaction correctives telles que la correction explicite d'une erreur, la demande de clarification et l'indice métalinguistique.

DISCOURS

1. Buchart, Mélanie

Université de Helsinki - Finlande

jeudi 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Rhétorique argumentative et ethos discursif dans *Les Identités meurtrières*.

Dans son essai publié en 1998, *Les Identités meurtrières*, Amin Maalouf, écrivain de langue maternelle arabe et d'expression française, rejette avec force toute tentative de réification identitaire à son encontre. A travers son expérience personnelle, l'écrivain vise à invalider l'idée de la réduction identitaire à une seule appartenance prédominante (religion, nationalité, ethnie, etc) et à démontrer la dangerosité de cette conception.

Nous pensons que Maalouf, à l'instar du sociologue Bauman, s'inscrit dans le paradigme de la liquidité identitaire. En effet, cette appréhension postmoderne d'une identité mouvante, composite mais non compartimentée empêche toute essentialisation, nationalisation et catégorisation des individus. Toutefois, Maalouf (1998 : 154) distingue la langue des autres appartenances possibles car elle demeure pour lui le « pivot de l'identité culturelle » et ainsi, l'une des composantes les plus déterminantes de l'identité.

Nous proposons par conséquent d'analyser de façon distincte le discours de cet écrivain francophone sur l'identité et celui sur la langue française. Notre objectif est de révéler la rhétorique argumentative mise en place par l'essayiste pour défendre son positionnement sur la notion d'identité. Pour ce faire, nous aurons recours à la fois à l'énonciation et à la rhétorique (modalisateurs, subjectivèmes, types d'arguments). En effet, à travers son argumentation, l'ethos (au sens d'Amossy, « présentation de soi ») idéologique de l'auteur se révèle, ce qui confère à son discours autorité et crédibilité. Par ailleurs, l'ethos qu'il revendique sert son argumentation et la renforce. L'expérience personnelle de l'auteur universalise son discours lorsqu'il invite par exemple son lecteur à « concevoir son identité comme étant la somme de ses diverses appartenances, au lieu de la confondre avec une seule, érigée en appartenance suprême [...] en instrument de guerre » (Maalouf, 1998 : 183). Ainsi, nous

présenterons les mécanismes discursifs et argumentatifs qui permettent à l'auteur d'obtenir l'adhésion du lecteur, de soutenir cette définition de l'identité, et en filigrane, de révéler la sienne.

Bibliographie indicative

Amossy Ruth (2010). *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*. Paris : PUF

Amossy Ruth (2012). *L'argumentation dans le discours*. Paris : Armand Colin

Bauman Zygmunt (2001). *Culture in a Liquid Modern World*. Cambridge: Polity Press

Kerbrat-Orecchioni Catherine (2009 [1999]). *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris : Armand Colin

Maalouf Amin (1998). *Les Identités meurtrières*. Paris : Grasset & Fasquelle

Maingueneau Dominique (2005). *Pragmatique pour le discours littéraire*. Paris : Armand Colin

2. Käsper, Marge

Université de Tartu (Estonie)

jeudi 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Discours de crise, « crise » en discours

Au cours de l'année 2019, on a pu lire dans le Monde qu'il y a une « crise » à Hongkong, une autre dans les hôpitaux en France ; à Ivry, « la crise s'accroît » et en Belgique, il y aurait « une quatrième tentative pour sortir de la crise ». Le Monde suit la « crise grecque » et la « crise argentine », et évidemment celle des gilets jaunes en France. L'agriculture serait dans « une crise existentielle » et un débat du Monde Festival demande « D'où viendra la prochaine crise ? ». Vu encore « la crise alimentaire en Somalie », « la crise des commerces au Royaume-Uni », « la crise démocratique en Europe », sans parler d'une « crise sociale » évoquée en permanence, le lecteur pourra bien finir par être « hospitalisé après une crise cardiaque ». Au moins, on saura qu'il n'y aurait « pas de crise pour le chrysanthème ».

Je présenterai un projet qui se focalisera sur cette omniprésence du discours de crise dans les sociétés actuelles et l'étudiera du point de vue de l'impact affectif sur les publics (cf. *crisis ordinariness*, Berlant 2011). L'un des moyens pour cartographier l'étendu et les formes d'un tel discours est notamment d'y employer l'analyse du discours à l'entrée lexicale (Née et Veniard 2012). La contribution présentera l'analyse des emplois du mot « crise » dans le Monde au cours de 2019 (plus de 4000 occurrences) tant en ce qui concerne les types de contenu que de modalités constructionnelles.

Références

Berlant, L. 2011. *Cruel Optimism*. Durham: Duke University Press.

Née, É. et Veniard, M. 2012. Analyse du Discours à Entrée Lexicale (A.D.E.L.): le renouveau par la sémantique ?. *Langage et société*, no 140, (2), 15-28. doi:10.3917/lis.140.0015.

3. Landolsi, Houda

Université d'Uppsala (Suède) et Laboratoire ICAR

jeudi 18.08.2022, 09:00 – 10:30

De la définition conventionnelle à la définition naturelle Définition(s) du *Français de souche* par des Français d'origine

Les traits définitoires caractérisant, légalement et constitutionnellement, un citoyen français, et que l'on retrouve dans les textes institutionnels et juridiques, deviennent plutôt insignifiants dans la représentation doxique et populaire du Français. Dans la catégorisation des groupes communautaires présents sur l'espace géographique français, l'autochtone se voit attribuer/s'attribue la dénomination de *Français de souche*. L'intérêt de l'expression réside dans tout l'imaginaire identitaire qui la fonde. Elle reflète la représentation que l'individu a sur sa propre identité, celle(s) des autres, aussi bien que le lien qu'il noue avec son espace géographique, avec l'histoire façonnée dans cet espace et les ancêtres qui y vécurent et qui y ont laissé leur trace.

La présente étude s'intéresse à l'énoncé définitoire construit autour de la dénomination *Français de souche* dans des discours proférés par des locuteurs anonymes dans des interviews d'amateurs postées sur YouTube. Tous les interviewés ont la particularité d'avoir une origine autre que française (ce qui est bien spécifié dans la présentation de l'interview et des locuteurs).

L'expression *Français de souche* figure dans les dictionnaires, et elle est ainsi définie : De souche. D'origine. Français de souche. (ATILF, entrée « souche »).

Mais l'expression, employée par des locuteurs authentiques, n'acquiert pas nécessairement cette signification et les locuteurs ont des perceptions et donc des définitions fort divergentes de ce qu'on appelle un Français de souche.

Pour discerner les caractéristiques des définitions que les locuteurs proposent, nous partons de la description que donne Martin (1990 : 87) à la « définition naturelle », c'est-à-dire l'activité épilinguistique ordinaire effectuée par un locuteur lors d'une interaction verbale, par opposition à la « définition conventionnelle », la définition formelle que l'on retrouve par exemple dans les dictionnaires. L'expression Français de souche est, à ce niveau, un exemple très significatif de l'écart entre la définition conventionnelle que proposerait un lexicographe et la définition naturelle que formule un locuteur.

En tant qu'activité, la définition naturelle, qui naît, plutôt souvent, du « jugement sur l'adéquation des mots dans la situation où l'on est » (Martin 1990 : 87), vise

- à spécifier, par-delà le sens propre, l'interprétation qu'il convient de donner de ce qui est dit (« je veux dire que... »)
- ou encore à lever une ambiguïté qui a pu naître (un mot polysémique est à prendre dans tel sens et non dans tel autre) (Martin 1990 : 87).

À l'encontre de la définition conventionnelle, la définition naturelle vise à saisir le contenu naturel des mots, c'est-à-dire le contenu plus ou moins vague que spontanément – et souvent inconsciemment

– les locuteurs y associent. La définition naturelle est ainsi plus ou moins juste. Son contenu évolue avec celui des objets qu'elle entend cerner. Elle est descriptive et non pas stipulatoire (Martin 1990 : 87).

Cette étude a pour objectif de voir si les définitions du Français de souche sont pourvues des propriétés recensées plus haut, à savoir :

1. Plus ou moins vagues : donc plutôt imprécises.
2. spontanées et inconsciemment associées à un contenu,
3. plus ou moins justes, donc correspondent partiellement (et ne correspondent que partiellement) à l'état du référent.
4. descriptives et non pas stipulatoires.

La présente étude fait partie d'un projet qui s'intéresse aux représentations qu'ont à la fois les partis politiques et les individus sur l'intégration. Les données sur lesquelles l'étude est basée sont tirées d'un corpus composé de textes oraux mis en ligne sur YouTube par des amateurs, aussi bien que par des professionnels, entre le 17 décembre 2010 (début du printemps arabe) et le 25 janvier 2020 (trois mois après la date du bilan de mi-mandat d'Emmanuel Macron). Une décennie nous semble une période relativement représentative qui reflète à la fois l'évolution discursive et énonciative (et donc aussi l'éventuelle constance) dans le discours sur l'intégration, aussi bien que la diversité du paysage socio-politique français. Le corpus est composé de 950 textes et d'un nombre total de 455 745 mots.

Bibliographie indicative (une référence pour chaque sous-partie)

Branca-Rosoff, S. (2018), « Français de souche, français-français, franco-français : les limites de la purification linguistique », in : Calabrese, L. et Veniard, M. (éds), *Penser les mots, dire la migration*, Louvain-la-Neuve : Academia/ L'Harmattan, p. 113-124.

Bretin-Chabrol. M. (2012), *L'arbre et la lignée : Métaphores végétales de la filiation et de l'alliance en latin classique*, Grenoble, Editions Jérôme Millon.

De Rudder, V. (1998), « Identité, origine et étiquetage. De l'ethnique au racial, savamment cultivés... », *Journal des anthropologues*, 72/73, p. 31-47.

Doury M. & Micheli, R., 2016, « Enjeux argumentatifs de la définition : l'exemple des débats sur l'ouverture du mariage aux couples du même sexe », *Langages*, 204, 121-138

Goudailler, J.-P. (2018), « Emprunts en Français Contemporain des Cités (FCC) : plusieurs décennies d'un turnover permanent », in : Jacquet-Pfau, et al. (éd.), *Emprunts néologiques et équivalents autochtones : Études interlangues*, Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego.

Geisser, V., « Vous avez dit "Français de souche", oui mais de quelle(s) souche(s) ? », *Sens-Dessous*, 23, « Attaches », mars 2019.

Kleiber, G. (1984), « Dénomination et relations dénominatives », *Langages*, 76, 77-94.

Martin Robert, 1983, *Pour une logique du sens*, Paris Presses universitaires de France.

Martin Robert, 1990, « La définition 'naturelle' », in : Chaurand J. et Mazière F. (éds), *La Définition*, Paris Larousse, p. 86-95.

Masure, F. (2008), « Les naturalisés, des français discutables », *Plein droit*, 79, p. 18-21.

- Meyran, R. (2009), *Le mythe de l'identité nationale*, Paris, Berg International.
- Petit, G. (2012), « Présentation : la dénomination », *Langue française*, 2, p. 3-9.
- Richard, J-L. (1999), « Qu'est-ce qu'un Français? », *Les Dossiers de Pour la science*, p. 22-27.
- Rabatel, A. (2017), *Pour une lecture linguistique et critique des médias. Empathie, éthique, point(s) de vue*, Limoges, Lambert-Lucas.
- Schiappa, E. (1993), "Arguing About Definitions", *Argumentation*, 7, p. 403-417.
- Siblot, P. (2001), « De la dénomination à la nomination. Les dynamiques de la signifiante nominale et le propre du nom », *Cahiers de praxématique*, 36, DOI : <https://doi.org/10.4000/praxematique.368>
- Weil P. (2002), *Qu'est-ce qu'un Français ? Histoire de la nationalité française depuis la Révolution*, Paris, Grasset.

DISCOURS POLITIQUE

1. Roitman, Malin

Université de Stockholm

mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Communiquer le sens négatif des débats présidentiels français : le retour du « ne » ?

Compte tenu de la perte bien documentée et continue de *ne* en temps réel au cours du dernier demi siècle (Armstrong et Smith 2002, Ashby 1976, 1981, 2001, Martineau et Mougeon 2003, Hansen et Malderez 2004), il est supposé que la deuxième unité de la négation phrastique *pas* [pa (:)] (et aucun [o kɛ (:)] (aucune ? : [o ky (:) n]), rien [rjɛ (:)], plus [ply (:)], jamais [ʒame / e (:)]) porte une signification plus négative qu'il y a 50 ans et donc qu'elle est devenue prosodiquement plus importante ; il est supposé que l'intention d'insistance est plus forte et/ que l'allongement vocalique est plus important dans des contextes où sa signification négative est primordiale en vue de l'intention communicative/pragmatique de l'énoncé. La communication proposée explore ensuite, l'intersection de la perte de *ne* (et sa ré-analyse concurrente pour une emphase pragmatique (Fonseca-Greber 2007, 2017, van Compernelle 2009, Donaldson 2017)) et de la prééminence de *pas* dans le corpus Roitman des débats télévisés présidentiels français (Roitman 2011, 2014, 2015, 2017), soit les débats de 2012 et 2017. Les débats fournissent un contrepoin interactionnel idéal à la conversation amicale, qui semble respecter le principe de l'accord social (Yaeger-Dror 2002, Fonseca-Greber 2017), car ici, les candidats se disputent et interagissent souvent agressivement, comme s'ils suivaient un principe de désaccord, à la place.

2. Birkelund, Merete

Université d'Aarhus

mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Ce que les hommes politiques disent en ne le disant pas.

Une étude de l'implicite dans le discours politique.

Quand les hommes politiques participent aux débats politiques ou sont interviewés par des journalistes, les électeurs ont souvent l'impression qu'ils ne disent pas la 'vérité' mais qu'ils cachent leur vraie opinion politique pour éviter d'être tenus responsables d'une loi et des promesses politiques qui peuvent être difficiles à respecter.

Est-ce une question de dilution des responsabilités ? De mensonge ? Ou est-ce plutôt une question d'une stratégie rhétorique faisant partie du jeu politique dans lequel il s'agit de ne pas perdre des électeurs et pas non plus de perdre sa face ?

Bien que le locuteur se serve de l'implicite en tant que stratégie argumentative pour obscurcir une réalité politique quelque peu difficile ou peut-être moins flatteuse, une telle non-implication du locuteur n'atténue en rien sa responsabilité politique. Évidemment, une force illocutoire marquée explicitement dans l'énoncé indique l'engagement et la responsabilité du locuteur dans son dire. Que la force illocutoire de l'énoncé soit moins marquée ne dit cependant pas que le locuteur n'est pas conscient de sa responsabilité, mais il peut exister des situations dans lesquelles le locuteur (*in casu* l'homme politique) préfère s'exprimer d'une manière implicite tout en laissant aux interlocuteurs de décoder le sens sous-jacent des énoncés.

Dans cette étude, je me propose d'étudier les stratégies argumentatives et les aspects implicites dans quelques interviews et débats politiques ayant eu lieu en France ces dernières années afin d'examiner s'il est possible de d'indiquer quelques traces (linguistiques) laissées par le locuteur (l'homme politique), par exemple son emploi de la négation, des adjectifs attribut ou des adverbes susceptibles d'indiquer ce qui reste sous-jacent et caché dans les énoncés du discours politique.

3. Fløttum, Kjersti & Gjerstad, Øyvind & Oloko, Francis Badiang

Université de Bergen

mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Les controverses du changement climatique en France et en Norvège : une analyse polyphonique

Les discours portant sur le changement climatique constituent un champ hétérogène, où une multitude de voix, représentant différents intérêts, se manifestent dans divers genres discursifs (Fløttum (Ed.) 2017). Cette multitude de voix comment se manifeste-t-elle dans les propos des citoyens norvégiens et français ?

Dans cette contribution, nous analyserons la polyphonie linguistique dans des réponses aux trois questions suivantes, posées dans le cadre de deux enquêtes menées en Norvège et en France, respectivement :

1 : À votre avis, que devrait-on faire à propos des changements climatiques ?

2 : La Norvège/La France s'est fixée des objectifs ambitieux en matière de réduction des émissions des gaz à effet de serre dans les années à venir. À votre avis, quels peuvent être les obstacles à la réalisation de ces objectifs de réduction ?

3 : La Norvège/La France s'est fixée des objectifs ambitieux en matière de réduction des émissions des gaz à effet de serre dans les années à venir. À votre avis, quels moyens pourraient permettre d'atteindre ces objectifs de réduction ?

Les répondants se servent-ils de marqueurs linguistiques de la polyphonie, comme la négation et la concession, qui indiquent des controverses au niveau socio-politique ? Quels thèmes font l'objet de tels controverses, et y a-t-il des différences entre les deux pays ?

Les enquêtes ont été menées en collaboration avec l'Université Clermont Auvergne et le Panel de citoyens norvégiens (NMP) à l'Université de Bergen.

Références

Fløttum, K. (Ed.) 2017. *The role of language in the climate change debate*. New York/ London: Routledge.

Fløttum, K., Gjerstad, Ø., Oloko, F.B. 2020. Les voix dans le discours climatique : essai d'une combinaison de la polyphonie avec l'analyse de contenu, l'analyse narrative et l'analyse rhétorique. *Cahiers de praxématique* 73.

Tvinnereim, E., Fløttum K., Gjerstad, Ø., Johannesson, M.P., Nordø, Å.D. 2017. Citizens' preferences for tackling climate change. Quantitative and qualitative analyses of their freely formulated solutions. *Global Environmental Change*.

4. Liisberg, Marianne

Université d'Aarhus

mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

TENSIONS ET INTERVENTIONS DESTABILISATRICES DANS LE CONFLIT AUTOUR DE L'USINE FRANÇAISE *GM&S INDUSTRY*

Pendant les premiers mois du conflit français émergé autour de la fermeture de l'équipementier automobile *GM&S Industry* à la Souterraine, on voit surgir une série d'énoncés dans les médias français. Ces énoncés partagent tous une « entité sémantique » selon laquelle l'usine doit être préservée à cause de son savoir-faire industriel unique. Dans un premier temps, nous identifions cette entité sémantique dans un énoncé d'un député local qui défend explicitement les salariés et l'usine. Dans un second temps, nous observons cette même entité sémantique dans des énoncés provenant des différents acteurs dans le gouvernement français. Cette deuxième fois, par contre, la préservation de l'usine est progressivement mise en cause. En effet, si ces deux parties interviennent sur une même entité sémantique, ils s'opposent néanmoins dans ce conflit. En mobilisant les catégories de programme, opération, (de)stabilisation et de tension proposées sous la *Sémantique des programmes*, notre communication propose de rendre compte de la manière dans laquelle le discours du

gouvernement réussit à installer une tension entre deux entités sémantiques qui, en dernière instance, provoque la déstabilisation de l'une d'entre elles et donc de mettre en cause la préservation de l'usine.

Mots-clefs: déstabilisation; tension; sémantique des programmes; GM&S Industry

5. Oloko, Francis Badiang

Université de Göteborg

mercredi 17.08.2022, 11:00 – 12:30

La jeunesse militante pour la planète : une analyse du discours de Milan de Greta Thunberg

Cette contribution propose une plongée dans l'activité discursive de Greta Thunberg, éco-célébrité (Murphy 2021) et figure de proue de la mobilisation de la jeunesse planétaire pour la planète par le biais d'un discours cadre. En effet, depuis le 15 mars 2019, jour où plus d'un million de manifestants se sont mobilisés dans le monde entier pour dénoncer l'inaction contre le réchauffement climatique (RC) à l'appel de Thunberg, elle a été propulsée au rang des personnalités dont la voix compte dans le débat global sur le climat. Cette exposition lui a valu d'être l'objet d'un examen critique minutieux dans l'opinion publique. Beaucoup a ainsi été relevé sur son inexpérience, ses lacunes à propos de la crise climatique et même son supposé populisme écologique (Zulianello & Ceccobelli 2020). Autrement dit, Thunberg et les jeunes activistes pour le climat ne seraient pas suffisamment équipés intellectuellement pour parler de la crise du climat. La cause principale étant leur jeunesse et donc leur manque d'expérience tout court (voir Wahlström et al. 2019, Wood 2020). Comme s'il fallait avoir 50 pour avoir voix au chapitre sur les questions climatiques. Pourtant, et selon les propres mots de Thunberg, personne n'est trop petit pour faire la différence (Thunberg 2019).

En tant que voix officieuse des jeunes du monde entier sur le climat, Thunberg décrit dans son discours au sommet Youth4Climate du 5 Octobre 2021 à Milan – désormais discours de Milan – quelles sont les priorités pour sa génération ainsi que – et plus important encore – pourquoi cette génération est souvent en désaccord avec les générations précédentes, celles des actuels dirigeants du monde. De ce discours pourtant, plusieurs organes de presse à travers le monde n'ont retenu que son fameux *bla-bla-bla* (Badiang Oloko 2021). Ainsi, *Le Monde* titrait : *Greta Thunberg dénonce les « bla-bla-bla » de « nos soi-disant dirigeants » sur le climat*; le *Dagbladet* en Norvège avait titré : *Håner verdensledere: - Bla, bla, bla*; *The Guardian's* quant à lui titrait: *'Blah, blah, blah': Greta Thunberg lambasts leaders over climate crisis*; et *The Washington Post's* avait choisi de titrer: *Greta Thunberg says world leaders' talk on climate change is 'blah blah blah'* – pour ne citer que ces exemples. Dans chacun de ces cas, l'accent est mis sur l'opposition générationnelle où l'on a enfermé G. Thunberg, faisant d'elle une vitupératrice et parfois une simple vitrioleuse des décideurs du monde. Cette couverture médiatique péjorative ne date pas d'hier pourtant (voir Bergmann & Ossewaarde 2020). Il en va de même de son traitement sur les réseaux sociaux (Dave et al. 2020). De plus la jeune activiste apparaît souvent comme une personne marquée par sa forte émotivité. De fait, beaucoup a été rapporté spécifiquement sur les émotions – généralement négatives – comme principaux moteurs de la mobilisation des jeunes pour la planète. Les jeunes manifestants suédois, par exemple, auraient exprimé des émotions telles que la colère, la frustration et l'inquiétude par rapport au RC. De plus,

les manifestants avaient tendance à regrouper l'anxiété, la peur, l'impuissance et le désespoir, au milieu du spectre. (Wahlström et al. 2019, 26) Les émotions positives – la joie, le bonheur et le plaisir qui ont également été signalées par certains participants – sont peu relevées, même si elles constituent également des moteurs à part entière de la mobilisation jeune (Bowman 2019, Wood 2020). Cette communication tend à discréditer toute parole émanant de cette frange importante de la population car, positives ou négatives, ce ne sont pas les émotions qui renverseront la courbe des émissions des GES mais des décisions et des actions concrètes.

Ce cadrage (Entman 1991) a pour conséquence – entre autres – la dilution du contenu du discours de Thunberg et donc de la perception des enjeux climatiques qui est véhiculée dans son discours en termes des actions à entreprendre aussi bien au niveau local qu'au niveau global. La présente recherche envisage, au-delà de l'opposition générationnelle et souvent l'inexpérience arrogante que d'aucuns lui reprochent, de révéler le contenu du discours de Milan et éventuellement la vision du monde qui y est exposée. Ce qui suppose que Thunberg, comme les jeunes militants pour le climat ne sont pas naïfs et peu informés des enjeux climatiques, qu'il n'y paraît (Voir Fløttum, Dahl & Rivenes 2016, Olson 2020, Skilbeck 2020). L'article s'articule autour de deux questions de recherche : Quels sont les enjeux climatiques qui émergent du discours de Milan de G. Thunberg ? Comment Greta Thunberg structure-t-elle l'opposition de points de vue entre le mouvement Youth4Climate et les dirigeants mondiaux ?

Pour répondre à ces questions, nous nous appuyerons sur l'analyse de contenu que nous effectuerons grâce à Sketch Engine (<https://www.sketchengine.eu/>) qui permet un recensement automatique de la fréquence des mots et expressions dans le texte, et de les ranger selon la pertinence de leur fréquence. Cette analyse permettra de relever ce que l'auteure du discours identifie comme enjeux du RC aujourd'hui et les solutions/attitudes qu'elle propose en réponse. De plus, et grâce principalement à la polyphonie (Nølke et al. 2004), nous analyserons quelques marqueurs linguistiques, notamment ceux de la négation, la concession et du discours rapporté. Grâce à ces marqueurs qui ont donc la faculté d'ancrer des voix autres que celle de la locutrice dans son discours, il sera possible d'évaluer les rapports entre sa voix et celles qu'elle invite dans le discours (Fløttum & Dahl 2012) et qui pour la plupart émanent de la génération des adultes – celle des dirigeants. Il sera particulièrement intéressant de mettre en évidence les traits de ceux que Thunberg identifie comme les « méchants climatiques ».

La littérature sur l'activité discursive de G. Thunberg porte majoritairement la signature des médias. Il reste donc beaucoup à explorer en particulier dans le domaine de l'analyse linguistique et de l'analyse textuelle. La perspective linguistique permet de révéler et de rendre compte de ce qui se trouve au-delà du plus manifeste – l'opposition dichotomique des points de vue entre les jeunes et les dirigeants actuels. Le rôle important de la langue dans les communications sur le RC a été souligné depuis plus d'une décennie. Fløttum & Gjerstad (2016, 1) relèvent ainsi que « depuis le début de ce millénaire dans les études de divers genres de texte et de discours produits dans différents contextes et par une grande diversité de voix, d'opinions et d'attitudes ». (voir Nerlich et al. 2010, Gjerstad 2011, Fløttum 2017, 2019, Badiang Oloko 2019, etc.)

Références

- Badiang Oloko, F. 2021. Functions of *bla bla bla* in one Greta Thunberg speech: A linguistic analysis. *Academia Letters*, Article 4190. <https://doi.org/10.20935/AL4190>.
- Badiang Oloko, F. 2019. La polyphonie dans le discours climatique officiel du Cameroun 2005-2017. Department of foreign languages. University of Bergen.
- Bergmann, Z., Ossewaarde, R. 2020. Youth climate activists meet environmental governance: ageist depictions of the FFF movement and Greta Thunberg in German newspaper coverage. *Journal Of Multicultural Discourses*, 15. P.267-290
- Bowman, B. 2019. Imagining future worlds alongside young climate activists: a new framework for research. *Fennia*, 197. P.295-305. <https://doi.org/10.11143/fennia.85151>
- Dave, A., Boardman Ndulue, E. and Schwartz-Henderson, L. 2020. Targeting Greta Thunberg: A Case Study in Online Mis/Disinformation. German Marshall Fund of the United States. <https://www.jstor.org/stable/resrep26753>
- Entman, R. M. 1991. Symposium Framing U.S. Coverage of International News: Contrasts in Narratives of the KAL and Iran Air Incidents. *Journal of communication*, 41. p.6-27
- Fløttum, Kjersti (ed.). 2017. *The role of language in the climate change debate*. Vol. 1, Routledge research in language and communication. New York: Routledge.
- Fløttum, K., Dahl, T. and Rivenes, V. 2016. Young Norwegians and their views on climate change and the future: findings from a climate concerned and oil-rich nation. *Journal of Youth Studies*, 19. p.1128-1143. doi: 10.1080/13676261.2016.1145633
- Fløttum, K., Dahl, T. 2012. Different contexts, different "stories"? A linguistic comparison of two development reports on climate change. *Language & Communication*, 32. doi: 10.1016/j.langcom.2011.11.002.
- Gjerstad, Ø. 2011. La polyphonie discursive : pour un dialogisme ancré dans la langue et dans l'interaction. Department of foreign languages. University of Bergen.
- Jung, J., Petkanic, P., Nan, D. and Hyun Kim, J. 2020. When a Girl Awakened the World: A User and Social Message Analysis of Greta Thunberg. *Sustainability*, 12. doi:10.3390/su12072707
- Murphy, P. D. 2021. Speaking for the youth, speaking for the planet: Greta Thunberg and the representational politics of eco-celebrity. *Popular Communication*, 19. p.193-206. doi: 10.1080/15405702.2021.1913493
- Nerlich, B., Koteyko, N. and Brown, B.. 2010. Theory and language of climate change communication. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 1. p.97-110. Doi: 10.1002/wcc.2.
- Nølke, H., K. Fløttum, C. Norén. 2004. *ScaPoLine : la théorie scandinave de la polyphonie linguistique*. Paris: Kimé.

Olson, J. 2016. Youth and climate change: an advocate's argument for holding the US government's feet to the fire. *Bulletin of the Atomic Scientists*, 72. p.79-84, doi: 10.1080/00963402.2016.1145903

Ryalls, E. D., Mazzarella, S. R. 2021. "Famous, Beloved, Reviled, Respected, Feared, Celebrated:" Media Construction of Greta Thunberg. *Communication, Culture and Critique*, 14. p.438-453. doi:10.1093/ccc/tcab006

Skilbeck, A. 2020. A thin net over an abyss': Greta Thunberg and the Importance of Words in Addressing the Climate Crisis. *Journal of Philosophy of Education*, 54. p.961-974.

Thunberg, G. 2019. *No one is too small to make a difference*. London: Penguin.

Wahlström, M., Kocyba, P., De Vydt, M. and de Moor, J. (eds). 2020. *Protest for a future II: Composition, mobilization and motives of the participants in Fridays For Future climate protests on 20-27 September, 2019, in 19 cities around the world*. Department of Sociology and Work Science. Gothenburg University.

Wood, B. E. 2020. Youth-led climate strikes: fresh opportunities and enduring challenges for youth research – commentary to Bowman. *Fennia*, 198. P.217-222.

Zulianello, M., Ceccobelli, D. 2020. Don't Call it Climate Populism: On Greta Thunberg's Technocratic Ecocentrism. *The Political Quarterly*, 91. P.623-631.

Sites web :

https://www.lemonde.fr/planete/article/2021/09/28/greta-thunberg-denonce-les-bla-bla-bla-de-nos-soi-disant-dirigeants-sur-le-climat_6096309_3244.html

<https://www.dagbladet.no/kultur/haner-verdensledere---bla-bla-bla/74281889>

<https://www.theguardian.com/environment/2021/sep/28/blah-greta-thunberg-leaders-climate-crisis-co2-emissions>

<https://www.washingtonpost.com/climate-environment/2021/09/29/great-thunberg-leaders-blah-blah-blah/>

6. Manga, Christian

Université de Bergen

mercredi 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Le discours de repli identitaire dans les comptes Facebook et Twitter des acteurs politiques français et camerounais : essai de comparaison

Dans la présente recherche, nous tentons de comparer, à l'issue d'une analyse linguistique, la récurrence du discours de repli identitaire produit sur Facebook et Twitter par des acteurs politiques camerounais et français. Nous prenons la notion de « repli identitaire » comme un ensemble d'attitudes allant de la xénophobie au racisme en passant par les courants anti-islam, ceux anti-

immigration et antisémites. Nous donnons ainsi un sens global à ce terme, pour y voir toute forme d'expression de rejet de l'autre, de l'altérité humaine, à l'ère du village planétaire.

I. Problématique et objectifs

Depuis les événements tragiques de l'hebdomadaire satirique français *Charlie Hebdo*, en janvier 2015, le discours anti-islam et anti-immigration s'est davantage radicalisé. Parallèlement, au Cameroun, depuis l'exacerbation de la crise indépendantiste dans les régions du Sud-Ouest et du Nord-Ouest, en 2016, le vivre-ensemble entre Francophones et Anglophones s'est dégradé, au point que le discours tribaliste et de xénophobie s'est installé avec comme canal de prédilection les réseaux sociaux.

L'intérêt de notre démonstration est sous-tendu par la problématique suivante : Comment se construit le discours de repli identitaire des acteurs politiques et de la société civile camerounais et français dans les réseaux sociaux ciblés? Lequel des discours fait-il entendre plus de présuppositions et de sous-entendus en termes de repli identitaire? Quels peuvent être les enjeux d'une telle comparaison ?

L'objectif final est de voir laquelle des deux sociétés est plus portée vers le rejet de l'altérité humaine sur Facebook et Twitter, étant donné que la France et le Cameroun ont un dénominateur culturel commun : le multiculturalisme, l'identité plurielle. **II. Cadre théorique et méthodologique**

Notre démonstration aura comme cadre théorique, la « polyphonie » (Bakhtine 1970 ; Ducrot 1984 ; Nølke et al. 2004 ; Manga 2018). Celle-ci renvoie au fait que dans un texte, un discours, on peut entendre des voix et des points de vue autres que ceux d'un locuteur ou d'un auteur. Dans les *Politibook* et *Polititweet* (Publications Facebook et Tweet des acteurs politiques ciblés), nous mettrons en évidence les discours de repli identitaires aussi visibles que cachés. À titre illustratif, considérons ce polititweet de Marine Le Pen :

(1) *La plupart des hommes souhaitent rester dans leur pays, y grandir, y élever leurs enfants et préserver leurs cultures.* (Twitter, 08 octobre 2018)

Dans ce polititweet, l'analyse polyphonique des implicites permet de mettre en exergue des voix et des points de vue cachés relatifs au rejet de l'autre. Conformément au modèle théorique de la polyphonie discursive de Manga (2018), nous obtenons la configuration polyphonique suivante de (1) :

vx₁ : La plupart des hommes souhaitent rester dans leur pays, y grandir, y élever leurs enfants et préserver leurs cultures.

pdv₁ : Certains hommes ne souhaitent pas rester dans leur pays, y grandir, y élever leurs enfants et préserver leurs cultures.

pdv₂ : Les candidats à l'immigration doivent rester dans leur pays, y grandir, y élever leurs enfants et préserver leurs cultures.

Dans cette configuration, **vx** signifie « voix », et **pdv** renvoie à « point de vue ». En tout état de cause, le polititweet de Marine Le Pen du 08 octobre met en exergue deux points de vue de rejet de l'altérité. Ceux-ci renvoient précisément aux discours anti immigration.

Références bibliographiques

- Bakhtine, M., 1970 [1963], *Problèmes de la poétique de Dostoïevski*. Lausanne : L'âge d'homme.
- Bakhtine, M., 1978 [1935], « Du discours romanesque », in *Esthétique et théorie du roman*. Paris : Gallimard : 83- 233.
- Ducrot, O., 1984, *Le dire et le dit*. Paris : Editions de Minuit.
- Bres, J., 1999, « Entendre des voix: de quelques marqueurs dialogiques en français. », in Bres J., R. Delamotte, M. Madray & P. Siblot (éds.). *L'autre en discours*. Montpellier: Université Paul Valéry.
- Nølke, H., Fløttum, K. & Norén, C., 2004, *La ScaPoLine : la théorie scandinave de la polyphonie linguistique*. Paris : Editions kimé.
- Bres, J. & Nowakowska, A., 2007, Voix, point de vue... ou comment pêcher le dialogisme à la métaphore. *Cahiers de praxématique*, 49: 103-132.
- Chomsky, N., 1971, *Structures syntaxiques*. Paris: Seuil (Trad. De l'anglais par Jean-Claude Milner).
- Longhi, J., 2008, *Objets discursifs et doxa. Essai de sémantique discursive*. Paris: L'harmattan.
- Gjerstad, Ø., 2011, *La polyphonie discursive. Pour un dialogisme ancré dans la langue et dans l'interaction*. Thèse de doctorat PhD: Université de Bergen.
- Manga, C., 2018, *Analyse polyphonique du discours présidentiel au Cameroun 1992- 2015*. Thèse de doctorat PhD: Université de Bergen.

7. Sjøblom, Margareta Kastberg

Université Bourgogne Franche-Comté
mercredi 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Voix de présidents africains : Analyse de discours politiques en Afrique subsaharienne francophone

Le rôle de la langue française en Afrique a eu une grande importance dans l'évolution des nations anciennement colonisées par la France et par la Belgique, surtout en Afrique du Nord et en Afrique de l'Ouest. La multitude de langues et la cohabitation des celles-ci dans des constellations diverses dans ces régions ont donné à la langue française non seulement le statut de langue véhiculaire mais également un rôle politique important, et le français reste aujourd'hui la langue administrative et éducative officielle dans de nombreux états.

Cet exposé consiste dans l'étude des discours de six présidents de l'Afrique de l'Ouest francophone, de la période après l'indépendance et de la décolonisation.

Dans ce travail nous avons constitué un corpus à partir des discours prononcés par des présidents de plusieurs pays francophones d'Afrique ; la Guinée Conakry, le Burkina Faso, le Sénégal, le Cameroun et le Bénin. Le corpus regroupe des discours prononcés et diffusés pendant des campagnes électorales, durant le mandat d'exercice en tant que président dans des situations différentes ; discours devant

l'assemblée générale, discours qui s'adressent au peuple, à la jeunesse, des discours de vœux etc. L'analyse qui s'appuie sur les méthodes textométriques vise une étude comparative de la communication et de l'argumentation du pouvoir politique en Afrique de l'Ouest.

L'exploration des données textuelles ainsi que l'analyse textométrique ouvre la voie à une véritable analyse de discours outillée de ce corpus et permet d'analyser ce corpus de manière systématique et raisonnée. En effet, l'analyse de données textuelles (ADT) telle qu'elle se pratique aujourd'hui, avec des outils informatiques de plus en plus performants, permet des analyses précises sur la structure d'un corpus, sur son lexique, sur la morphologie et les parties de discours aussi bien que sur la chaîne syntaxique et ouvre plus largement la voie à des interprétations et à des connaissances sur les stratégies de communication et de l'argumentation en mettant en exergue les caractéristiques différentes de ces discours de présidents.

LEXICOGRAPHIE

1. Daviðsdóttir, Rósa Elín

Université d'Islande

vendredi 18.08.2022, 17:30 – 18:30

Les défis lexicographiques de LEXIA, un nouveau dictionnaire islandais-français en ligne

Depuis juin 2021, LEXIA, un nouveau dictionnaire islandais-français en ligne, est accessible en ligne gratuitement. Il s'agit du premier dictionnaire islandais-français publié depuis 1950. LEXIA comporte 50 mille entrées ainsi que de nombreux exemples d'utilisation, des collocations et des locutions figées au sens figuré et toutes ces unités sont traduites en français. LEXIA est destiné aux Islandais qui apprennent le français et/ou doivent utiliser le français dans le cadre de leur travail ainsi qu'aux francophones qui apprennent l'islandais. De plus, le dictionnaire est un outil important pour tous ceux qui sont amenés à traduire entre l'islandais et le français.

Dans cette communication seront présentés les principaux défis lexicographiques que l'équipe rédactionnelle a dû relever ainsi que des solutions proposées. En particulier, nous aborderons le traitement des verbes qui sont toujours employés à la voix moyenne en islandais, comme, par exemple *hjálpast að* ('s'entraider') et *reddast* ('s'arranger'). De plus, nous regarderons le traitement des collocations dont le verbe est le noyau, comme, par exemple *spyrja <einnar> spurningar* ('poser une question') et *búa sig undir <fundinn>* ('se préparer pour <la réunion>'), dans LEXIA et nous présenterons les défis liés à leur traduction en français.

2. Leroyer, Patrick

Université d'Aarhus

vendredi 18.08.2022, 17:30 – 18:30

Lexicographie de la bière: calquée sur celle du vin ?

Mots-clés : médiatisations lexicographiques, cultures biérogiques, stratégies marchandes, dictionnaires de la bière, plateformes biérogiques

Figurant parmi les breuvages privilégiés de l'humanité, bière et vin alimentent des besoins langagiers boulimiques : pour savoir et faire savoir, pour communiquer et échanger, pour partager ce que consommer signifie en termes d'expérience sensorielle et culturelle. Ce sont ces besoins de connaissance, de communication et de partage d'expérience qu'exploitent les acteurs des filières professionnelles dans leurs stratégies de communication marketing par le biais de ce qu'il est désormais convenu de dénommer 'langues culture' (Gautier 2018). Le recours à la lexicographie en constitue l'un des axes stratégiques privilégiés, et la bière en est un bon exemple. Selon le Portail de la bière (Wikipedia 2019), « La bière est essentiellement composée d'eau (90 %). Avec 1,8 milliard d'hectolitres produits par an, la bière est la 3^e boisson mondiale après l'eau et le thé ». Au vu de ces chiffres, on comprendra mieux dès lors l'engouement lexicographique pour la biérogique, qui est de trois ordres :

1. Le traitement lexicographique du vocabulaire de la bière dans les dictionnaires de langue générale ou dans les dictionnaires spécialisés et terminologiques multi-domaines (Termium 2019), ainsi que sur les portails encyclopédiques (Wikipedia 2019).
2. La réalisation de dictionnaires, lexiques, glossaires, guides, etc. dédiés exclusivement à la représentation de la langue et de la connaissance de la bière.
3. L'intégration et la médiatisation de composantes lexicographiques sur des plateformes marchandes dédiées à la production et à la commercialisation de la bière et ciblées sur le partage de l'expérience biérogique au sein des communautés d'amateurs éclairés ou non.

Tout comme celle du vin (pour une vue d'ensemble de celle-ci, voir Leroyer 2015), la lexicographie de la bière s'est d'abord servie du format papier pour construire des outils d'information lexicographique (dictionnaires, lexiques, glossaires, guides, etc.) reproduisant les formats du livre. Les lexicographes y ont sélectionné les termes propres à la fabrication, et en moindre partie à la consommation de la bière, les ont indexés, et y ont adressé de courts articles elucidant le sens par le biais de brèves définitions, l'accès étant pris en charge par une macrostructure alphabétique. Rares sont les ouvrages qui, comme le *Dictionnaire de la bière* (Chapuis et Dunn : 2005), ou, pour l'anglais, *The Dictionary of Beer and Brewing* (Rabin and Forget : 2014), proposent des données plus généreuses. Si la lexicographie en ligne reproduit grosso modo les recettes éprouvées de la lexicographie papier, c'est de la communication marchande numérisée de la bière que vient l'évolution, avec une lexicographie médiatisée s'appliquant à modifier les cultures de consommation.

Je présenterai ici quelques types de médiatisation lexicographique visant à transformer la communication et la culture de la bière, et je montrerai comment des plateformes interprofessionnelles comme par exemple *1001 bières* (2019) ou *brasseurs de France* (2019) revisitent, au moyen de la multimodalité, les formats lexicographiques pour promouvoir les discours marchands de la bière et en assurer l'autorité et la diffusion ; je démontrerai dans le même temps les tactiques de médiatisation lexicographique utilisées par les acteurs marchands (brasseries, bars à bière, revendeurs) sur leurs plateformes pour influencer les publics-clés : clients, consommateurs, forums d'utilisateurs sur les médias sociaux. Même si lexicographies du vin et de la bière sont peu ou prou

calquées l'une sur l'autre, celle de la bière semble recourir à des « brassages » de données spécifiques, avec des positionnements termino-culturels sensiblement différents.

Bibliographie

- 1001-bières (2019). <http://www.1001-bieres.com/index-choix-lexique-brassicole-biere-lettre-A.html> [vu le 6 mars 2019].
- Association suisse des brasseries. *Glossaire* (2019). <https://biere.swiss/autour-de-la-biere/glossaire/> [vu le 6 mars 2019].
- Brasseurs de France (2019). *Glossaire*. <http://www.brasseurs-de-france.com/la-biere/glossaire/> [vu le 6 mars 2019].
- Chapuis, Claude et Peter Dunn (2005). *Dictionnaire des vins, bières et spiritueux du monde*. Edition bilingue. Français / Anglais, Anglais / Français.
- Culture bière, l'Amirale bière (2019). *Le glossaire de la bière*. <http://www.lamiralebiere.fr/culture-biere/> [vu le 6 mars 2019].
- Françoistourment (2019). *Abécédaire de la bière*. <http://francois.tourment.free.fr/Etiquette.htm> [vu le 6 mars 2019]
- Guide bière, le grand lexique de la bière* (2019). <http://www.guide-biere.fr/encyclo/lexique.php> [vu le 6 mars 2019].
- Gautier, L. (2018). *Quelle(s) recherche(s) sur les discours et cultures de spécialité pour articuler enseignement et recherche en LEA*. Academia.edu 2018.
- Kfé malté. *Petit lexique de la bière*. <http://www.kfemalte.com/accueil/lexique-de-la-biere/> [vu le 6 mars 2019].
- Leroyer, P. (2015) La lexicographie du vin: état des lieux théorique et monofonctionnalité modulaire. In Rousseau-Jacob, I. & Gautier, L. (éds.). *Figures et images dans le discours sur le vin en Europe*. Peter Lang.
- Olca. Office pour la langue et les cultures d'Alsace et de Moselle. *Lexiques thématiques, la bière*. http://www.olcalsace.org/fr/lexique_biere [vu le 6 mars 2019],
- Paradis bière (2019). *Dictionnaire des principaux termes brassicoles*. <http://www.paradis-biere.com/dico-biere.html>
- Rabin, Dan and Carl Forget (1998/2014). *The Dictionary of Beer and Brewing*. Second Edition. London and New York, Routledge.
- Termium (2019). http://www.btb.termiumplus.gc.ca/cooc-srch?lang=fra&srchtxt=vent&cur=5&nbr=30&lettr=indx_catlog_b&page=9O6wO-1778j4.html [vu le 6 mars 2019].
- Wikipedia (2019). *Portail de la bière*. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Portail:Bi%C3%A8re> [vu le 6 mars 2019].
- Wikipedia (2019). *Projet bière*. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Projet:Bi%C3%A8re> [vu le 6 mars 2019].

LINGUISTIQUE

1. Bengtsson, Anders

Université de Stockholm

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Le suffixe -issime revisité: une étude sur le corpus de 2017

Quel est l'état du suffixe *-issime* à l'aube du deuxième millénaire dans la langue française? En effet, depuis un certain temps, le suffixe *-issime* se répand en français, surtout dans la langue informelle. D'autres chercheurs l'ont déjà noté comme Plenat (2009); Noailly (1999: 33) parle de résurrection, ce qui est un terme bien adapté à la situation actuelle. Ce superlatif absolu a bien existé en français, mais disparaîtra de l'ancienne langue à la différence de l'italien, où il a été très fréquent, pour revenir sous forme d'emprunt. Pour les autres langues romanes, il en est de même à quelques exceptions près, ce que nous avons déjà montré ailleurs (Bengtsson 2019 et 2020). Dans (2020), nous avons pu relever les occurrences modernes par l'intermédiaire de l'outil informatique *Sketch Engine*.

On peut s'interroger sur les raisons de cet usage "fautif" qui semble se répandre malgré les avertissements de la part des grammairiens. Sans doute s'agit-il d'un besoin d'expressivité (cf. Frei 1971: 233), étant donné que le français ne possède pas les mêmes moyens que les langues ibéro-romanes et l'italien dans ce domaine. Cela rejoint dans une large mesure l'analyse de Coseriu (1973: 87-88); dans le cas de l'adjectif en *-issime*, le locuteur adapte sa langue à ce qui lui sert de manière fonctionnelle. L'expansion du suffixe est sans doute due à cette insuffisance en français, voire à une réaction contre les règles strictes de l'Académie française de la part des locuteurs dans la mesure où ils les connaissent. Quoi qu'il en soit, on peut se demander si l'usage à l'époque actuelle fait montre non seulement d'un besoin d'expressivité, mais aussi d'un moyen pour les francophones de s'amuser linguistiquement.

Cette fois, nous interrogerons encore une fois *Sketch Engine*, mais le corpus le plus récent, daté de 2017, consistant d'environ 6 000 000 mots afin d'établir une comparaison. Nous nous demandons si les tendances sont les mêmes: l'accent sur le registre familier et la surenchère est-il aussi fort? Nous traiterons aussi les marques déposées et les sites internet en *-issime* que nous n'avons pas pu traiter auparavant faute de place.

Références:

Bengtsson, Anders (2020). " *Génialissime* et cie. Une étude sur le suffixe *-issime* dans le corpus *FrenchWeb2012*". *Information grammaticale*, 165. Paris: Société pour L'information grammaticale. 38-47.

Bengtsson, Anders (2019). " L'évolution du suffixe *-issime* : un inventaire et une fréquence des formes attestées dans *Frantext*". Actes du XX Congrès des Romanistes Scandinaves. Bergen: BeLLS. 1-17. <https://bells.uib.no/index.php/bells/issue/current>

Coseriu, Eugenio, 1973. *Sincronía, diacronía e historia : el problema del cambio lingüístico*. Madrid : Gredos.

Frei, Henri 1971 (1929). *La Grammaire des fautes. Introduction à la linguistique fonctionnelle, assimilation et différenciation, brièveté et invariabilité, expressivité*. Genève : Slatkine Reprints.

Noailly, Michèle, 1999. *L'adjectif en français*. Paris: Ophrys.

Plénat, Marc, 2007. « Jean-Louis Fossat : fossatissime. Note sur la morphophonologie des dérivés en *-issime* ». In L. Rabassa (ed). *Mélanges offerts à Jean-Louis Fossat [Cahiers d'Etudes Romanes (CERCLiD 11-12)]*, pp. 229-248.

Source électronique :

Sketch Engine. Site internet : <https://www.sketchengine.eu/>

2. Gustafsson, Jenny

Université d'Uppsala

jeudi 18.08.2022, 15:30 – 17:00

Le subjonctif suivant *après que* – moins fréquent que l'on pense ?

Le mode suivant *après que* suscite de vives émotions parmi les chercheurs, les écrivains ainsi que parmi les locuteurs. Cette conjonction est traditionnellement suivie de l'indicatif, mais l'emploi du subjonctif se répand depuis longtemps. Les dictionnaires adoptent par rapport à cette tendance des points de vues différents, certains condamnent la tournure d'une manière forte.

Selon Wilmet (1997 : 372), les emplois modernes du subjonctif suivant *après que* apparaissent au début du XX^e siècle, et il y a eu une « accélération sensible vers les années 50 ». D'après lui, le subjonctif « supplante » aujourd'hui l'indicatif. Selon Dreer (2007 : 140) : « since the fifties, it has been noticed that the Indicative and the Subjunctive are used equally ». Ces deux chercheurs ne s'appuient pas sur des études statistiques, mais plutôt sur des estimations subjectives.

Dans cette communication, nous étudions trois hypergenres de discours : le discours journalistique (désormais *Articles*), le champs de commentaires dans la presse électronique (désormais *Commentaires*) et le discours historique, scientifique et littéraire (désormais *Livres*). Afin de construire nos corpus, nous utilisons deux bases de données : *Google (Actualités et Livres)* et *GlossaNet*. Les données de *Google Actualités* et de *GlossaNet* sont divisées en deux parties : le discours journalistique et les commentaires. Nous avons employé *Google Livres* pour constituer le corpus *Livres*. Le langage utilisé dans ces trois corpus se distingue suffisamment pour qu'il soit possible de parler de trois hypergenres de discours. À la différence des études quantitatives antérieures qui reposent sur un nombre restreint d'occurrences, nous basons notre analyse sur plus de 3300 occurrences de la conjonction *après que*.

Nos résultats montrent que les estimations faites par Wilmet (1997 : 372) et Dreer (2007 : 140) sont exagérées pour deux de nos hypergenres de discours – *Articles* et *Livres*, le subjonctif ne représentant qu'environ 30 % des occurrences. Pour le troisième hypergenre de discours, les *Commentaires*, la conjonction *après que* est suivie du subjonctif dans 71 % des cas. Le tableau ci-dessous montre les résultats de l'étude :

Tableau 1: Le mode suivant *après que*

Hypergenre	Indicatif	Subjonctif	Total
Articles	2265 (74,5 %)	775 (25,5 %)	3040
Commentaires	31 (29 %)	76 (71 %)	107

Livres	120 (70,5 %)	50 (29,5 %)	170
Total :	2416 (72,8 %)	901 (27,2 %)	3317

L'emploi du subjonctif dans le discours journalistique et dans les livres n'est donc pas aussi répandu que ne le laissent entendre Wilmet et Dreer ainsi que de nombreux dictionnaires.

Les études qui ont pour objet l'emploi des modes suivant *après que* sont en grand nombre. Or, les études empiriques quantitatives ne le sont pas. Encore plus rares sont les études basées sur les mégadonnées : le but de notre communication est d'essayer de combler cette lacune.

Bibliographie

Dreer, I. (2007), *Expressing the Same by the Different: The subjunctive vs the indicative in French*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Wilmet, M. (1997), *Grammaire critique du français*, Bruxelles : Ducolot.

3. Haff, Marianne Hobæk

Université d'Oslo

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Ça : pronom neutre passe-partout dans la dislocation à gauche ?

La dislocation est un type de construction où la structure syntaxique de la phrase neutre a été modifiée ou réorganisée pour des raisons communicatives liées au concept de *thème*. Elle consiste à détacher un constituant au début ou à la fin de la phrase. Ce constituant est en même temps représenté par un pronom personnel ou démonstratif dans le noyau de la phrase. La même fonction syntaxique est donc représentée deux fois.

Je me propose d'aborder la dislocation à gauche dans les cas où le pronom *ça* s'emploie comme sujet à l'intérieur de la phrase, reprenant un GN détaché à gauche. Dans cette étude, il faudrait tenir compte des facteurs suivants: a) le sujet disloqué est animé ou non animé ; b) le sujet a une valeur générique ou spécifique ; c) le pronom *ce* utilisé au lieu de *ça* ; d) le passif réfléchi ; e) le registre : le français standard ou non standard. Voici quelques exemples :

1. Le petit type examina le gabarit de Gabriel et se dit c'est un malabar, mais les malabars c'est toujours bon, **ça** profite jamais de leurs de leur force.
2. C'est comme ça qu'elle est quand elle a un jules, dit Zazie, la famille **ça** compte plus pour elle.
3. Le député, pour moi, **ça** représente quelque chose.
4. Un bel agent de police comme vous, **ça** doit en connaître des trucs.
5. Un chapeau comme ça, **ça** se voit de loin.

Le pronom *ça* peut référer à des êtres humains non seulement dans le français non standard (1, 2, 4), mais aussi dans le français standard (3). *Ça* renvoie à un GN non animé dans 5. Le sujet disloqué peut

avoir une valeur générique (1, 3, 5) ou spécifique (2, 4) *Ce* est utilisé avec le verbe *être*, *ça* est de mise avec tous les autres verbes (1). Le passif réfléchi confère au sujet disloqué une valeur générique (5).

Ça semble avoir un emploi plus varié et partiellement autre que certains linguistes et grammairiens nous font croire, ce que je montrerai dans ma communication en me basant sur bon nombre d'exemples.

Bibliographie très sommaire

Blanche-Benveniste, Claire (1997), *Approches de la langue française*. Paris, Ophrys

Helland, Hans Petter (2006), *Ny fransk grammatikk*, Oslo, Universitetsforlaget.

Le Goffic, Pierre (1993), *Grammaire de la phrase française*, Paris, Hachette.

Nølke, Henning (1999), *Dislokering, Det franske Sprog*, København

Riegel, Martin et al. (2009), *Grammaire méthodique du français*, Paris, PUF.

4. Havu, Eva

Université de Helsinki

jeudi 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Formes non finies en français et en finnois

Le participe présent (PP) et l'infinitif (INF) sont considérés comme les formes non définies du verbe en français et en finnois, tandis que le gérondif (GÉR) en fait partie uniquement en français. Si, en français, le PP et le GÉR ont seulement un sens actif (**aimer** => (en) **aimant**), le PP finnois distingue une forme active et une forme passive synthétiques (*rakasta-a* « *aimer* » => *rakasta-va* « *aimant* » / *rakastet-tava* « *aimable, qui peut / doit être aimé* » ; VISK § 521). Les INF finnois sont au nombre de trois (VISK : § 492) et se déclinent comme les noms en 15 cas (VISK : § 120), tandis que le français n'en compte qu'un seul.

Dans les deux langues, les PP, tout en conservant leur origine verbale et se faisant éventuellement accompagner de compléments verbaux (Les Finlandais *habitant à Paris* / *Pariisissa asu-va-t suomalaiset*), peuvent occuper une position syntaxique propre à l'adjectif (épithète, attribut). Si on trouve bien des correspondances entre les PP actifs en fonction d'épithète, l'équivalent finnois des PP attributifs français est, dans certaines constructions, un INF (Je l'ai vu *lisant un livre* / *Näin hänet luke-ma-ssa kirjaa* (ici INF en -MA à l'inessif), dans d'autres, le PP finnois se traduit plutôt par un INF (*Näen hänen tule-va-n/ Je le vois arriver*). Au GÉR, qui est adverbial, ne correspond qu'un des INF finnois (*Elle chante en travaillant* / *Hän laulaa syöd-e-ssä-än* (ici INF en -E à l'inessif).

Nous examinerons les correspondances et différences entre les PP et les INF dans les deux langues et discuterons certains cas où l'emploi des formes non finies, PP, INF (et GÉR), semble s'entrecroiser (cf. p. ex. Koskinen 1998 : 225, Torterat 2012 : 170, VISK § 490) : s'agit-il de schémas constructionnels spécifiques et/ ou de différences dans l'interprétation sémantique des formes ?

Références

- Koskinen, P. (1998). *Features and Categories: Non-finite Constructions in Finnish*. Kwantlen Polytechnic University.
- Riegel, M., Pellat, J.-C. & Rioul, R. (2009). *Grammaire méthodique du français* [1994]. Paris, PUF.
- Torterat, F. (2012). Les Participes, l'Infinitif et le Gérondif, entre scalarité et rattachement [+ / - local]. *Studii de lingvistică* 2, 169 - 210
- VISK = Hakulinen A., Vilkuna, M., Korhonen, R., Koivisto, V., Heinonen, T. R. & Alho, I. (2004). *Iso suomen kielioppi*. SKS, Helsinki. Version électronique, scripta.kotus.fi/visk.

5. Helkkula, Mervi

Université de Helsinki

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Les constructions disloquées à droite dans le dialogue du roman proustien

On est habitué à penser que le roman de Proust, *À la recherche du temps perdu*, représente de par son style le français littéraire, l'écrit soutenu, surtout en raison de la complexité des phrases. Il est certain que le langage de Proust est loin du langage quotidien. Cependant, le style de la *Recherche* comporte plusieurs traits typiques de l'oral. La recherche de l'oralité – ou plus précisément celle de la « vocalité » (Philippe et Piat 2009) – est chez Proust une recherche de la voix du locuteur, que ce soit celle du narrateur ou celle d'un personnage. Ce sont surtout le ton et l'intonation du locuteur que Proust cherche à évoquer. Cela concerne aussi bien les parties narratives que, naturellement, le dialogue. La question qui se pose à l'auteur est de trouver les moyens de rendre audible la voix des personnages. En plus de l'intonation et du ton, le gestuel et la mimique – c'est-à-dire éléments liés au corps du locuteur – accompagnent l'énonciation. Le narrateur fait attention à tous ces éléments en rapportant les paroles des personnages.

Les constructions syntaxiques considérées comme typiques de l'oral, souvent accompagnées d'une intonation spécifique, telles les constructions disloquées, les clivées et les pseudo-clivées, sont abondantes dans le discours du narrateur de la *Recherche* (Helkkula 2009). Le savoir que nous avons sur la naissance de la *Recherche* peut être une explication partielle de cette abondance : une partie au moins de l'ouvrage a été dictée par Proust à son secrétaire.

L'utilisation des constructions syntaxiques marquées est fréquente aussi dans le dialogue de la *Recherche*. Dans son ouvrage *La scène proustienne* (1993) Livio Belloï soutient que la *Recherche* parle surtout de la communication. Le langage est naturellement le moyen principal de la communication, mais le corps parle aussi : il « manifeste », « témoigne », « atteste » (Belloï 1993 : 99). Bien fréquemment, les personnages du roman de Proust s'expriment, au lieu de la structure canonique de la phrase, avec une construction « expressive », souvent accompagnée d'une intonation, d'une emphase ou d'une mimique particulière, indiquées par le narrateur. Ainsi, bien souvent, le corps renseigne sur ce que le locuteur cherche à dissimuler.

Dans cette communication, je me concentre sur une construction particulière, à savoir la dislocation à droite. D'après Nølke (1997: 291), cette structure sert à rappeler le thème ou bien à introduire une

« valeur émotionnelle ». Je cherche à élucider l'usage et les fonctions de la dislocation à droite dans le roman de Proust avec des exemples tels que les suivants :

1. « Il lui parle de son portrait. Moi, je lui en parlerais aussi bien que Charlus de ce portrait, me dit Swann, affectant un ton traînard et voyou et suivant des yeux le couple qui s'éloignait. » (M. Proust, *Sodome et Gomorrhe* II)
1. « Oui, comment ces riens-là peuvent-ils intéresser un homme de votre mérite ? c'est comme tout à l'heure quand je vous voyais causer avec Gilberte de Saint-Loup. Pour moi c'est exactement rien cette femme-là, ce n'est même pas une femme, c'est ce que je connais de plus factice et de plus bourgeois au monde (car même à sa défense de l'Intellectualité la Duchesse mêlait ses préjugés d'aristocrate). [...] » (M. Proust, *Temps retrouvé*)

RÉFÉRENCES

Belloï, Livio (1993, *La scène proustienne. Proust, Goffman et le théâtre du monde*. Paris, Nathan.

Helkkula, Mervi (2009) « Sur les constructions disloquées à gauche dans *À la recherche du temps perdu* de Marcel Proust. » Eva Havu, Mervi Helkkula & Ulla Tuomarla (éds.) *Du côté des langues romanes. Mélanges en l'honneur de Juhani Härmä*. Mémoires de la Société Néophilologique de Helsinki, tome LXXVII. Helsinki 2009, Société Néophilologique, 201-213.

Nølke, Henning (1997) « Note sur la dislocation à droite : thématization ou focalisation ? » G. Kleiber et M. Riegel (éds), *Les formes du sens. Études de linguistique française, médiévale et générale offertes à Robert Martin à l'occasion de ses 60 ans*. Éditions Duculot, 281-294.

Philippe, Gilles, Julien Piat (dir.) *La langue littéraire. Une histoire de la prose en France de Gustave Flaubert à Claude Simon*. Paris, Fayard

6. Heenen, François

Université d'Islande

jeudi 18.08.2022, 15:30 – 17:00

La notion de “rupture avec le présent” du passé simple du français

La notion de “rupture avec le présent” couramment associée au passé simple du français est en général mise en parallèle avec le fait que ce temps « déclare non pertinente la récupération d'un état résultant au présent » (voir Louis de Saussure, *Temps et pertinence*, Bruxelles : De Boeck/Duculot, 2003, pp. 221-222). Dans mon intervention je vais expliquer cette restriction en me servant de la notion pertinentiste d'"environnement cognitif mutuellement manifeste" (voir Dan Sperber et Deirdre Wilson, *Relevance, Communication and Cognition*, Cambridge MA : Blackwell, Oxford and Harvard University Press, seconde édition 1995, pp. 38-50). L'hypothèse que je vais proposer est que le passé simple, à la différence du passé composé, ne communique pas que l'énoncé est pertinent dans un contexte qui est déjà mutuellement manifeste.

7. Krag, Kirsten J. & Strudsholm, Erling

Université de Copenhague

mardi 16.08.2022, 13:00 – 14:30

Les noms *temps* et *tempo*

Sémantique lexicale dans une perspective comparative

Nous proposons de décrire l'évolution sémantique des substantifs *temps* et *tempo*. Dans un dictionnaire moderne de français (Robert *et al.* 2007) ou d'italien (Sabatini & Coletti 2005), les mots *temps* et *tempo* sont présentés comme des entités polysèmes (Evans 2005), ayant deux sens fondamentaux, indiquant soit la chronométrie, la durée ou la succession, soit un état de l'atmosphère.

Notre point de départ est que chaque entité lexicale possède à l'origine un seul sens principal et que les sens secondaires sont dérivés de celui-ci. Notre cadre théorique se base sur le modèle général de changement linguistique proposé par Lüdtke (1999), selon lequel il y a une relation cognitive entre les changements linguistiques et des dimensions extralinguistiques (voir aussi Blank 1999).

Le but de notre présentation est d'établir un rapport entre, d'un côté, la conception du monde et de la vie, et, de l'autre côté, la manifestation de ces conceptions dans les ressources lexicales indiquant *le temps*. Nous allons examiner les changements de sens des deux noms à partir de collocations. Concrètement, nous analyserons les collocations indiquant la notion de *temps* en français et en italien dans une perspective diachronique, afin d'identifier des motivations pour les changements sémantiques et fonctionnels dans le contexte extralinguistique. Notre enquête, basée sur corpus électroniques français et italiens, explorera les contextes où les mots *temps* et *tempo* apparaissent avec une sélection de verbes et d'adjectifs que nous pouvons corrélérer aux conditions socioculturelles.

Références :

BLANK, Andreas, *Why do new meanings occur? A cognitive typology of the motivations for lexical semantic change*, in A. Blank & P. Koch (eds.), *Historical Semantics and Cognition*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1999, p. 61-89.

EVANS, Vyvyan, *The meaning of time: polysemy, the lexicon and conceptual structure*. *Journal of Linguistics*, 41, 2005, p. 33-75.

LÜDTKE, Helmut, *Diachronic semantics: towards a unified theory of language change?*, in A. Blank & P. Koch (eds.), *Historical Semantics and Cognition*. Berlin/New York, Mouton de Gruyter, 1999, p. 49-60.

ROBERT, Paul & REY-DOBOVE, Josette & REY, Alain, *Le Nouveau Petit Robert. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Le Robert, 2007.

SABATINI, Francesco & COLETTI, Vittorio, *Il Sabatini Coletti. Dizionario della lingua italiana*. Milano, Rizzoli Larousse, 2005.

8. Merja, Nivala

Université de Helsinki

jeudi 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Le pronom *on* et ses équivalents en finnois dans un corpus bilingue littéraire et non-littéraire

Le pronom français *on* dispose d'un caractère exceptionnel en ce qui concerne son hétérogénéité référentielle. Son interprétation se réalise selon le contexte : il peut remplacer un pronom personnel déictique ou anaphorique, référer à un ensemble limité de personnes ou même englober toute l'humanité. (Fløttum, Jonasson & Norén 2007.) Le finnois ne dispose pas d'un pronom semblable et les valeurs exprimées par le pronom *on* sont construites à l'aide de différents procédés grammaticaux (Helkkula 2006), ce qui suscite un intérêt traductologique.

Dans cette communication, nous examinerons les équivalents finnois du pronom *on* dans un corpus parallèle bidirectionnel qui comporte 800 occurrences du pronom *on* et leurs constructions correspondantes en finnois relevant des œuvres littéraires et non-littéraires. Nous classerons les occurrences du pronom *on* en six catégories en réévaluant les catégories proposées par Fløttum *et al.* (2007) et Achard (2015).

Les constructions équivalentes les plus évidentes en finnois sont le passif (unipersonnel) et la personne zéro. Ces deux constructions ont pour caractéristique commune l'absence du sujet grammatical : le passif s'utilise notamment quand on renvoie aux choses qui concernent les gens en général ou à un groupe de gens, tandis que la personne zéro est apte à adopter un point de vue d'un individu et elle permet d'exprimer d'une façon non précise la personne qui fait ou éprouve quelque chose. (ISK 2005.) Le point commun entre le passif finnois, la personne zéro et le pronom *on* réside surtout dans le fait que le référent est humain et que plusieurs interprétations sont possibles.

Dans cette communication, après un bref aperçu du corpus utilisé, nous présenterons une catégorisation des emplois du pronom *on* et les équivalents finnois les plus fréquents. Ensuite, à l'aide de la régression logistique, nous chercherons à déterminer quels sont les traits du contexte (p. ex. temps verbal, verbe modal éventuel) qui contribuent à ce que le pronom *on* ait un équivalent finnois au passif ou à la personne zéro. Pour finir, nous proposerons quelques pistes pour des études ultérieures, surtout des méthodes expérimentales, pour pouvoir obtenir des informations que les études basées sur les corpus ne peuvent pas offrir.

Bibliographie

Achard, Michel (2015) *Impersonals and Other Agent Defocusing Constructions in French*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.

Fløttum, Kjersti ; Jonasson, Kerstin et Norén, Coco (2007) *ON. Pronom à facettes*. De Boeck & Larcier, Bruxelles.

Helkkula, Mervi (2006) « Un 'vague sujet' ? Sur le pronom *on* et sa traduction en finnois. » Garavelli, Enrico ; Helkkula, Mervi et Välikangas, Olli (éds) *Tra Italia e Francia. Entre France et Italie*. In *honorem Elina Suomela-Härmä*. Société Néophilologique, Helsinki. 229–241.

ISK = *Iso suomen kielioppi* (2005) [2004] Hakulinen, Auli *et al.* 3^e éd. Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, Helsinki.

9. Nurmi, Linda

Université de Helsinki

Mardi 16.08.2022, 13:00 – 14:30

L'effet mimétique du discours direct libre

Le discours direct libre (le DDL) – un phénomène linguistique, énonciatif et discursif très fréquent dans la seconde moitié du XX^e siècle et dans la littérature contemporaine – repérable co(n)textuellement et sémantiquement, échappe souvent au triangle canonique du discours rapporté qui englobe le discours direct (DD), le discours indirect (DI) et le discours indirect libre (DIL). L'effet mimétique du DDL crée un moment énonciatif qui tend à actualiser les propos des personnages romanesques au profit de la discursivité. Mon point de départ est de considérer le discours direct libre comme la quatrième forme du discours rapporté, à la fois « directe » et « libre », une forme dont les écrivain·e·s se servent pour rapporter les paroles des personnages. La « liberté » du DDL signifie qu'il n'est pas lié syntaxiquement ni typographiquement (absence de guillemets, de deux points, etc.), c'est grâce au co(n)texte et aux discordanciels énonciatifs que les énoncés relevant du DDL sont repérables par rapport à la situation d'énonciation. L'objectif de cette communication est de théoriser le DDL de manière approfondie, accentuant les traits linguistiques, co(n)textuels et sémantico-logiques sans oublier les notions de point de vue et de focalisation. Je partirai de l'hypothèse que le DDL rapporte seulement des paroles, d'où son caractère mimétique, alors que les « discours représentés » peuvent représenter aussi bien des paroles que des pensées. Ce caractère mimétique, désormais l'effet mimétique, fait référence aux énoncés qui produisent l'impression d'entendre parler les personnages d'un texte romanesque. Le cadre théorique se compose de la linguistique de l'énonciation, de la narratologie classique et postclassique (surtout la narratologie cognitive). Les méthodes de recherche seront qualitatives et basées sur la lecture et l'analyse des citations littéraires. Le corpus textuel est constitué des exemples tirés des romans et des nouvelles de la littérature contemporaine écrits par Marguerite Duras, Annie Ernaux et Annie Saumont.

Mots-clés: *le discours direct libre, énonciation, effet mimétique, co(n)texte, point de vue, narratologie*

Références bibliographiques:

Authier-Revuz, Jacqueline (2004) « La représentation du discours autre : un champ multiplement hétérogène. » López Muñoz, Juan Manuel & Marnette, Sophie & Rosier, Laurence. *Le discours rapporté dans tous ses états*. L'Harmattan, Paris. 35–53.

Banfield, Ann (1982) *Unspeakable sentences*. Routledge & Kegan Paul, Boston. Barat, Jean-Claude (1985) « Le « style direct libre » : défense et illustration ». *Fabula* 5. 141–147. Benveniste,

- Émile (1966) *Problèmes de linguistique générale I*. Gallimard, Paris. Benveniste, Émile (1974) *Problèmes de linguistique générale II*. Gallimard, Paris.
- Booker, John T. (1985) « Style direct libre : The case of Stendahl ». *Stanford French Review* 1985 : 9 (2). Department of French and Italian, Stanford University, California. 137–15.
- Cohn, Dorrit (1978) *Transparent Minds: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction*. Princeton, Princeton UP.
- Danon-Boileau, Laurent (1982) *Produire le fictif*. Klincksieck, Paris.
- De Mattia-Viviès, Monique (2010) « Du discours rapporté mimétique aux formes intrinsèquement hybrides. » *Anglophonia - French Journal of English Linguistics*, Presses universitaires du Midi, 2010. 151–180.
- De Mattia, Monique (2006) *Le Discours indirect libre au risqué de la grammaire. Le cas de l'anglais*. Publication de l'université de Provence, Aix.
- De Mattia-Viviès, Monique (2003) « Discours indirect libre et effet de discours indirect libre. Essai de formalisation énonciative. » *Stylistique et énonciation : le cas du discours indirect libre*. Numéro spécial du Bulletin de la Société de Stylistique Anglaise. 107–142.
- Fludernik, Monika (1996) *Towards a « Natural » Narratology*. Routledge, London and New York.
- Fludernik, Monika (1993). *The Fictions of Language and the Languages of Fiction: The Linguistic Representation of Speech and Consciousness*. London, Routledge.
- Genette, Gérard (2007) [1972] « Discours du récit. Essai de méthode ». *Figures III*, Éditions du Seuil. Rééd. sous le titre *Discours du récit*, Éditions du Seuil.
- Gross, J. B. (1993) « A telling side of narration: direct discourse and French women writers. *The French Review* 66 (3). 401-411.
- July, Joël (2010) « Le discours direct libre entre imitation naturelle de l'oral et ambiguïté narrative ». *Questions de style* 7. 117–130.
- Maingueneau, Dominique (2015) [2010] *Manuel de linguistique pour les textes littéraires*. Armand Colin, Paris.
- Malrieu, Denise (2005) « Discours rapportés et typologie des narrateurs dans le genre romanesque. » López Muñoz, Juan Manuel & Marnette, Sophie & Rosier, Laurence. *Dans la jungle des discours. Genres de discours et Discours Rapporté*. Universidad de Cádiz, Cádiz. 83–93.
- Marnette, Sophie (2005) *Speech and Thought Presentations in French. Concepts and Strategies*. Benjamins, Amsterdam et Philadelphia.
- Patron, Sylvie (2009) *Le narrateur. Introduction à la théorie narrative*. Armand Colin, Paris.
- Patron, Sylvie (2005) *Problèmes de théorie du récit*, cours suivi à l'Université de Helsinki en automne 2005.

- Philippe, Gilles & Joël, Zufferey (2018) « Le style indirect libre : naissance d'une catégorie (1894-1914). » *Classiques des sciences du langage* 280. Lambert-Lucas, Limoges.
- Philippe, Gilles (2009) « Langue littéraire et langue parlée. » Philippe, Gilles & Piat, Julien (éds.). *La langue littéraire. Une histoire de la prose en France de Gustave Flaubert à Claude Simon*. Fayard, France. 52–89.
- Rabatel, Alain (2001) « Les représentations de la parole intérieure. Monologue intérieur, discours direct et indirect libres, point de vue. *Langue française* 132. 72–95.
- Reggiani, Christelle (2009) « Le texte romanesque : un laboratoire des voix » Philippe, Gilles & Piat, Julien (éds.). *La langue littéraire. Une histoire de la prose en France de Gustave Flaubert à Claude Simon*. Fayard, France. 121–154.
- Rosier, Laurence (2008) *Le discours rapporté en français*. Éditions Ophrys, Paris.
- Rosier, Laurence (1999) *Le discours rapporté. Histoire, théories, pratiques*. Éditions Duculot, Paris/Bruxelles.
- Vandelanotte, Lieven (2009) *Speech and thought representation in English: a cognitive-functional approach*. Mouton de Gruyter, Berlin, New York.

10. Ruotsalainen, Henrik

Åbo Akademi

jeudi 18.08.2022, 15:30 – 17:00

Le traitement du mode après la conjonction *après que* dans les dictionnaires et grammaires du XVII^e au XXI^e siècle

Les grammaires normatives (p.ex. Cellard 1996 : 63-65) imposent traditionnellement l'emploi de l'**indicatif** dans les subordonnées temporelles introduites par la conjonction *après que*. Malgré cette règle, les francophones sont nombreux à mettre la subordonnée au **subjonctif** après cette conjonction (Riegel *et al.* 2016 : 568). Mais comment la norme modale qui a donné naissance à des débats normatifs et puristes s'est-elle développée au cours des siècles ? Quelles sont les attitudes des lexicographes et des grammairiens vis-à-vis du mode suivant *après que* ?

Dans mon intervention, je me focaliserai sur le développement et le statut de la **norme** suivant *après que* dans une perspective aussi bien historique que contemporaine. La question principale sera : **de quelle manière les sources métalinguistiques, en l'occurrence les dictionnaires et les grammaires, abordent-elles la norme à la suite de la conjonction *après que* du XVII^e au XXI^e siècle ?** Je parlerai aussi bien des tendances dans l'évolution de la norme que des attitudes des lexicographes et des grammairiens vis-à-vis du subjonctif, aujourd'hui souvent « stigmatisé » dans ce contexte.

Comme un grand nombre de normes linguistiques ont été élaborées à partir du XVII^e siècle (Ayres-Bennett 2004 : 3), cette période constitue le point de départ dans ma présentation. En m'appuyant sur les résultats jusqu'ici obtenus dans ma thèse de doctorat (novembre 2021), j'aborderai la norme

modale en partant d'un corpus métalinguistique qui comporte au total 32 dictionnaires monolingues et 44 grammaires répartis entre les cinq siècles. Je présenterai les résultats brièvement siècle par siècle, d'abord concernant les dictionnaires et ensuite, concernant les grammaires.

BIBLIOGRAPHIE

Ayres-Bennett, W., 2004. *Sociolinguistic Variation in Seventeenth-Century France – Methodology and Case Studies*. Cambridge : Cambridge University Press.

Cellard, J., 1996. *Le subjonctif : Comment l'écrire ? – quand l'employer ?* Paris : Duculot.

Riegel, M., Pellat, J. & Rioul, R., 2016. *Grammaire méthodique du français*. 6^{ème} édition. Paris : PUF.

11. Salberg, Trond Kruke

Université d'Oslo

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Le maintien du système bicasuel dans un texte de la fin de l'époque de l'ancien français

La Rime d'Ogier ou « le Roman d'Ogier en alexandrins » et un texte du XIV^e siècle conservé par trois manuscrits du siècle suivant. Le but de ce travail est de montrer que le système bicasuel se maintient dans ce texte, malgré certaines exceptions et souvent malgré les apparences. Ce qui confirme le maintien du système dans la plupart des cas, c'est que la forme traditionnelle est affirmée par la rime : on a *-ans* au cas sujet singulier masculin et *-ant* au cas sujet pluriel masculin. On va jeter un coup d'œil sur les phénomènes suivants où la leçon d'un ou de plusieurs des manuscrits semble indiquer que le système ne fonctionne plus :

- a. Parfois la particule *es* (< ecce) ou l'expression *es vous*, qui doit être suivie par un CR, est remplacée par un verbe. Le résultat est qu'on semble avoir un sujet au CR.
- b. Parfois la préposition *o* (< apvd) est remplacée par la conjonction *e(t)*. Dans quelques cas ce qui semble être un syntagme qui fait partie du sujet est en réalité un complément après préposition, correctement mis au CR. Le résultat est qu'on semble avoir un sujet au CR.
- c. Parfois les anciens imparisyllabiques sont traités d'une manière qui semble indiquer que le système ne fonctionne plus : on a *ber* au CR sg. malgré le fait qu'il s'agit étymologiquement d'un nominatif. Or l'explication est en réalité qu'on a eu une scission de l'ancien paradigme d'un seul substantif en deux substantifs distincts : au lieu d'avoir (au singulier) *li ber / le baron*, on a à la fois *li bers / le ber* et *li barons / le baron*. Pour ce qui concerne certains substantifs, ce phénomène est bien connu, nous allons chercher à montrer qu'il concerne aussi le substantif *cuens / conte*.
- d. Pour montrer la complexité du phénomène nous allons finalement regarder une phrase où on semble simplement avoir un sujet postposé au CR. Mais deux faits montrent qu'il faut corriger : d'une part la leçon des deux manuscrits qui sont généralement les meilleurs ne sont pas sémantiquement satisfaisante : une personne semble être dans un lieu où le reste du texte indique qu'elle ne devait pas être ; d'autre part la leçon du manuscrit qui est généralement le

moins fiable – même si elle ne peut pas être acceptée telle quelle – nous met sur le chemin de ce qui est sans doute la bonne interprétation du vers.

12. Svensson, Maria

Université d'Uppsala

mardi 16.08.2022, 13:00 – 14:30

Représentation du discours autre et argumentation dans l'article de recherche en linguistique

Le discours académique se caractérise par sa nature polyphonique (Boch et Grossmann 2002 ; Fløttum 2003 ; Fløttum, Dahl et Kinn 2006 ; Rinck, Fløttum et Poudat 2017), chaque discours académique étant basé sur des discours antérieurs du domaine étudié, dont le locuteur doit rendre compte pour s'y positionner. Le locuteur peut marquer la représentation du discours autre (RDA) par plusieurs formes linguistiques (p. ex. par une préposition comme *selon* ou un verbe de parole comme *affirmer*), et il peut également marquer sa reprise de parole par plusieurs formes linguistiques différentes (groupe prépositionnel comme *à notre avis*, groupe nominal comme *notre propos*, verbe de parole comme *nous proposons*, ou autre). La RDA peut aussi avoir plusieurs rôles différents pour le développement du discours du locuteur. Elle peut servir à soutenir l'argumentation du locuteur ou permettre au locuteur de formuler une hypothèse, mais elle peut également servir comme point de départ auquel s'oppose le locuteur pour proposer d'autres pistes de recherches.

Dans cette contribution, nous nous interrogeons sur le rôle du discours de la RDA dans le développement argumentatif du locuteur dans l'article linguistique, en étudiant la reprise de la parole par le locuteur après une séquence de RDA. Notre propos est plus spécifiquement de répondre aux questions suivantes : Par quel moyen linguistique le locuteur montre-t-il cette reprise ? Y a-t-il une correspondance entre la forme du marqueur de RDA et la forme que revêt cette reprise énonciative ?

Dans une approche argumentative nous nous proposons également d'étudier la fonction du discours autre pour l'argumentation du locuteur ; le locuteur exprime-t-il son accord ou son désaccord avec RDA, et de quelle manière l'utilise-t-il pour développer son propre discours ? Et de quelle manière cette prise de position se manifeste-elle de point de vue linguistique ?

Pour répondre à ces questions, nous étudierons les sections d'introduction de 200 articles récupérés du corpus *DiSci-Line* (Discours Scientifique Linguistique), constitué d'articles de recherche en linguistique, en y relevant toutes les occurrences de RDA.

Références

Authier-Revuz, J. (1995), *Ces Mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, Paris, Larousse.

Boch, F. et Grossmann, F. (2002), « Se référer au discours d'autrui, quelques éléments de comparaison entre experts et néophytes », *Enjeux*, 54, p. 41-51.

Boch, F., & Grossmann, F. (2001), « De l'usage des citations dans le discours théorique. Des constats aux propositions didactiques », *Lidil*, 24, p. 91-111.

Fløttum K., (2003), "Bibliographical references and polyphony in research articles", in: Fløttum K et Rastier, F. (éds), *Academic discourse. Multidisciplinary approaches*, Novus Press, Oslo, p. 97-119.

Fløttum, K, Dahl, T. et Kinn, T. (2006), *Academic Voices: Across Languages and Disciplines*, Amsterdam, John Benjamins.

Poudat, C. (2003), "Characterization of French linguistic research papers with morphosyntactic variables", in: Fløttum K. et Rastier F. (éds.), *Academic discourse. Multidisciplinary approaches*, Novus Press, Oslo, p. 77-96.

Rinck F., Fløttum K. et Poudat C. (2017), « Rôles d'auteur et références à d'autres sources. Comparaison entre écrit et oral », *CHIMERA, Romance Corpora and Linguistic Studies* 4 (1), p. 117-143. En ligne <https://revistas.uam.es/index.php/chimera/issue/view/679>

13. Treikelder, Anu & Amon, Marri & Käsper, Marge

Université de Tartu

vedredi 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Les questions de surprise en *comment* en français et leurs équivalents en estonien

Dans cette communication, nous nous proposons d'étudier dans une perspective comparative un emploi particulier des interrogatives introduites par *comment*. Il s'agit des cas où ces interrogatives ne sont pas employées de manière canonique pour s'enquérir sur le moyen ou la manière dont la situation s'est produite. Le contexte de cet emploi est illustré par la réponse (c) à la question en *comment* dans l'exemple (1) (emprunté à Fleury et Tovenà 2009) :

(1) Comment Max a lu le courrier de Paul ?

a) En cachette (manière) ; b) Par une connexion à distance (moyen) ; c) Il est curieux (raison)

Cet emploi a été décrit par Desmets et Gautier (2009), qui considèrent ces interrogatives en *comment* comme rhétoriques, et par Fleury et Tovenà (2018), selon qui elles reçoivent une lecture causale (*reason reading*), et sont susceptibles ainsi de commuter avec les questions en *pourquoi*. La question en *comment* porte dans ces cas sur les circonstances qui ont rendu possible que la situation se produise et elles verbalisent la tentative du locuteur de s'adapter face à une situation incompatible avec ses attentes (Fleury et Tovenà 2018). Les questions en *comment* expriment donc dans ce contexte une contradiction entre la situation et les attentes du locuteur, ce qui a permis de les lier à l'expression de la surprise et à la catégorie de mirativité en général (Desmets et Gautier 2009 : 13, cf. aussi DeLancey 2001). Elles peuvent donc être considérées comme questions de surprise (cf. Celle 2018), qui ne sont pas des questions rhétoriques proprement dites ni des questions ordinaires sollicitant une réponse informative.

L'étude des traductions dans le corpus parallèle français-estonien (CoPEF) montre que ce type d'emplois existe aussi pour l'interrogatif estonien correspondant *kuidas*, employé également dans les questions canoniques sur la manière ou le moyen. Le français et l'estonien ont recours à différents moyens lexicaux et/ou morphosyntaxiques qui favorisent la lecture de surprise, notamment, diverses marques de modalité ou d'intensité (cf. Desmets et Gautier 2009) qui les distinguent des questions ordinaires. Nous observerons dans quelle mesure ces moyens coïncident ou divergent dans les deux

langués. Le but de notre étude est, par le biais de la comparaison et à l'aide d'exemples authentiques, d'apporter des précisions sur la nature de ce type de questions, sur leur identification dans le contexte et sur leurs fonctions discursives et pragmatiques. De manière plus générale, notre communication vise à contribuer à l'étude de l'expression de la surprise en français et en estonien.

Références :

Celle, A., A. Jugnet, L. Lansari & E. L'Hôte (2017). Expressing and Describing surprise. In A. Celle & L. Lansari (eds), *Expressing and Describing surprise*. Amsterdam: John Benjamins, 215–244.

CoPEF = *Corpus parallèle estonien-français de l'Association franco-estonienne de lexicographie*, <http://corpus.estfra.ee>

DeLancey, S. (2001). The mirative and evidentiality. *Journal of Pragmatics* 33, 369–382.

Desmets, M. & A. Gautier (2009). Comment n'y ai-je pas songé plus tôt ? Questions rhétoriques en comment. *Travaux de linguistique* 58, 107-125.

Fleury D. & Tovenà L.M. (2018). Reason questions with comment are expressions of an attributional search. *Proceedings of the 22th Workshop on the Semantics and Pragmatics of Dialogue SEMDIAL 2018*, Université d'Aix-en-Provence, 112–121.

LITTÉRATURE

1. Aukrust, Kjerstin

Université d'Oslo

mercredi 17.08.2022, 15:30 – 16:30

Les « romans gilets jaunes » - une nouvelle littérature engagée

Le mouvement de protestation surnommé « les gilets jaunes » est apparu en France l'automne 2018, tout d'abord en réaction à une hausse des taxes sur les carburants proposée par le gouvernement. A partir du 17 novembre et tous les samedis suivants, des rassemblements dans les grandes villes et sur les ronds-points ont eu lieu. Au départ, ces rassemblements mobilisent près de 300 000 personnes, et malgré une mobilisation décroissante et certains épisodes violents, le soutien populaire reste fort pendant plusieurs mois.

Malgré la courte histoire du mouvement, il a eu des répercussions dans de nombreux domaines de la société française, notamment dans le milieu littéraire. En effet, plusieurs auteurs ont publié des œuvres de fiction directement inspirées par cette révolte populaire. Dans cette présentation, nous allons nous pencher sur cinq « romans gilets jaunes », parus en 2019/2020 : Sophie Divry, *Cinq mains coupées*; Aude Lancelin, *La fièvre*; David Dufresne, *Dernière sommation* ; Éric Vuillard, *La guerre des pauvres* ; et Grégoire Delacourt, *Un jour viendra couleur d'orange*. Nous chercherons à étudier leurs points communs, afin de dévoiler les caractéristiques de la « vague » de romans gilets jaunes. Plusieurs auteurs, tel Édouard Louis, ont reconnu le mouvement comme véritablement démocratique, comme la « voix des invisibles ». Cette interprétation est-elle dominante dans ces romans ? Ou y a-t-

il d'autres aspects des gilets jaunes, plus problématiques, liés à la violence ou aux théories du complot, qui émergent ?

A travers ces textes, nous aborderons l'importance de la littérature dans la compréhension des « fractures » sociales que connaît la France (Fourquet & Manternach 2018). Qu'est-ce que ces textes littéraires ajoutent au corpus déjà existant de textes non romanesques et académiques qui tentent « d'expliquer » le mouvement des gilets jaunes ? Nous nous intéressons également à la manière dont ces romans représentent une manière de poursuivre la contestation initiée par les gilets jaunes. De Voltaire à Sartre, la France a une longue histoire d'auteurs engagés qui participent aux luttes sociales. Concernant la littérature française contemporaine, Viart et Vercier soutiennent que l'une de ses principales caractéristiques est qu'elle reste engagée, mais d'une manière nouvelle (2008 : 253). L'étude de cinq romans gilets jaunes nous permettra d'illustrer un cas particulier de cette nouvelle littérature engagée.

2. Barsted, Guri Ellen

Høgskolen i Østfold

mardi 16.08.2022, 13:00 – 14:30

« Le langage des robes » dans deux romans de Rachilde

Dans les romans de Rachilde le style lié aux beaux vêtements, aux belles étoffes, ou aux beaux objets, joue un rôle à la fois énigmatique et complexe. Ses personnages romanesques possèdent, certes, des traits dandyesques, en ce qu'ils cherchent à se distinguer du monde commun et à faire d'eux-mêmes et de leur vie une œuvre d'art. Comme pour tout dandy qui se respecte, cette quête se fait aussi existentielle et identitaire.

Mais les personnages de Rachilde semblent souvent transgresser l'idéal de discrétion et d'harmonie préconisé par Brummell. Le style affiché par les héros rachildiens en arrive à dépasser l'élégance communément admise pour s'orienter vers le bizarre, vers ce qui choque. Les objets ou les vêtements se mettent à « parler », à transmettre des messages, et ils parlent haut et fort. Véhiculant le positionnement du personnage, ils proclament une volonté ou une détermination qui fait fi de l'opinion publique. Dans *Monsieur Vénus* (1884), Raoule de Vénérande n'hésite pas à défier toutes les règles sociales, et ses robes 'à sensation' soulignent trois étapes importantes et décisives de sa vie : sa première rencontre avec Jacques, la première fois où le couple se montre en public, et enfin leur mariage. A en juger par la réaction des spectateurs, le potentiel choquant des robes de l'héroïne suit une courbe montante. Mais en leur qualité d'énigme ces robes sont aussi des objets à déchiffrer, suggérant un cadre supplémentaire de référence ; elles illustreraient alors l'entrée dans le monde de l'Art, l'étalage triomphal de l'œuvre, et la sérénité ou l'équilibre esthétique.

Cette communication se propose donc d'explorer « le langage des robes » dans deux des romans de Rachilde : *Monsieur Vénus* (1884) et *La Marquise de Sade* (1887).

3. Boisen, Jørn

Université de Copenhague

jeudi 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Michel Houellebecq face à l'histoire littéraire

Michel Houellebecq incarne l'ultracontemporain. Son œuvre se nourrit, jusqu'à la rage, de son époque, c'est un écrivain *Google Earth* capable à la fois de représenter la société dans les grandes lignes et de faire le zoom sur un coin particulier de l'existence ici en maintenant.

Or, en même temps, l'œuvre de Houellebecq se place en dialogue presque ostentatoire avec l'histoire littéraire. Parfois, le rapport est explicite (le lien entre *Soumission* de 2015 et Huysmanns), parfois plus discret (celui entre *Sérotonine* de 2018 et *Graziella* de Lamartine). L'étonnant n'est pas tant que Houellebecq s'appuie sur les modèles littéraires du passé - "nous ne faisons que nous entregloser", disait déjà Montaigne – mais que son œuvre – tout en restant identique à elle-même du point de vue du style et des thèmes – semble installer un rapport avec une grande variété d'œuvres et périodes littéraires.

La question à laquelle cette présentation tente de répondre est de déterminer la nature du rapport entre Houellebecq et l'histoire littéraire, le jeu d'influences et d'inspirations, l'usage qu'il en fait et, en fin de compte, comment l'histoire littéraire va comprendre Houellebecq.

4. Doubinsky, Sébastien

Université d'Aarhus

mercredi 17.08.2022, 15:30 – 16:30

Jack Kerouac, écrivain bilingue?

Jack Kerouac, l'écrivain de *On the Road* et père de la Beat Generation est considéré par beaucoup comme une très grande figure de la littérature américaine. Or Kerouac, né en 1922 à Lowell, Massachusetts, vient d'un milieu prolétaire Canadien français, communément appelé "Canuck". Or on sait depuis longtemps, grâce à des interviews télévisés et des allusions dans ses textes anglophones, que Kerouac écrivait aussi en français. Mais c'est surtout depuis la publication d'une partie de ses textes francophones par Jean-Christophe Cloutier en 2016 et la nouvelle biographie de l'écrivain par Joyce Johnson, *The Voice is All*, où l'auteur insiste sur l'importance de ses origines Canuck dans sa littérature, que cette question est devenue centrale, car comment définir un écrivain bilingue qui n'a jamais publié un texte entier dans sa langue natale? Kerouac est-il un écrivain américain, canado-américain, canuck-américain? À la lumière de théories contemporaines sur l'identité coloniale et post-coloniale appliquées à ce cas particulier, j'essaierai de redéfinir les contours de ce qu'on pourrait appeler une "identité littéraire" et de ce qu'elle suppose comme fertilité et comme conflits.

5. Erlingsdóttir, Irma

Université d'Islande

mercredi 17.08.2022, 15:30 – 16:30

“Metoo” et le pouvoir de la littérature

Les victimes de violences sexuelles ont été victimes de «cruauté publique», pour emprunter un terme à la théoricienne politique Judith Shklar, qui consiste à infliger délibérément des souffrances à une personne ou à un groupe de personnes plus faibles afin de parvenir à un résultat donné. Le mouvement # MeToo a déjà donné des résultats incontestés: il n'existe aucun exemple comparable de reconnaissance sociale et de prise de conscience de cette ampleur sur la gravité - et la propagation - du harcèlement sexuel et de la violence. Jamais auparavant les gouvernements, les établissements d'enseignement et les employeurs n'avaient eu à faire face à ce problème par des actions comparables. Dans le contexte mondial, la plupart des couches de la société ont été impliquées: les arts de la scène, la restauration, les entreprises, les universités, la politique tout comme des secteurs marginalisés comme le monde de la prostitution, les immigrés et les réfugiés.

Dans cette communication, je me propose d'étudier la résonance du mouvement metoo dans la littérature française contemporaine, en partant du texte d'intervention de Virginie Despentes, “On se lève et on se barre”, publié dans *Libération* en mars 2020, en réaction à la cérémonie des Césars le 28 février 2020. Cette tribune n'exprime pas seulement le ras-le bol des femmes face au viol et aux sexismes, il met en cause un système “des puissants” qui favorise la persistance des violences sexuelle et l'impunité des auteurs. L'impact énorme de ce texte est un preuve infaillible du pouvoir de la littérature. Il en va du même du récit autobiographique de Vanessa Springora paru en janvier 2020, *Le Consentement*, qui décrit les ravages des abus sexuels et qui a lui aussi provoqué un onde de choc dans la société française soulevant des débats et des enjeux dans des domaines très différents. Ces actions littéraires seront étudiées en tant qu'actions qui ont une force de transformation, une force d'affirmation politique, et une force révolutionnaire — précisément parce qu'il s'agit d'une littérature qui intervient en tant que littérature dans un espace où il va de ce qui fait le “commun d'une communauté”, pour reprendre une formulation de Jacques Rancière.

6. Hauksson-Tresch, Nathalie

Université de Linné, Suède

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Une approche sémiotico-linguistique du personnage romanesque

Ma présentation a pour objet l'étude d'un texte romanesque au moyen de deux outils théoriques de la sémiotique textuelle. Il y a d'une part, le modèle actantiel, développé par A.J. Greimas, qui nous permet de diviser une action en six facettes ou actants – le sujet, l'objet, le destinataire, le destinataire, l'adjuvant et l'opposant – elles-mêmes divisées en trois oppositions, les axes du désir, du pouvoir et de la transmission, formant en commun l'axe de la description.

Le modèle sémiologique créé quant à lui par P. Hamon, part de l'idée que le personnage peut être étudié à l'instar du signe linguistique en utilisant les notions de signe référentiel désignant une réalité extérieure au roman, de signe déictique renvoyant à l'énonciation à savoir l'auteur et/ou le lecteur, et de signe anaphorique assurant la cohésion du récit. Ces notions entrant dans trois champs d'analyse : l'être, le faire et la hiérarchisation.

Ces modèles seront utilisés pour l'analyse d'un roman policier, *Le renard des grèves* paru en France en 2004 et dont l'auteur, Jean Failler, a été condamné par la plus haute cour du pays à la suppression de certains passages du livre, passages jugés attentatoires à la vie privée d'une personne. Il s'agit de la condamnation la plus sévère prononcée de ce chef et à ce jour par une cour française à l'encontre d'un écrit de fiction. La condamnation et l'analyse faite par la justice motivent le choix d'étude de ce roman, puisque je tenterai de mettre en lumière les avantages qu'auraient eu pour les juges et la justice une connaissance plus approfondie des mécanismes à l'œuvre dans le roman, mécanismes pouvant apparaître à la faveur d'une analyse sémiotico-linguistique approfondie.

Bibliographie

- Failler, J., *Le renard des grèves*, Saint-Evarzec (Finistère), Palemon, 2004.
Greimas, A. J., *Sémantique structurale*, Paris: Presse universitaires de France, 1986 [1966].
Hamon Philippe. Pour un statut sémiologique du personnage. In: *Littérature*, n°6, 1972. *Littérature*. Mai 1972. pp. 86-110.

7. Härmä, Juhani

Université de Helsinki

mardi 16.08.2022, 13:00 – 14:30

Sur la variation dans la correspondance en français des Finlandais aux XVIII^e et XIX^e siècles

Je travaille depuis une dizaine d'années sur des correspondances finlandaises datant de la fin du XVIII^e et de la première moitié du XIX^e siècle, écrites en français et en suédois par des notables. Ces lettres présentent un grand intérêt linguistique, mais n'avaient jusqu'à récemment été étudiées que par des historiens.

Les lettres ont toutes comme auteurs des nobles finlandais, dont la langue maternelle était le suédois. Elles sont adressées à des compatriotes, ayant un profil linguistique et social similaire, et ont été écrites tantôt en suédois, tantôt en français. Le français occupe dès le XVII^e siècle une place importante en Suède, due à son prestige, ce qui a des conséquences également pour la Finlande, rattachée à ce pays depuis le XII^e siècle.

Les lettres des quatre auteurs présentent plusieurs caractéristiques en commun, de même que ces auteurs eux-mêmes ont beaucoup en commun ; ils sont nés entre 1757 et 1781, sont tous nobles, deviennent des hauts fonctionnaires et réussissent la transition du service du roi de Suède à celui de

l'empereur de Russie. À l'exception d'Ehrenström, qui était autodidacte mais néanmoins polyglotte et homme d'une grande culture, ils ont tous fait des études supérieures.

Le style de J. A. Ehrenström, de C. J. Walleen et de R. H. Rehbinder reste constant dans leurs correspondances, à savoir plutôt formel et sérieux (« businesslike »), sans grande variation intrapersonnelle. L'immense correspondance de G. M. Armfelt présente un profil assez différent. Il fait preuve d'une variation stylistique importante en fonction surtout des destinataires de ses lettres. Lorsqu'il écrit à ses familiers, il semble ne pas se soucier de la toilette des lettres ; témoin l'emploi en apparence aléatoire de la ponctuation et la syntaxe anacoluthique de ses phrases. Quand il écrit au roi de Suède (Gustave III) ou au ministre des affaires étrangères de celui-ci, les lettres deviennent beaucoup plus soignées et méticuleuses. L'alternance codique français-suédois, qu'on retrouve à des degrés différents chez tous les épistoliers, est courante dans les lettres adressées aux familiers, mais nettement moins dans les lettres plus officielles.

Les matériaux offerts par ces correspondances offrent des échantillons intéressants de la variation de micro-niveau, reflétant la vaste diffusion d'une langue étrangère qui alterne avec la langue maternelle des auteurs.

Références :

Härmä, Juhani 2018 : Observations sur le contact de langues dans les correspondances finlandaises des siècles passés. Marri Amon & Marie-Ange Julia (sous la dir. de) : *Oralité, Information, Typologie. Orality, Information, Typology. Hommage à M.M. Jocelyne Fernandez-Vest*. Paris, L'Harmattan. (Coll. Langue et Parole). 455-470.

Härmä, Juhani 2019 : Le français et le suédois dans les correspondances finlandaises des 18e et 19e siècles : contacts de langues. Andreas Dufter, Klaus Gröbl & Thomas Scharinger (éds.) : *Des parlars d'oïl à la francophonie. Contact, variation et changement linguistiques*. Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie 440. Berlin, Mouton De Gruyter. 209-227.

8. Jørgensen, Steen Bille

Université d'Aarhus

mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Lire le monde pour être chez soi –

Retours au pays, relectures et quête ontologique chez Dany Laferrière

En tant qu'écrivain de l'exil, Dany Laferrière accorde une place importante au motif du « retour au pays ». Mais peut-on également parler d'un retour chez soi ? Cela n'a rien de simple, et contrairement à Aimé Césaire, dont il propose une réécriture et relecture avec *L'énigme du retour* (2009), Laferrière ne laisse pas dominer des images de violence et de souffrance teintées de la couleur rouge sang. En abordant l'expérience existentielle qu'est la mort du père, est-ce que Laferrière ne fait pas du « retour au pays » un voyage quasi-initiatique où les impressions immédiates et la couleur jaune viennent

suggérer une posture perceptive et constructive ? Le fait est qu’au niveau de son écriture auto-fictive, la couleur jaune domine (entre nature et culture) pour suggérer une tension essentielle entre perceptions au présent et mémoire des émotions du passé, et on est tenté de risquer l’hypothèse d’une valorisation de cette couleur jaune (soleil) qui, de livre en livre – roman, poésie et même dernièrement romans dessinés – acquiert le statut d’une sorte de vecteur de réalité. Se disant ‘voyageur en littérature’ et ‘en français’, est-ce que cet écrivain, ne trouve pas son chemin pour la simple raison qu’il assume en toute lucidité la position d’écrivain ‘primitif’ dont la présence corporelle et l’attention, toute visuelle, viennent répondre à une sorte de rappel au présent et à la vie avec les autres. Là où le deuil, la solitude, la folie... ou la ‘vie de zombie’ risquerait de l’emporter, l’art de Laferrière – à l’instar des peintres haïtiens – recrée de la vie. Il faut donc se demander en quoi il s’agit là d’une posture littéraire concertée en tant que mise en forme (parabolique) liée à l’ancrage originel qui devient, en même temps, refus du deuil indéfini.

9. Kristinsdóttir-Urfalino, Gudrun

Université d’Islande et Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle
mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

La trilogie romaine de Robert Garnier : un théâtre de consolation

Profondément peiné par les guerres de religion et proche de Henri III, le poète Robert Garnier a composé une trilogie sur la guerre civile romaine, mettant en scène les vaincus, avec une attention particulière portée au sort des femmes. Ses tragédies romaines présentent une construction complexe, empruntant au théâtre latin et à Ovide des thèmes et surtout des schémas dramatiques qu’il transforme. Par ailleurs, l’auteur ménage dans chacune des pièces une relation étroite, à chaque fois spécifique, entre une poétique sophistiquée et une pensée politique. Employant la méthode développée par Hélène Merlin-Kajman (*L’Absolutisme dans les lettres et la théorie des deux corps. Passions et politique*, Champion, 2000) pour analyser l’articulation entre le poétique et le politique dans les œuvres littéraires, je montrerai comment, dans *Porcie* (1572), l’auteur condamne l’assassinat de Jules César ; comment, dans *Cornélie* (1574), il pose qu’il ne faut pas se venger des torts subis, ils seront vengés par ailleurs ; et comment, dans *Marc-Antoine* (1578), il propose une réflexion sur le *regimen* des princes, trop humains. Affirmant la profonde humanité des vainqueurs et des vaincus, Garnier offre à ses contemporains un théâtre de consolation d’inspiration stoïcienne.

10. Leblanc, André

Högskolan Dalarna, Suède
jeudi 18.08.2022, 11:00 – 12:30

La réception croisée de *Stupeur et tremblements* d’Amélie Nothomb

Depuis sa publication en 1999 dans sa version originale française, *Stupeur et tremblements* a suscité de nombreuses réactions en ce qui a trait à la vision du Japon et des Japonais. Le plus intrigant est

que la teneur de ces commentaires a tout de même considérablement varié entre les aires linguistiques : les francophones y ont vu surtout un document à portée ethnographique crédible sur la culture nippone alors que les anglo-saxons ont eu tendance à remettre en cause la véracité de certains faits rapportés par Nothomb sans compter que les Japonais eux-mêmes, sans doute orientés dans leur lecture par la préface de l'auteure à la traduction japonaise qui souligne que ce récit n'est que le compte rendu de sa vision du travail dans une multinationale sans lien avec sa vision du Japon, y ont principalement vu l'expression d'un regard particulier sur le monde du travail.

Entre la vision orientaliste (au sens de Saïd) qui prédomine chez les francophones, la vision critique des anglo-saxons et la vision anecdotique des Japonais, se dessine sans doute des différences de perception du Japon (et au-delà, du regard sur soi porté par les étrangers) propres à chacune de ces aires linguistiques. Outre des facteurs intrinsèques à l'œuvre qui ont pu jouer un rôle déterminant, en particulier les diverses réflexions sur les coutumes japonaises, l'ethos développé par Nothomb a pu avoir une influence considérable, en particulier chez les francophones. Il faudra déterminer selon quelles modalités l'interaction entre le texte, le péri-texte et l'épi-texte de *Stupeur et tremblements* peut expliquer les différences de perception que cette œuvre a pu suscitées, en mettant en particulier l'accent sur la représentation du moi mise en scène par l'auteure.

11. Magnúsdóttir, Asdis Rosa

Université d'Islande

mardi 16.08.2022, 13:00 – 14:30

« La Belle et la Bête » en Islande

Un conte français – sans chocolat – pour les enfants islandais

« La Belle et la Bête » de Madame de Villeneuve fut publié à Paris en 1740 dans *La Jeune Américaine et les contes marins*. En 1756 Madame Leprince de Beaumont en publia une version abrégée à Londres dans son *Magasin des enfants, ou dialogues d'une sage gouvernante avec ses élèves de la première distinction*, œuvre didactique destinée à ses jeunes élèves anglaises. Cette version abrégée du conte se répandit par la suite dans plusieurs pays européens grâce à de nombreuses rééditions et traductions. « La Belle et la Bête » fait partie des rares œuvres littéraires françaises traduites en islandais au XVIII^e siècle et, longtemps, on a cru qu'il s'agissait du seul conte français traduit à cette époque. En 1796 l'évêque de Skálholt, Hannes Finnsson, qui apprit le français à Copenhague, publia ce conte dans un recueil destiné à l'instruction du public islandais non cultivé. Son recueil s'ouvre par une introduction où l'évêque explique ses intentions et sa volonté d'adapter son écriture et son style à ces futurs lecteurs. Dans cette communication je m'intéresserai à la traduction de textes littéraires français traduits par Hannes Finnsson dans ce recueil en prenant l'exemple de « La Belle et la Bête » afin d'illustrer sa méthode d'adaptation.

12. Martin, Xavier

Université d'Oulo

mercredi 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Pascal Quignard et la tradition galante

Dans *La France galante* (2008) puis *La galanterie. Une mythologie française* (2019), Alain Viala observe et commente une constante de la littérature française qui repose, en partie, sur un art de la conversation et une grande proximité entre hommes et femmes. L'écrivain Pascal Quignard semble très éloigné de cette tendance. Il aborde fréquemment la question de l'amour et de la sexualité dans son œuvre, mais ses références sont ailleurs. Il a beaucoup écrit sur l'Antiquité grecque et romaine, sa pensée est profondément influencée par les auteurs antiques. Dans de très nombreux textes, Quignard revient sur la vie d'amants célèbres, il s'intéresse à des personnages historiques (Héloïse et Abélard, Apulée, Dante, Colette) ou des personnages littéraires (Ulysse et Circé, Tristan et Iseult, la châtelaine de Vergy, Fabrice Del Dongo et Clelia Conti par exemple). Dans plusieurs romans ou récits de soi déguisés (les plus visibles sont *Le Salon du Wurtemberg* et *Vie secrète*), il expose ses propres amours. Il paraît fasciné par les récits d'amour passion qui se terminent tragiquement (selon un schéma bien décrit par Denis de Rougemont dans *L'amour et l'occident*).

Dans ma communication, je propose de relever des traits déterminants du discours sur l'amour qui sont caractéristiques de l'œuvre de Pascal Quignard, et de souligner des constantes dans les histoires d'amour qu'il invente ou qu'il commente. La réflexion d'Alain Viala sur la galanterie servira de point de repère pour, par contraste, mettre en relief la singularité du positionnement de Quignard.

13. Ruiz, Mette

Högskolan Dalarna

mercredi 17.08.022, 09:00 – 10:30

Comment « désemployer » un ordre établi ? Étude de *Tout-monde* d'Édouard Glissant

À travers le roman *Tout-monde* (1993), l'écrivain martiniquais Édouard Glissant lance un nouveau concept philosophique, le « Tout-monde » dont le livre offre à la fois la théorisation et l'illustration. Nous chercherons à montrer que ce roman peut être lu comme un manuel ou un mode d'emploi pour mettre en œuvre ce nouveau concept, tout en discutant comment l'auteur se sert du discours fictionnel pour rendre convaincant son projet.

Avec le concept « Tout-monde », Glissant élargit le cadre de son œuvre qui jusqu'alors avait été orientée vers la question identitaire du peuple martiniquais ; dans *Tout-monde*, la Martinique et son archipel occupent toujours une place importante, mais ces lieux sont désormais chargés d'une force exemplaire : celle d'une vision non-hiérarchique du monde où les peuples et les cultures entrent en relation sans instaurer de rapport de domination les uns avec les autres. Le concept « Tout-monde » a aussi trouvé une réalisation concrète dans l'Institut du Tout-monde, fondé par l'auteur, qui promeut la littérature francophone par des conférences et des prix littéraires.

À partir de ces remarques préliminaires, on orientera l'analyse du roman sur la façon dont les éléments fictionnels et éléments prescriptifs s'articulent dans *Tout-monde* pour inciter le lecteur à adhérer au concept et à le mettre en pratique. On se demandera également comment par ce mélange l'auteur répond au besoin d'élaborer un mode d'emploi pour expliciter sa pensée, sans pour autant imposer un nouvel ordre qui risque de contredire le concept. Dans quelle mesure pourrait-on parler de mode de « désemploi » pour qualifier un tel brouillage ?

Dans l'analyse, nous interrogerons d'abord le discours prescriptif qui se met en place dès l'avant-propos pour embarquer le lecteur dans un voyage à la fois philosophique et esthétique à travers l'idée de « Tout-monde ». Il sera ensuite question du discours théorique imbriqué dans la fiction qui rythme l'avancée du voyage ainsi que des nombreuses figures de poètes dont certains se présentent comme des modèles à suivre sur le chemin du Tout-monde. On finira sur une discussion sur la signification du geste d'un écrivain francophone de lancer un concept qui refuse tout « centre » et toute hiérarchie, tandis qu'il s'inscrit lui-même au cœur de la littérature française – et donc au « centre » – en publiant son roman chez Gallimard.

Bibliographie sélective

Pascale CASANOVA, *République mondiale des lettres* (1999), 2nde éd. (2008), Paris, Seuil.

Dominique CHANCÉ, *L'Auteur en souffrance : essai sur la position et la représentation de l'auteur dans le roman antillais contemporain (1981-1992)* (2000) Paris, PUF.

Dominique CHANCÉ, *Édouard Glissant. Un « traité du déparler ». Essai sur l'œuvre romanesque d'Édouard Glissant* (2002), Paris, Karthala.

Katell COLIN, « Quand "l'intellectuel total" se fait démiurge. Multiplication des savoirs et refondation du monde dans l'œuvre d'Édouard Glissant », dans *Dalhousie French Studies*, vol. 90, 2010, p. 87-100.

Katell COLIN-THEBAUDEAU, *Refondation du monde et stratégies discursives dans l'œuvre d'Édouard Glissant* (2006), thèse de doctorat en études littéraires, soutenue au Département des littératures, Faculté des Lettres de l'Université Laval, Québec.

Édouard GLISSANT, *Tout-monde* (1993), Paris, Gallimard.

Mette TJELL, *Le Manifeste littéraire revisité. Explorations fictionnelles du genre* (2015), thèse de doctorat en Sciences du Littéraire, soutenue à l'EHESS, CRAL.

14. Sejten, Anne Elisabeth

Université de Roskilde

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Les enjeux philosophiques du concept sociologique d'artification

Sous le terme d'« artification », la sociologie de l'art entend étudier les processus sociaux, situés dans le temps et l'espace, qui sont à l'origine du « passage du non-art à l'art » (*De l'artification*, recueil dirigé par Nathalie Heinich et Roberta Shapiro en 2012). Cette recherche – qui implique une participation pluridisciplinaire – met la philosophie de l'art face à des conclusions qui non seulement justifient l'admission de nouvelles formes d'art, mais qui soutiennent, de façon plus profonde, « un

déplacement durable de la frontière entre art et non-art ». Autant dire que les travaux sociologiques se détournent contre toute conception « essentialiste » de l'art.

En vue de discuter cette confrontation de la sociologie de l'art avec la philosophie de l'art, nous nous proposerons d'explorer deux pistes à titre d'exemples : d'une part l'artification mise en scène par André Malraux selon l'idée majeure qu'il se fait du Musée Imaginaire, d'autre part le double processus ambigu de désartification et d'artification dont relève le ready-made à partir de son inventeur Marcel Duchamp. Alors que Malraux en tant que critique d'art se sensibilise par rapport aux « voix du silence » qui émanent des œuvres rassemblées dans son musée imaginaire, l'engagement subversif qu'accomplit en 1917 Duchamp laisse entendre la voix obstinément tacite de son fameux ready-made *Fountain*. Revisiter Malraux et Duchamp dans ce contexte spécifique d'artification nous amènera donc à demander si un certain mutisme de l'art se donne à penser comme condition de possibilité de *tout* art ou de l'art en tant que tel.

15. Uvsløkk, Geir

Université d'Oslo

vendredi 19.08.2022, 09:00 – 10:30

Traduire la postmémoire

En 2018 et 2019, quatre romans français relatant des événements historiques traumatisants sont traduits en norvégien : *Pas pleurer* (2014) de Lydie Salvayre, avec deux témoignages très différents de la guerre civile espagnole ; *Dora Bruder* (1997) de Patrick Modiano, qui raconte l'histoire d'une jeune fille assassinée durant la Shoah ; *L'Art de perdre* (2017) d'Alice Zéniter, qui traite de la guerre d'Algérie et du destin des harkis ; *Petit pays* (2016) de Gaël Faye, qui évoque le génocide des Tutsi au Rwanda.

À part Gaël Faye, qui représente ce que l'on nomme la « génération 1,5 » dans la recherche sur la mémoire traumatique (c'est-à-dire qu'il était encore un enfant quand il a vécu l'événement traumatique), aucun des écrivains ne sont des témoins directs des événements qu'ils relatent, mais ils ont tous un lien familial avec des personnes qui ont survécu à ces conflits. Ils appartiennent ainsi à ce que Marianne Hirsch (2008) nomme la génération de la « postmémoire ».

Dans cette communication, je réfléchirai sur le rôle des traducteurs de ces textes (*Ikke gråte*, tr. Gøril Eldøen, 2018 ; *Dora Bruder*, tr. Tom Lotherington, 2019 ; *Kunsten å miste*, tr. Egil Halmøy, 2019 ; *Lille land*, tr. Gøril Eldøen, 2018). Sharon Deane-Cox (2013) considère les traducteurs des témoignages de la Shoah comme des « témoins secondaires », une catégorisation qui pour certains critiques fait peser une trop grande responsabilité sur ces traducteurs. Qu'en est-il des traducteurs de la littérature de la postmémoire ? Que pensent-ils d'une telle responsabilité ? Comment travaillent-ils avec cette littérature ? S'investissent-ils personnellement dans les histoires racontées ? Se documentent-ils plus ou d'une autre façon que lors de la traduction d'autres genres de texte ? Ou sont-ce juste, pour eux, des textes ordinaires ?

16. Westerlund, Frederik

Université de l'Est de Finlande
jeudi 18.08.2022, 11:00 – 12:30

Les multiples faces de la marginalité dans *Alma* de J.-M.G. Le Clézio

En 2017 paraît *Alma* de J.-M.G. Le Clézio. Le roman s'inscrit dans le « cycle mauricien » (Barber 2005, 3). Dans l'ouvrage, comme dans beaucoup d'autres de Le Clézio, la marginalité a une place centrale. Le thème de la marginalité chez Le Clézio a déjà été exploré (voir p.ex. Cavallero 2009 [1993], Glaziou 2003, Thibault 2005, et Van Acker 2005) ; aucune des ces études n'est bien récente.

Dans *Alma*, la marginalité est d'abord ethnique avec les deux personnages principaux. L'un, Jérémie, Français d'origine mauricienne débarque à l'île, tandis que l'itinéraire de l'autre, Dominique, surnommé « Dodo » va dans le sens inverse. Ajoutons à cela la négociation parfois difficile entre les groupes ethniques sur l'île.

Puis, elle est sociale, Dodo vivant à la marge de la société, tout comme Krystal, jeune fille qui veut emprunter la voie rapide à l'argent et à l'insertion sociale à l'aide des services de son corps. Derrière ces deux faces de la marginalité, le lecteur entrevoit encore des vestiges de hiérarchies mises en place par la colonisation.

La marginalité se joue aussi au niveau du langage et des relations : Ayant perdu la faculté de la parole et souffrant d'une maladie qui ronge son visage, Dodo s'identifie comme un rejeton de la société. Sa voie de communication, la musique, n'est pas toujours appréciée et comprise.

Dans notre communication, nous explorons les différentes faces de la marginalité dans le roman.

Bibliographie

Diane Barbier : *Le Chercheur d'or*. Connaissance d'une œuvre 97. Bréal éditions, Paris 2005, 125 p.

Claude Cavallero : « Les marges et l'origine », avec J.-M.G. Le Clézio, *Europe*, n°765-766, janvier-février 1993, pp. 166-174 ; rééd. n°957-958, janvier-février 2009, pp. 29-38.

Joël Glaziou : « Dans la marge... des forces en marche. Portraits de quelques marginaux dans l'œuvre de Le Clézio », *Recherches sur l'imaginaire « Figures du marginal »*, Cahier XXIX, Presses de l'Université d'Angers, 2003, pp. 221-228.

Bruno Thibault : « La Revendication de la marginalité et la représentation de l'immigration clandestine dans les récits de J.M.G. Le Clézio ». *Nouvelles Études francophones* 20:2, 2005, pp. 43-55.

Isa Van Acker : « Errance et marginalité chez Le Clézio : Le Procès-verbal et La Quarantaine », *Nouvelles Études Francophones*, 20:2 (2005), pp. 69-78.

PHONÉTIQUE

1. Masengo, Elie Luabeya

Høgskolen i Østfold

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

L'INFLUENCE DE LA VARIÉTÉ BELGE DU FRANÇAIS EN RÉPUBLIQUE DÉMOCRATIQUE DU CONGO

Dans le cadre du cours de variation linguistique enseigné en master et, en qualité d'étudiante et future enseignante du cours de FLE, nous avons choisi de parler sur un sujet dont le thème est intitulé : « *L'influence de la variation Belge du français en République démocratique du Congo* ». Dans ce sujet, nous allons nous focaliser sur les variétés du français parlé en Europe et hors de l'Europe, et plus précisément sur l'influence de la variété Belge en République Démocratique du Congo. Nous allons parler donc de leurs répercussions sur le français parlé par les congolais vivant au pays et en dehors du pays (par exemple, le cas des congolais vivant en Norvège). En effet, ce sujet vise l'étude de la langue française parlée par les belges de la Belgique, pays colonisateur de la République Démocratique du Congo en tenant compte de son évolution à travers le temps, c'est-à-dire de la manière que les belges ont utilisé cette langue et son impact sur la population locale. Nous allons nous référer sur l'expérience de Gadet (2007) qui dit que : « pour exprimer cette diversité [...]. Les sociolinguistiques la saisissent en parlant des variétés pour désigner différentes façons de parler, de variation pour les phénomènes diversifiés en synchronie [...] » Gadet (2007 : 13). Ainsi, la question du sujet est celle de savoir : Comment fonctionne la variété Belge au Congo Kinshasa et comment influence-t-elle le français parlé au Congo et hors du Congo parmi les immigrants congolais ?

L'objectif global est celui de fournir une diversité d'usages des mots exprimant la même réalité, offrant ainsi à l'apprenant, un champ étendu des concepts en langue française.

Pour conclure, nous avons trouvé que cette idée peut aussi intéresser d'autres chercheurs, professeurs et étudiants en cour des L2. Nous avons opté de parler de la variation Belge, en nous référant de cette phrase : « Le français a aussi été diffusé dans le monde par la colonisation : différents français langue seconde se trouvent en contact avec des langues diverses » (Gadet, 2007 : 15).

2. Wiklund, Mari & Anne Riippa

Université de Helsinki

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

L'intonation des exclamations dans la parole des apprenants finnophones du français

Chaque langue a un système intonatif qui lui est propre (Hirst & Di Cristo, 1998). Si un apprenant d'une langue étrangère essaie de transposer la prosodie de sa langue maternelle dans la langue cible, cela a pour conséquence la création d'un accent étranger (Ludke & Weinmann, 2012 : 5-6).

Le français se caractérise par des mouvements intonatifs larges (e.g. Di Cristo, 1998 ; Mertens, 2008 ; Morel & Danon-Boileau, 1998 ; Rossi, 1999), tandis que l'intonation du finnois se caractérise par une certaine monotonie créée par une échelle de variations restreinte de la fréquence fondamentale (Iivonen, 1998).

Selon les études antérieures (Delais-Roussarie et al., 2015 ; Di Cristo, 2016) les exclamations du français se terminent typiquement par un abaissement intonatif de la syllabe prétonique, suivi d'une montée et d'une chute finale produites pendant la syllabe tonique ((L)H* L%). Nous nous intéressons à savoir ce qui caractérise la différence éventuelle de l'intonation des énoncés exclamatifs lorsque ceux-ci sont prononcés par des non natifs à savoir par des apprenants finnophones du français et lorsqu'ils sont prononcés par des locuteurs natifs du français. L'objectif de notre communication est de répondre aux questions suivantes : 1) Les apprenants finnophones du français produisent-ils typiquement le même type de contour intonatif ((L)H* L%) à la fin des exclamations ou y a-t-il des différences à noter ? 2) Comment le profil intonatif des exclamations produites par les apprenants finnophones se caractérise-t-il par rapport à celui des énoncés interrogatifs des mêmes locuteurs (cf. Wiklund & Riippa, 2021) ? 3) Comment pourrait-on expliquer les différences éventuelles entre les apprenants et locuteurs natifs, et quelles sont leurs implications pour l'enseignement du français comme langue étrangère ?

Notre corpus consiste en des enregistrements où 15 apprenants finnophones du français et 5 locuteurs natifs du français lisent un extrait d'un dialogue tiré de la pièce de théâtre *En attendant Godot* (Beckett, 1952). Les locuteurs finnophones sont des étudiants qui ont suivi un cours de français au Centre de langues de l'Université de Helsinki. Leur niveau de français oral est A1-A2 (CEFR, 2022). Les locuteurs natifs sont des étudiants Erasmus à l'Université de Helsinki.

Dans les analyses acoustiques, nous utilisons le système Prosogram (Mertens, 2004), un outil technique permettant de générer des annotations des extraits de la parole et des stylisations correspondant à une estimation de la hauteur mélodique perçue par un auditeur moyen. L'avantage de ce système est qu'il est indépendant de la langue, ce qui est important lorsque l'on étudie la parole des apprenants L2.

3. Østby, Kathrine Asla

Université d'Oslo, Norvège

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

La haute bourgeoisie parisienne devant la norme : mesurer le niveau de sécurité/insécurité linguistique et interpréter les données (micro-étude)

La notion d'*insécurité linguistique* apparaît pour la première fois chez Labov (1966) et fait référence à un manque de légitimité linguistique vécue chez le locuteur. Les travaux de Labov mettent au jour un lien étroit entre classe sociale et sécurité/insécurité linguistique (cf. *Index of Linguistic Insecurity*,

ILI, Labov 1966) ; sentiment d'insécurité linguistique au sein des classes inférieures et moyennes *versus* situation de sécurité linguistique forte pour les classes supérieures. Les attitudes linguistiques (pris au sens large du terme) des sujets parlants se révèle un facteur important dans la propagation d'un changement linguistique, en particulier l'insécurité linguistique de la petite bourgeoisie allant de pair avec un comportement hypercorrectif. La majorité des études variationnistes se sont intéressées aux innovateurs au cours d'un changement linguistiques, alors que les pratiques et les attitudes linguistiques des locuteurs socialement favorisés, à priori linguistiquement conservateurs, ont été relativement peu étudiées.

Nous présenterons dans cette communication des résultats d'une micro-étude socio-phonologique menée auprès de 12 locuteurs appartenant à la haute bourgeoisie parisienne. L'étude concerne les voyelles dites à *double timbre* /A, E, Ø, O/, pour lesquelles on observe dans le français contemporain une importante variation ainsi que des tendances évolutives (Armstrong & Pooley 2010). Nos données phonologiques semblent indiquer que (certaines de) ces tendances se manifestent également dans les usages de nos locuteurs. Nous cherchons en plus à déterminer le niveau de sécurité/d'insécurité linguistique et le niveau de purisme linguistique des mêmes locuteurs et les mettre en relation avec la variation linguistique observée. Les données révèlent pour nos locuteurs (linguistiquement relativement conservateurs) un rapport moins régulier entre les attitudes et les pratiques linguistiques que ce qui ressort des travaux de Labov entre autres ; nous proposons que l'ILI s'interprète différemment selon la population enquêtée.

Bibliographie :

- Armstrong, N. & Pooley, T. (2010) *Social and Linguistic Change in European French*. Basingstoke, Palgrave Macmillan.
- Labov, W. (1966) *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, Center of Applied Linguistics.
- Østby, K.A. (2016) *Les voyelles orales à double timbre dans le parler de la haute bourgeoisie parisienne : analyse acoustique et diachronique*, Thèse Ph.D. (non publiée), Universitetet i Oslo et Université Paris Ouest Nanterre La Défense.

POLITIQUE / SITUATION DES LANGUES ROMANES

1. Kanareva-Dimitrovska, Ana & Verstraete-Hansen, Lisbeth

Université d'Aarhus, Université de Copenhague
mercredi 17.08.2022, 17:00 – 18:00

Comment sortir le français de la « crise » ? Une analyse des besoins et des attitudes des enseignants de français au Danemark.

Dans cette communication, nous présentons les résultats d'une enquête menée au Danemark en 2019 sur les besoins de formation continue des enseignants de français, ainsi que sur leurs attentes et leurs attitudes (Borg, 2003).

L'objectif de l'enquête était d'obtenir des connaissances « de terrain » qui permettraient d'une part d'améliorer la formation continue des enseignants de français dans le pays, d'autre part de renforcer la transition entre les différents niveaux du système éducatif. Ce projet s'inscrit dans les actions menées par le Centre National des Langues Étrangères établi suite au lancement de la *Stratégie nationale danoise pour renforcer les langues étrangères dans le système éducatif* en 2017 (Strategi for styrkelse af fremmedsprog i uddannelsessystemet, 2017).

Notre présentation propose une analyse discursive des données qualitatives récoltées par un questionnaire en ligne envoyé à tous les établissements scolaires du niveau primaire, secondaire, tertiaire et professionnel. Dans un premier temps, à l'aide du programme NVivo, nous avons effectué une analyse du discours ayant permis d'identifier un certain nombre de groupes thématiques. Dans un deuxième temps, nous avons effectué une analyse de contenu qualitative (Mayring, 2000) et nous avons classé ces groupes thématiques à cinq niveaux différents suivant le modèle proposé par Beacco et al. (2016) : le niveau *nano* (élèves), le niveau *micro* (classe, enseignant), le niveau *méso* (institution éducative), le niveau *macro* (national, municipalité, ministère) et, enfin, le niveau *supra* (international).

L'analyse livre des connaissances utiles pour repenser les dispositifs de formation continue des enseignants danois de français, mais elle a aussi permis d'identifier des vues divergentes – dans le monde politique et dans le monde professionnel – sur les moyens appropriés pour sortir le français de sa « crise ».

Références

Beacco, J.-C. et al. 2016. *Guide pour le développement et la mise en œuvre de curriculums pour une éducation plurilingue et interculturelle*. Conseil de l'Europe. <https://rm.coe.int/16806ae64a>

Borg, S. (2003). Teacher cognition in language teaching: A review of research on what language teachers think, know, believe, and do. *Language Teaching*, 36(2), 81-109. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0261444803001903>

Mayring, P. (2000). Qualitative Content Analysis. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research, 1(2). <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0002204>

Strategi for styrkelse af fremmedsprog i uddannelsessystemet, 2017. Regeringen. <https://ufm.dk/publikationer/2017/filer/strategi-for-styrkelse-af-fremmedsprog-i-uddannelsessystemet.pdf>

2. Romeborn, Andreas

Université de Göteborg

mercredi 17.08.2022, 17:00 – 18:00

La romanistique dans le contexte universitaire suédois d'aujourd'hui. Quelques réflexions.

Par une approche métadisciplinaire, nous nous proposerons de mener une réflexion sur la romanistique telle qu'elle se présente dans le domaine universitaire suédois de nos jours. Nous tâcherons de mettre en lumière un certain nombre de facteurs institutionnels et organisationnels pouvant aider à comprendre l'état actuel de la romanistique en Suède. À partir des distinctions de Kronning (2020) séparant différents types de communautés scientifiques ainsi que son analyse de la notion de romaniste, nous chercherons également à éclaircir le caractère multiforme de l'identité professionnelle des chercheurs en langues romanes travaillant aujourd'hui dans le contexte suédois.

La romanistique suédoise se caractérise aujourd'hui par un niveau avancé de spécialisation (Sundell 2020b et 2020c, Romeborn 2020). Depuis les années 1960, les cursus de premier cycle proposent l'étude d'une langue spécifique (l'espagnol, le français, l'italien, le portugais, le roumain) et non des formations unifiées comprenant l'étude de plusieurs langues romanes. Dans le domaine de la recherche, la forte tendance à la spécialisation apparaît dans le choix unique de langue étudiée (figure de chercheurs orientés principalement – voire exclusivement – vers l'étude d'une unique langue romane, plutôt que vers l'étude de plusieurs langues romanes), mais aussi dans la séparation, plus ou moins prononcée, entre recherche linguistique et recherche littéraire. À quoi s'ajoute l'appartenance parallèle des chercheurs à des communautés scientifiques d'un autre ordre – souvent internationales – centrées non sur l'étude d'une langue romane spécifique telles la communauté des hispanistes, des italianistes, etc., mais organisées autour d'un domaine, d'un paradigme ou d'une méthode (i.e. les « domän-, paradigm- och metodgemenskaper » identifiées par Kronning 2020) telles que la communauté des narratologues, des spécialistes de l'acquisition du langage, des traductologues, des analystes du discours, etc.

Or comme nous le verrons, il est possible d'observer, dans le contexte actuel suédois, certaines structures d'ordre institutionnel et organisationnel favorisant les relations interpersonnelles entre chercheurs de différentes spécialités, contribuant par là à la présence d'une communauté panromane. L'existence d'une communauté – nationale et internationale – de romanistes, signifie pour le chercheur la possibilité, s'il le désire, de faire partie de cette collectivité, et ce de manière plus ou moins active ; cette appartenance pouvant contribuer, à des degrés divers, à la constitution de son identité professionnelle, laquelle sera ainsi à même de présenter une part plus ou moins importante de romaniste.

Bibliographie indicative

Dubois, Michel, 2006: Communauté scientifique. I: Mesure, Sylvie & Savidan, Patrick (red.), *Le dictionnaire des sciences humaines*. Paris: PUF. 165–167.

Birkelund, Merete, Härmä, Juhani, Helland, Hans Petter, Nølke, Henning, Söhrman, Ingmar & Verstraete-Hansen, Lisbeth, 2021 : Table ronde sur la romanistique dans les pays nordiques. Traditions, situation actuelle, défis. In : *Actes du XXIXe Congrès international de linguistique et de*

- philologie romanes*. Strasbourg: Société de Linguistique Romane / Éditions de linguistique et de philologie. 103–134.
- Forsberg Lundell, Fanny & Sundell, Lars-Göran, 2020: Romanska språk som akademisk disciplin. In: Romeborn, Andreas & Bladh, Elisabeth (red.), *Romanistiken i Sverige . Tradition och förnyelse*, kapitel 8. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, Romanica Gothoburgensia. Kriterium. 173–182.
- Klinkenberg, Jean-Marie, 1994: *Des langues romanes. Introduction aux études de linguistique romane*. Louvain-la-Neuve: Duculot.
- Kronning, Hans, 2020: Mot nya djärva mål i den jämförande romanska språkvetenskapen. Komparativ romanistik som disciplin och forskningsgemenskap – villkorskonstruktioner i franska, italienska och spanska. In: Romeborn & Bladh (red.), *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*, kapitel 6. 113–144.
- Larsson, Björn, 2020: Romanska språk nyligen, nu och i framtiden. In: Romeborn & Bladh (red.), *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*, kapitel 7. 145–172.
- Messer-Davidow, Ellen, Shumway, David R & Sylvan, David J. (red.), 1993: *Knowledges: Historical and Critical Studies in Disciplinarity*. Charlottesville/London: University Press of Virginia.
- Romeborn, Andreas, 2020: Avslutning, med några reflektioner över dagens svenska romanistik. In: Romeborn & Bladh (red.), *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*. 1–18.
- Romeborn, Andreas & Bladh, Elisabeth (éd.), 2020: *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*. Göteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, Romanica Gothoburgensia. Kriterium.
- Sundell, Lars-Göran, 2020a: Den svenska romanistikens första sekel – tradition och förnyelse. In: Romeborn & Bladh (red.), *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*, kapitel 1. 21–45.
- Sundell, Lars-Göran, 2020b: Vilket är ämnets identitet och relevans idag? I: Romeborn & Bladh (red.), *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*, kapitel 8.3. 177–179.
- Sundell, Lars-Göran, 2020c: Är det lika motiverat att fokusera romansk litteratur som språk? In: Romeborn & Bladh (red.), *Romanistiken i Sverige. Tradition och förnyelse*, kapitel 8.4. 180–182.
- Söhrman, Ingmar, 2014: Les langues romanes à Göteborg. I: Söhrman, Ingmar & Vajta, Katharina (éds), *La langue dans la littérature, la littérature dans la langue. Textes réunis en hommage à Eva Ahlstedt*. Göteborg: Romanica Gothoburgensia, LXXI, Acta Universitatis Gothoburgensis. 405–421.
- Söhrman, Ingmar, 2021 : La Suède [faisant partie de « Table ronde sur la romanistique dans les pays nordiques. Traditions, situation actuelle, défis »]. In : *Actes du XXIXe Congrès international de linguistique et de philologie romanes*. 123–126.
- Verstraete-Hansen, Lisbeth, 2018 : Les études françaises au Danemark : philologie et francophonie. In : Fraisse, Emmanuel (dir.), *Les études françaises et les humanités dans la mondialisation*. Paris : L'Harmattan. 193–209.
- Verstraete-Hansen, Lisbeth, 2021 : La Romanistique en contexte scandinave : organisation, objets et avenir. In : *Actes du XXIXe Congrès international de linguistique et de philologie romanes*. 127–131.

SOCIÉTÉ

1. Hakulinen, Soli & Larjavaara, Meri

Université de Tampere, Åbo Akademi

mardi 16.08.2022, 15:00 – 16:30

Le va-et-vient des tendances intégratives en français

Dans la société française, les normes de la langue et de l'écriture sont hautement valorisées (Walsh 2016). Cependant, la démocratisation de l'écriture au cours des dernières décennies – désormais, tout locuteur écrit et tout locuteur peut rendre ses textes publics sur Internet – a une influence indéniable sur nos façons d'écrire. Ce changement peut être observé par exemple dans un corpus de lettres de demande d'aide à un spécialiste relevé sur Internet qui, tout en présentant certaines tournures recherchées, témoignent plutôt de la parataxe et de la linéarité de la représentation langagière, c'est-à-dire de l'agrégation (cf. Raible 1992), typique à la langue orale (Hakulinen & Larjavaara 2018).

D'autre part on sait aussi (Kabatek *et al.* 2010) que les conventions de l'écriture dans une langue donnée sont modifiées par le facteur temps, qui peut leur faire acquérir des caractéristiques textuelles plus complexes et plus intégratives. Ceci a eu lieu entre autres en Espagne au Moyen Âge lorsque la langue écrite était jeune, ainsi qu'en Suisse à partir du 19^e siècle avec la presse rhétoromane. Des indices du même phénomène peuvent être observés pour le français entre le 14^e et le 20^e siècle : dans un corpus parallèle qui rassemble des traductions d'un texte philosophique de ces deux époques, cette « complexisation » textuelle est visible (Hakulinen 2019). Les traits textuels de la traduction moderne sont entre autres plus intégratifs (plus condensés) que ceux de la traduction ancienne (exemple 1), et la traduction ancienne contient également plus de propositions liées sans aucune marque de jonction (exemple 2), trait caractéristique du corpus moderne de lettres également.

Le caractère plus agrégatif de la traduction ancienne peut-il être mis en parallèle avec les tendances agrégatives récentes de l'époque après la « révolution médiale » de l'Internet (Krefeld 2015) ? La comparaison des premiers paragraphes de deux textes parus dans *Le Monde* à 40 ans d'intervalle présage que tel serait le cas (exemple 3). En 1979, l'agencement des propositions et des formes nominales des verbes est complexe ; 40 ans plus tard, le journaliste se contente de propositions subordonnées relatives. La langue écrite semble devenir plus agrégative, même si les chercheurs ont témoigné d'une intégration plus prononcée de l'écriture avec le temps.

Exemple (1) :

14^e s. : Et comment puet il estre **que** tu saches le *commencement de toute rien* **et** ne saches la fin.

20^e s. : Et comment se peut-il que, connaissant le principe des choses, tu en ignores la fin ?

Exemple (2) :

14^e s. : si estoit elle de si grant aage que nul homme ne s-i prenoit son grant n-estoit pas d-une mesure.
(pas de marque de jonction entre les propositions)

20^e s. : encore qu'elle fût si chargée d'ans qu'il était impossible de la croire de notre génération ; sa taille ne pouvait se déterminer aisément. (point-virgule entre les propositions)

Exemple (3):

Le Monde 14.11.1979 : Nul ne peut nier que la décision du président Carter d'arrêter les importations de pétrole iranien soit d'abord à usage interne. Il n'est que de voir les louanges que lui ont adressées tous les candidats à la présidence pour comprendre qu'il atteint ainsi un triple objectif : montrer sa fermeté, profiter de l'irritation de l'opinion pour pousser à la réalisation de son programme énergétique, enfin éviter le nouvel affront qu'aurait pu constituer un embargo décidé par Téhéran.

Le Monde 14.11.2019 : C'est une curieuse maladie démocratique qui se répand en Europe. Les électeurs se déplacent – de moins en moins nombreux – pour aller voter ; le scrutin a lieu ; un parti est déclaré vainqueur, mais sans majorité claire. Et personne n'est en mesure de véritablement gouverner. L'Europe, où les gouvernements stables deviennent des exceptions, est-elle entrée dans une sorte de IV^e République continentale, à l'image du régime français qui a vu se succéder vingt-deux gouvernements en douze ans, entre 1946 et 1958 ?

Références bibliographiques

Hakulinen, Soili 2019. « La formation de la textualité en diachronie : jonctions interpropositionnelles dans deux traductions de la *Consolation de la Philosophie* de Boèce ». Communication au *Colloque Diachro IX. Le français en diachronie*, 29.3.2019.

Hakulinen, Soili & Larjavaara, Meri 2018. La littératie en voie de changement: respect du genre et jonctions interpropositionnelles dans des lettres à des professionnels du droit sur Internet. *Discours* 23. URL : <http://journals.openedition.org/discours/9818>.

Kabatek, Johannes, Obrist, Philipp & Vincis, Valentina 2010. Clause Linkage techniques as a symptom of *discourse traditions*: Methodological issues and evidence from Romance languages. *Syntactic Variation and Genre*. Heidrun Dorgeloh & Anja Wanner (eds.). Topics in English Linguistics 70. Berlin/New York: De Gruyter Mouton. 247–275.

Krefeld, Thomas (2015). « L'immédiat, la proximité et la distance communicative », in : Claudia Polzin-Haumann/Wolfgang Schweickard (edd.), *Manuel de linguistique française*. Berlin/Boston, De Gruyter, 262–274.

Raible, Wolfgang 1992. *Junktion: Eine Dimension des Sprache und ihre Realisierungsformen zwischen Aggregation und Integration*. Sitzungsberichte der Heidelberger Akademie der Wissenschaften, Berichtheft 2. Heidelberg: Winter.

Walsh, Olivia 2016. *Linguistic Purism: Language Attitudes in France and Quebec*. IMPACT: Studies in Language and Society. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

2. Orban, Franck

Høgskolan i Østfold

mardi 16.08.2022, 15:00 – 16:30

Histoire d'une contamination idéologique en mouvement: le Grand Remplacement dans l'élection présidentielle de 2022.

Le "Grand Remplacement" est une théorie conspirationniste imaginée au début de la décennie 2010 par un écrivain à la réputation plus que trouble, Renaud Camus. S'inspirant d'un auteur comme Jean Raspail, qui avait publié en 1973 son roman dystopique « Le Camp des Saints, » dans lequel il relatait l'invasion pacifique de l'Occident par un million d'immigrants venant du Tiers-Monde, Camus esquisse le remplacement rapide de la population européenne, blanche chrétienne par une population non-blanche, non-européenne et non-chrétienne dans un avenir proche. Cette "soi-disant théorie" est dans un premier temps restée cantonnée dans les milieux de l'extrême droite "hors les murs" en France et a trouvé une certaine popularité dans en marge auprès des identitaires. Puis elle a commencé à essaimer davantage en France et à l'étranger. En France, elle a progressivement contaminé l'extrême droite française "en les murs" avant de pénétrer la droite plus traditionnelle, qui ces dernières a perdu une large part de ses repères idéologiques. En dehors de France, la doxa camusienne a été largement véhiculée par les milieux identitaires européens et par l'extrême droite Alt-Right et néo-nazie américaine, qui trouvait la formule défensive du "Grand Remplacement" moins agressive et plus vendeuse que celle jusque-là plus utilisée de "White Genocide." De ce fait, le concept de Grand remplacement existe en deux versions. Premièrement sous sa forme terroriste la plus assumée. En mars 2019, le concept de Grand Remplacement a notamment été repris dans le manifeste de Brenton Tarrant légitimant l'attaque terroriste de Christchurch. Sous sa forme "non-violente," la notion de Grand Remplacement a été reprise par plusieurs leaders français et européens. Un tout nouveau développement est le recours à cette notion en tant que point central du programme d'un des candidats de l'élection présidentielle en France en avril 2022, Eric Zemmour, ou bien en tant que notion d'une certaine manière avalisée car citée, par le biais de la candidate du parti Républicain, Valérie Pécresse. Le fait peut-être le plus marquant de cette élection n'est-il d'ailleurs pas l'omniprésence du terme de Grand Remplacement dans la sphère médiatique au cours de la première partie de campagne électorale jusqu'en janvier 2022 ? Notre intervention reviendra donc sur ce concept et tentera d'expliquer comment une notion aussi bien identifiée d'une théorie conspirationniste d'extrême droite a pu infiltrer et noyauter une campagne présidentielle.

Bibliographie:

Fotsoldaten og inspiratoren, Franck Orban, Minerva, 8. avril 2019
<https://www.minervanett.no/anders-behring-breivik-identitaere-terrorisme/fotsoldaten-og-inspiratoren/189773>
<https://www.hiof.no/lusp/slik/forskning/grupper/areas/areas-blogg/fotsoldaten-og-inspiratoren.html>

Fra ord til handling, Franck Orban, Minerva, 21. avril 2019
<https://www.minervanett.no/folkeutbygting-identitaere-renaud-camus/fra-ord-til-handling/189967>

<https://www.hiof.no/lusp/slik/forskning/grupper/areas/areas-blogg/fra-ord-til-handling.html>

La Norvège une nouvelle fois face au terrorisme domestique, Franck Orban, Fransklæreren, octobre 2019

<https://blogg.hiof.no/fro/2019/10/31/la-norvege-une-nouvelle-fois-face-au-terrorisme-domestique/>

Zemmour – mannen som vil rive ned muren mellom høyre og ytre høyre, Franck Orban, Transit Magasin, 8 février 2022

<https://www.transitmag.no/2022/02/08/zemmour-mannen-som-vil-rive-ned-muren-mellom-hoyre-og-ytre-hoyre/>

Zemmours to ansikter, Klassekampen, Franck Orban, 3 décembre 2021

<https://klassekampen.no/utgave/2021-12-03/zemmours-to-ansikter>

<https://www.hiof.no/lusp/slik/forskning/grupper/areas/aktuelt/zemmours-to-ansikter.html>

3. Suomal-Härmä, Elina

Université de Helsinki

merdi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

Les pèlerins de Terre sainte en tant que « touristes »

Le pèlerinage étant une "œuvre pie" (Richard 1981: 19), le voyageur n'était pas censé attacher trop d'importance à ce qui ne servait pas directement au salut de son âme. Comme le souligne le pèlerin milanais Sancto Brasca vers 1480, *on ne doit entreprendre ce voyage que pour visiter, contempler et adorer les Saints Mystères (...) et non point dans le but de parcourir le monde ou avec l'ambition de pouvoir dire "J'ai été là-bas", "J'ai vu cela"* (cité d'après Tucoo-Chala – Pinzuti 1974 : 85). Parmi ceux qui se sont donné la peine de relater leur voyage par écrit, nombreux sont en effet les pèlerins qui, avant l'arrivée en Terre Sainte et après le départ vers l'Europe, se sont contentés d'énumérer les villes traversées et les principales reliques vues. Par contre, comme le but du voyage était de visiter la Terre Sainte et éventuellement la péninsule du Sinaï, les descriptions et les commentaires concernant ces lieux-ci pouvaient être moins sommaires.

Peu à peu, et surtout au cours du XV^{ème} siècle, un changement s'opéra dans les attitudes (Chareyron 2005 : 19-25) : aussitôt partis, les pèlerins commencèrent à regarder autour d'eux et à coucher par écrit même des faits sans lien avec le côté spirituel ou pratique de leur déplacement. Les remarques « gratuites » concernent tantôt les objets et édifices, tantôt les us et coutumes locaux et tantôt encore les faits divers ayant eu lieu pendant le déplacement. C'est l'apparition et l'évolution de ce phénomène dans les récits du saint voyage qui va retenir notre attention.

Références bibliographiques

Chareyron, Nicole, 2013, *Éthique et esthétique du récit de voyage à la fin du Moyen Âge*, Paris, H. Champion.

Chareyron, Nicole, 2005, *Pilgrims to Jerusalem in the Middle Ages*, New York, Columbia University Press.

Prud'Homme, Caroline, 2012, *Le Discours sur le voyage chez les écrivains de la fin du Moyen Âge*, Paris, H. Champion.

Richard, Jean, 1981, *Les récits de voyage et de pèlerinage*. Typologie des sources du moyen âge occidental, fasc. 38. Turnhout, Brepols.

Tucoo-Chala, Pierre – Pinzuti, Noël, Le voyage de Pierre de Barbatre à Jérusalem en 1480. *Annuaire-Bulletin de la Société de l'histoire de France*. Années 1972-1973.

TRADUCTION

1. Celdran, Marie Hélène

Høgskolen i Østfold

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

Mission impossible ? Traduire et éditer un texte en même temps

Cette communication s'appuie sur ma traduction récente de l'ouvrage *Algeriske erfaringer* (Hovdenak, 2016). L'auteur y relate les années passées en Algérie où il a, avec un groupe de Quakers, contribué à la reconstruction du pays, et plus particulièrement de la Kabylie, au lendemain de l'Indépendance, à l'issue d'une guerre (1954 – 1962) qui y avait détruit de nombreux villages. C'est une version écourtée qui a été traduite, l'auteur ayant supprimé les parties qui étaient moins en rapport avec l'Algérie et peut-être d'un intérêt moindre pour le public kabyle, qui constituait son premier public, l'ouvrage étant conçu comme un hommage. La traduction est parue sous le titre *À mes amis de la montagne* (Hovdenak, 2021).

Il s'agit d'un ouvrage très composite, qui allie le récit de voyage, les souvenirs personnels, avec des considérations sur l'évolution des théories sur l'aide au développement, le tout dans un contexte politico-historique d'une extrême complexité, à savoir les débuts de la République algérienne. À cela s'ajoutent les récits de la réalisation de travaux divers dans des domaines techniques variés, associés à la reproduction de documents bruts comme des rapports administratifs ou encore des discours, le tout poussant le traducteur à un exercice de grand écart parfois très inconfortable, sinon périlleux. Comment travailler sur un texte qui relève de tant de genres différents ?

Ces difficultés sont aussi inhérentes au fait que l'ouvrage original avait été publié à compte d'auteur, donc sans la supervision d'un éditeur. Très vite, dans mon travail de traduction, s'est imposée la nécessité de mener de front l'édition du texte avec la traduction elle-même. Mission impossible ? Comment traduire, dans un seul et même texte, des passages personnels à forte connotation lyrique, et la description détaillée de la pose de canalisations d'eau ? Que faire en face de documents administratifs ou de discours très longs dans leur version originale, et qui risquent de

couper le fil de la lecture ? Quelles compétences mettre à contribution ? Jusqu'où le traducteur peut-il aller dans la réorganisation du texte ? La recherche en traductologie nous a permis, par le passé, d'entrer dans la « boîte noire du traducteur » (Fougner Rydning, 2002). Je propose ici d'ouvrir sa boîte à outils, tout en soulevant la question essentielle de sa liberté.

Références

Fougner Rydning, A. (2002). Pénétrer la boîte noire du traducteur. *Linguistica Antverpiensia, New Series – Themes in Translation Studies, 1*. <https://doi.org/10.52034/lanstts.v1i.20> Hovdenak, E. M. (2016). *Algeriske erfaringer - Utvikling med egne krefter*. Kolofon AS. Hovdenak, E. M. (2021). *À mes amis de la montagne* (H. Celdran, Trans.). Éditions DALIMEN.

Hélène Celdran, Maître de conférences en langue et littérature françaises, Institut des langues, de littérature et de formation des maîtres, Collège Universitaire d'Østfold (HiØ, Halden, Norvège)

2. Engwall, Gunnel & Künzli, Alexander

Université de Stockholm

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

***Le Plaidoyer d'un fou* de Strindberg en anglais : révision, retraduction, traduction indirecte et traduction à quatre mains**

Le roman *Le Plaidoyer d'un fou* revêt une place particulière dans l'œuvre d'August Strindberg. Rédigé en français de 1887 à 1888, il ne paraît pour la première fois qu'en 1893, en traduction allemande. La première publication en langue originale française date de 1895. Il s'agit toutefois d'une version profondément révisée par Georges Loiseau, homme de lettres français, avec qui Strindberg collaborait pour être reconnu comme écrivain francophone. Le manuscrit original de Strindberg n'ayant été redécouvert qu'en 1973 dans un coffre-fort à Oslo, les trois premières traductions anglaises parues respectivement en 1912, 1967 et 1968 ont été effectuées à partir soit de la deuxième traduction allemande, parue en 1910, soit de la version française révisée de 1895, et constituent donc des traductions indirectes. Seule la quatrième et dernière traduction anglaise publiée en 2014 a comme source le manuscrit original de Strindberg. L'histoire complexe de la traduction de ce roman rend son étude traductologique et linguistique fascinante. Notre contribution analysera de quelle manière la spécificité du français strindbergien a été rendue en traduction anglaise au fil du temps – si tant est que les traducteurs aient jugé possible de la rendre. Pour ce faire, nous effectuerons une analyse comparative de l'original et de ses traductions anglaises ; nous étudierons les paratextes traductionnels, à savoir la stratégie de traduction telle que définie par les traducteurs dans leurs pré- ou postfaces du roman ; et nous mènerons une entrevue avec les deux auteurs de la dernière traduction anglaise, qui est le fruit d'une créativité collective, pour mieux comprendre les raisonnements des traductrices et, partant, certains de leurs choix.

Mots-clés : August Strindberg, *Le Plaidoyer d'un fou*, révision, retraduction, traduction indirecte, traduction à quatre mains

3. Gjesdal, Anje Müller

Høgskolen i Østfold

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

***L'Opoponax* de Monique Wittig et sa traduction norvégienne : éléments textuels et paratextuels.**

L'Opoponax (1964), le premier roman de Monique Wittig, a été traduit en norvégien en 1965 sous le titre de *Opoponax*. Ce roman vise à rendre la perspective féminine universelle au moyen du pronom *on* dont le caractère épïcène permet de transcender la binarité entre le masculin et le féminin inhérent aux pronoms *il* et *elle*. Or, étant donné que le pronom *on* dérive sa valeur sémantique et discursive du système pronominal français en tant que totalité, cette stratégie pronominale peut poser des défis à la traduction vers le norvégien. Dans cette intervention, nous analyserons les stratégies mises en œuvre dans la traduction (pronoms personnels, constructions passives, les pronoms *man* et *en*) et les effets potentiels sur le projet idéologique et esthétique de Monique Wittig.

En outre, nous ajouterons une analyse des facteurs paratextuels pour compléter l'analyse de la traduction du pronom *on*. *Opoponax* a été publié par Gyldendal dans la collection prestigieuse *Gyldendals Gule serie* et à l'époque ce roman a été lu comme un représentant du nouveau roman. Par la suite, l'interrogation linguistique de Wittig s'est développé plus explicitement vers un féminisme matérialiste et radical reconnu en France et peut-être surtout aux États-Unis, sous la forme des romans et écrits théoriques. Dans quelle mesure ce développement ultérieur de l'œuvre de Wittig doit-il être pris en compte dans l'analyse de la réception et de la traduction de ce roman ?

References

- Butler, J. (2007). « Wittig's Material Practice: Universalizing a Minority Point of View ». *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 13-4, pp. 519-533.
- Von Flotow, L. (2010). « Gender in translation ». In. Gambier, Y. & L. van Doorslaer (eds.) *Handbook of Translation Studies. Vol. 1*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Gjesdal, Anje Müller (2008). *Étude sémantique du pronom ON dans une perspective textuelle et contextuelle*. PhD thesis, University of Bergen, Norway.
- Godayol, P. (2013). « Gender and translation ». In. Millán, C. & F. Bartrina (eds.) *Routledge Handbook of Translation Studies*. Florence, KY: Taylor and Francis.
- Jonasson, K. (2013). « Les pronoms on en français et man en suédois—étude de leurs emplois dans L'élégance du hérisson et Igelkottens elegans ». *Arena Romanistica*, (13), 165-189.
- Livia, Anna (2001). *Pronoun Envy. Literary Uses of Linguistic Gender*.
- Wittig, M. (1964). *L'Opoponax*. Paris: Editions de Minuit.
- Wittig, M. (1965). *Opoponax*. Traduit par Ragnar Kvam. Oslo: Gyldendal.
- Wittig, M. (1983). « The Point of View: Universal or Particular? ». *Feminist Issues*, 3-2, pp.

63-69.

Wittig, M. (1985). « The Mark of Gender ». *Feminist Issues*, 5-2, pp. 3-12.

Ødegaard, Annelise (2006). ON *MULTIRÉFÉRENTIEL*. *Une étude contrastive des valeurs du pronom on et leurs équivalences norvégiennes*. Master thesis, University of Oslo.

4. Leblay, Christophe

Université de Turku

mardi 16.06.2022, 15:00 – 16:30

Que nous apprennent les motifs visuels sur le processus d'écriture ?

D'un point de vue méthodologique, la génétique textuelle tente 1) de recueillir des traces matérielles des processus créatifs et 2) de les mettre en relation les unes avec les autres afin de les organiser dans un ordre chronologique qui reflète les étapes de l'élaboration de l'écriture. De façon complémentaire, la théorie mathématique des graphes permet d'analyser la complexité des relations à l'aide d'objets visuels tels que les nœuds (cercles) et les arcs (lignes).

Dans cette contribution, nous voulons montrer les développements récents entre la génétique textuelle et la théorie des graphes, où un nœud représente autant la production d'une séquence ininterrompue de frappes (caractères et espaces) que la production de séquences composées de retours dans le texte précédemment écrit. Le nœud se divise dès que la continuité topographique est rompue, bien qu'un lien persiste pour matérialiser le lien chronologique.

En complément aux méthodes basées sur les SIG dont le but est d'enregistrer, d'archiver, d'analyser et de donner à voir l'information sur un plan cartésien en utilisant deux axes (x pour le temps et y pour la production de texte), un outil de visualisation, basé sur des graphes mathématiques, offre des représentations colorées, dynamiques et interactives (*motifs visuels*).

Nous illustrerons notre propos en présentant des données récentes issues du logiciel d'enregistrement GenographiX, disponible en ligne (ggxlog.net). A partir de corpus de rédactions (et de traductions post-éditées), il s'agit, dans un premier temps, d'enregistrer, d'une manière exhaustive, ce qui est produit sur un écran, à l'aide d'un clavier, pour pouvoir suivre, en le visualisant, le pas-à-pas énonciatif des transformations successives. Il s'agit surtout de souligner, dans un second temps, les liens étroits entre *processus* de production et *produit*, en mettant en évidence des *patterns* (ou *motifs*) visuels.

Mots clés : Génétique textuelle, Humanités numériques, Processus d'écriture, Théorie des graphes, Visualisation

Références

Becotte, H.S., Caporossi, G., Leblay, C. & Hertz, A. (2019). Writing and rewriting: Keystroke logging's colored numerical visualization. K. P. H. Sullivan & E. Lindgren (eds.) *Observing writing: logging handwriting and computer keystrokes* (96–124). Leyde: Brill Academic Publishers.

Caporossi, G. & Leblay, C. (2015). A graph theory approach to online writing data visualization. G. Cisararu (ed.) *Writing(s) at the Crossroads: The Process-Product Interface* (171–181). Amsterdam: John Benjamins.

- Caporossi, G. & Leblay, C. (2011). Online Writing Data Representation: A Graph Theory Approach. J. Gama, E. Bradley and J. Hollmén (eds.) *Lecture Notes in Computer Sciences* 7014 (80–89). Advances in Intelligent Data Analysis X. Springer: Heidelberg, Dordrecht, London, New York.
- Kurki, T. Inaba, N. Kaivapalu, K. *et al.* (2019). Digilang – Turun yliopiston digitaalisia kieliaineistoja kehittämässä. J. H. Jantunen, S. Brunni, N. Kunnas, *et al.* (eds.) *Proceedings of the Research Data and Humanities (Rdhum) 2019 Conference: Data, Methods and Tools* (41-56), *Studia humaniora ouluensia* 17. Oulu: University Press.
- Usoof, H., Leblay, C., & Caporossi, G. (2020). GenoGraphiX-Log version 2.0 user guide. *Les Cahiers Du GERAD*, 2020(68), 1-63.
- Zhong, M. (2020). *Produire un texte cohérent dans une langue étrangère: L'exemple d'étudiants chinois de niveau intermédiaire et avancé de FLE en France* [Thèse de doctorat en sciences du langage]. Paris 3.

CINEMA

1. Cecchini, Leonardo

Università di Aarhus

mercoledì 17.08.2022, 11:00 – 12:30

Rappresentare il migrante

Girato a Linosa nel 2010 e distribuito nelle sale cinematografiche l'anno seguente *Terraferma* di Emanuele Crialesi è, a quanto so, l'unico lungometraggio che esplora la realtà quotidiana di popolazioni come quelle di Lampedusa e Linosa che si sono trovate loro malgrado al centro dell'interesse dell'opinione pubblica italiana e internazionale in quanto abitanti uno dei principali punti di arrivo di migranti alla 'fortezza Europa'.

Insieme al documentario *Fuocoammare* di Gianfranco Rosi - girato a Lampedusa nell'inverno 2014-15, proprio nel momento in cui l'isola veniva presentata nei media come la frontiera più critica d'Europa, e distribuito nelle sale nel 2016 – *Terraferma* rappresenta un'interessante esempio di come l'interazione tra il migrante e gli isolani di Lampedusa viene rappresentata visivamente.

Nel mio intervento vorrei appunto analizzare il ruolo dei migranti in *Terraferma* (con qualche rinvio a *Fuocoammare*), utilizzando nell'analisi il documentario (*S*)*compare*, girato a Linosa nel 2010 dall'amico di Crialesi Antonio Tibaldi come 'special features' da allegare al DVD del film, ma che poi è andato a costituire un documentario a se stante; interessante perché può essere visto come critico nei confronti di come *Terraferma* rappresenta e utilizza i migranti non solo come personaggi nel film, ma anche nel loro ruolo di attori.

Bibliografia

Bauman, Zygmunt (1998). *Globalization. The Human Consequences*, Policy Press.

Chouliraki, Lilie & Zaborowski, Rafal (2017) "Voice and community in the 2015 refugee crisis: A content analysis of news coverage in eight European countries", *The International Communication Gazette*, 79 (6-7), 613-635.

Sigona, Nando (2014). "The Politics of Refugee Voices: Representations, Narratives, and Memories", *The Oxford Handbook of Refugee and Forced Migration Studies*. (Eds. Elena Fiddian-Qasbiyeh, Gil Loescher, Katy Long, and Nando Sigona)

2. Gargiulo, Marco

Università di Bergen

mercoledì 17.08.2022, 11:00 – 12:30

La lingua del cinema di Pasolini:

Il corpo e lo spazio eterotopico in *Accattone* e *Mamma Roma*.

Negli anni 1961 e 1962, Pier Paolo Pasolini comincia un nuovo percorso di ricerca per raggiungere il cuore della realtà. Lo fa con un linguaggio nuovo, “attraverso una lingua transnazionale e transclassista”, partendo dalle borgate, luoghi eterotopici dell'emarginazione sociale. In questo lavoro, vorrei presentare una riflessione sulla prima fase del linguaggio cinematografico pasoliniano, concentrandomi sul ruolo della lingua verbale e del simbolismo dei corpi. La ricerca pasoliniana, infatti, ha un significato rivoluzionario trovando nel fare cinema la possibilità di osservare la realtà, di rappresentarla e analizzarla nel momento in cui se ne offre la riproduzione attraverso la realtà stessa, attraverso la verità delle immagini audiovisive e non letterarie, attraverso la rappresentazione delle persone e non dei personaggi. Il progetto rivoluzionario, dunque, tentato attraverso l'irruzione del dialetto e della parola nuda e carnale nel testo letterario, sembra trovare il suo compimento nell'immagine audiovisiva, nella parola detta e nei corpi reali storici.

DISCORSO E SOCIETÀ

1. Kratschmer, Alexandra & Mattos, Ana Paula Braga

Università di Aarhus

mercoledì 17.08.2022, 15:30 – 12:30

Auto-posizionamento di cittadini italiani nel dibattito sui vaccini: dati da uno studio intervista multilingue

Il crescente scetticismo contro i vaccini pone un rischio acuto alla salute pubblica mondiale (Dredze et al. 2016, Phadke et al. 2016). Capire i motivi che fanno assumere, a cittadini, atteggiamenti pro o contra i vaccini sembra cruciale per poter mettere in moto iniziative per sormontare uno scetticismo ingiustificato.

In questo contributo presenteremo i dati relativi alla parte italiana di uno studio multilingue sulle opinioni di genitori di quattro paesi diversi (l'Italia, il Brasile, la Danimarca e l'Armenia) sui vaccini per bambini. Lo scopo dello studio è stato di inventORIZZARE le strutture linguistiche usate per appoggiare la propria posizione (pro/contro-vaccini o una via di mezzo). Abbiamo reclutato genitori tramite un questionario online in cui i rispondenti hanno potuto lasciare un primo commento sulla loro fiducia nei vaccini per i bambini. Questi commenti costituiscono la prima parte dei nostri dati analizzati, il contenuto delle interviste costituendone la seconda.

Lo studio, finanziato dal programma *Seed Funding* dell'*Interacting Minds Center* (Università di Aarhus), è stato pianificato prima di COVID, ma coincideva con il primo anno della pandemia. I

vaccini contro COVID non esistevano allora, ma facevano parte ipotetica delle deliberazioni nei nostri dati. Nella sede di ROM22, presenteremo anche i dati portoghesi per la parte brasiliana dello studio.

L'auto-posizionamento fa parte importante del processo argomentativo dialogico (sia in contesti fisici che digitali) e ha come scopo l'ostentare del proprio diritto a valutare una situazione (Raymond/Heritage 2006).

Il dibattito sui vaccini è un esempio di un tale contesto argomentativo, ed una delle nostre ipotesi di lavoro è stata che l'auto-posizionamento avrebbe giocato un ruolo importante nei nostri dati.

Infatti, abbiamo identificato una lunga serie di strutture con la detta funzione. Gli esempi seguenti vengono dal questionario. Ci sono costruzioni copulative (*Siamo adulti e... vaccinati!*) e con *avere* (*sono stata vaccinata e non ho avuto malattie importanti, ho amici che hanno avuto la poliom[i]elite*), il menzionare di esperienza personale tramite altri verbi (*Collaboro con un medico e ho studiato i bugiardini*), verbi ed aggettivi cognitivi (*Non credo nella completa efficacia di un vaccino; Sono convinta dell'efficacia e della necessità dei vaccini*), altre costruzioni per esprimere un ruolo o stato sociale pertinente (*da ricercatrice e biologa non ho mo[l]ti dubbi a riguardo*), altre costruzioni più generali (*Mi sembra un insulto alla scienza e agli altri considerare i vaccini come pericolosi*) e finalmente espressioni con menzione esplicita di *fede/fiducia/fiducioso/fidarsi* (*Ho più fede nella scienza che nelle chiacchiere; Ho fiducia nei vaccini; Sono fiduciosa dell'efficacia dei vaccini; Mi fido del consiglio del mio pediatra*).

Da un punto di vista semantico, l'auto-posizionamento si divide in due gruppi principali: il riferimento al concetto di 'fiducia' ed il riferimento ad esperienze personali, il che ha senso in un contesto in cui i rispondenti sono cittadini non specializzati in medicina.

TRADUZIONE

1. Dell'Aquila, Vittorio

Università degli Studi di Milano, Lingue scandinave e Linguistica scandinava
mercoledì 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Lessico e lessicologia nell'informatizzazione del Cherubini

Lo scopo di questa comunicazione è quello di mostrare, attraverso una proposta di informatizzazione del *Vocabolario milanese-italiano* di Francesco Cherubini (1814), quali sono le possibilità che l'informatica offre all'analisi di antichi dizionari.

Due sono le tipologie di scopi che soggiacciono alla volontà di informatizzare testi di tipo lessicografico pensati con criteri precedenti alla nascita della lessicografia moderne. Gli scopi superficiali sono quelli di ripubblicare, glossare, invertire, opere esistenti; gli scopi profondi sono quelli di tassonomizzare tipi di dizionari, analizzare il dizionario alla luce delle attuali teorie lessicologiche e provare o falsificare queste teorie verificandone la validità attraverso uno strumento

che ci permetta l'analisi sinottica e rapida di grandi quantità di dati. Usare dunque le attuali risorse elettroniche come strumento euristico al servizio della lessicografia e della lessicologia.

Affinché ciò sia possibile è necessario il lavoro coordinato di due tipologie di ricercatori, anche con formazioni di base molto diverse: l'informatico e il linguista lessicografo. L'uno programma la macchina e crea le *visualizzazioni*, cioè gli algoritmi che trattano il dato originale informatizzato in modo tale che la sua apparenza superficiale sia strutturalmente identica all'originale cartaceo e interviene laddove la macchina è rigida rimaneggiando ad esempio le categorie che questa deve e può accettare. L'altro, il lessicografo appunto, compie l'analisi profonda su uno strumento elettronico al suo servizio (e non costretto da questo), strumento però che lo aiuta nell'essere coerente nell'analisi e nella destrutturazione euristica della fonte lessicografica originale.

Il risultato di questo tipo di operazione - se impostata in modo corretto - ha evidentemente uno scopo anche pratico: quello di conservare, riprodurre e ripubblicare a partire dalla stessa base di dati dizionari esistenti, sia in maniera filologicamente rispettosa dell'originale, sia glossati e rivisti per un pubblico moderno.

2. Fort, Giovanni

Università di Umeå

mercoledì 17.08.2022, 09:00 – 10:30

Male storie, racconti crudeli, e saghe malvagie: sfide e riflessioni traduttologiche per una edizione in traduzione italiana di Onda Sagor di Pär Lagerkvist. Case study della applicazione di un metodo.

Le opere di Pär Lagerkvist hanno goduto di una certa fortuna nel panorama internazionale. Su questo fronte non fa eccezione l'Italia, dove hanno visto le stampe traduzioni sia della prosa che della poesia dell'autore. Per quanto concerne la prosa, sono attualmente in catalogo della casa editrice Iperborea (specializzata nel proporre autori scandinavi alla linguacultura italiana) traduzioni recenti di quasi tutti i maggiori lavori di Lagerkvist. Tra questi manca però la raccolta di racconti brevi *Onda Sagor*, piuttosto apprezzata in patria e recentemente oggetto di nuova edizione svedese (2017). Solo uno dei racconti della raccolta, *Hissen som gick ner i helvete*, è stato presentato al pubblico italiano in traduzione (*L'ascensore che scese all'inferno*) nel 1956 dall'editore Aldo Martello all'interno della miscellanea "Le più belle novelle di tutti i paesi".

Questo contributo, nato dai lavori preliminari per una proposta di edizione italiana di *Onda Sagor* che colmi questa mancanza, si propone di evidenziare le sfide traduttologiche specifiche che questo trasferimento linguaculturale comporta. A partire dal titolo stesso della raccolta, dimostratosi una sfida anche nelle traduzioni dell'opera in lingue diverse da quella italiana, l'opera presenta problematiche interessanti, anche grazie alla natura difforme dei racconti in essa contenuti. Dalle questioni generali derivanti dai diversi impliciti linguistici con cui si opera lavorando tra la lingua svedese e quella italiana, fino alle singole questioni riguardanti la resa strategica dei realia culturospecifici e degli aspetti stilistici della prosa dell'autore, (tenendo conto dei diversi lettori modello di prototesto e metatesto e delle eventuali politiche editoriali in ambito linguaculturale

italiano), molti sono gli spunti per una analisi e discussione tanto delle sfide che delle soluzioni che si possono proporre in una ottica di applicazione della traduttologia alla pratica concreta della traduzione. Oltre a proporre una disamina traduttologica della realizzazione di questo specifico progetto, il contributo mira a fornire un *case study* della applicazione sistematica della proposta metodologica di approccio al lavoro di traduzione in sinergia con la teoria della traduzione che è progressivamente emersa dai lavori di analisi traduttologica di opere già tradotte tra le lingue scandinave e quella italiana presso il nostro ateneo. È il modello che proponiamo nella formazione di futuri traduttori nei nostri corsi: ci auguriamo dimostri con questo concreto esempio il proprio potenziale come *modus operandi*, non solo nella analisi a posteriori, ma anche nel lavoro preliminare per la produzione di traduzioni qualitativamente valide, e per la loro proposta agli editori.

Bibliografia di riferimento

Bu, Guro, 2018, *Sedici Alberi: Analisi dei realia culturospecifici nella traduzione di un romanzo norvegese in italiano*, Examensarbete, Umeå Universitet

Eco, Umberto, 2013, *Dire quasi la stessa cosa: esperienze di traduzione*, Milano: Bompiani

Fort, G., 2020 (in corso di pubblicazione), *Teoria della traduzione e curriculum design: I realia come ambito di analisi e strumento didattico nel lavoro su testi storici e moderni, tra le lingue scandinave e quella italiana*, in “atti del XII Congresso degli italianisti della Scandinavia”

Fort, G., 2018, *Translation theory toolkit*, materiali del corso “Undertexter: översättning och textning i teori och praktik”, Umeå Universitet

Fort, G., 2008, *La saga di Bósi – traduzione introduzione e note a cura di Giovanni Fort*, Roma: Carocci

Ingo, Rune, 2007, *Konsten att översätta. Översättandets praktik och didaktik*. Lund: Studentlitteratur

Jansen, Hanne, 2020 (in corso di pubblicazione), *La famosa invasione degli orsi in Sicilia di Buzzati e sfide di traduzione*, in “atti del XII Congresso degli italianisti della Scandinavia”

Nilsson, Sofia, 2019, *Il centenario che saltò dalla finestra e scomparve: Analisi della traduzione dei realia culturospecifici in un romanzo svedese tradotto in italiano*, Examensarbete, Umeå Universitet

Osimo, Bruno, 2011, *Manuale del Traduttore* (3a ed.) Milano: Hoepli Editore

Traduzioni in altre lingue:

Lagerkvist, Pär, (traduit par Marguerite Gay et Gerd de Mautort) *Contes cruels*, 1997, dans le volume *Le Bourreau*, suivi de *Contes cruels* et de *Le Sourire éternel*, Paris, Delamain et Boutelleau, coll. « scandinave », 1952; réédition de *Contes cruels* suivi de *Le Sourire éternel*, Paris, Stock, coll. « Bibliothèque cosmopolite »

Lagerkvist, Pär, (trad. Michael Timshel), 2019, *Dreadful tales: onda sagor*, independently published

Lagerkvist, Pär, (Aus dem Schwed. übertr. von Erik Glossmann), 1992, *Schlimme Geschichten / Pär Lagerkvist*, München: Schneekluth Verlag

Lagerkvist, Pär, trad. Martin Aldao, 1991, *Barabbás*, Santiago de Chile: Editorial Andres

Traduzioni italiane di altre opere dell'autore:

Lagerkvist, Pär, (trad. dallo svedese di Luciana Agnoli Zucchini), 1956, *L'ascensore che scese all'inferno*, in “le più belle novelle di tutti i paesi”, Milano: Aldo Martello

Lagerkvist, Pär (trad. Fulvio Ferrari) 1989, *Pellegrino sul mare*, Milano: Iperborea
Lagerkvist, Pär (trad. Maria Cristina Lombardi) 1991, *Mariamne*, Milano: Iperborea
Lagerkvist, Pär, (trad. Massimo Ciaravolo) 1997, *Il boia*, Milano: Iperborea
Lagerkvist, Pär (trad. Franco Perrelli), 1998, *La mia parola è no*, Milano: Iperborea
Lagerkvist, Pär, (trad. [G. Prampolini](#)) 2000, *il sorriso eterno*, Milano: Iperborea
Lagerkvist, Pär (trad. Franco Perrelli) 2004, *Barabba*, Milano: Iperborea
Lagerkvist, Pär, (trad. C. Giannini), 2017, *Il nano*, Milano: Iperborea

3. Forsman, Maria

Università di Göteborg

mercoledì 17.08.2022, 09:00 – 10:30

L'adattamento e la traduzione dei giochi di parole nel *Barbier de Séville* di Beaumarchais

Nella commedia francese *Le Barbier de Séville* (1775) di Beaumarchais i dialoghi sono caratterizzati da vari giochi di parole, come, per esempio, i proverbi modificati, tipici della sua intera opera e molto di moda verso la fine del Settecento (Proschwitz 1956). Questi giochi linguistici si possono basare, per esempio, sul sistema fonetico, lessicale e grammaticale di una lingua (Delabastita 1996) e possono anche fare riferimento a testi e fenomeni specifici del contesto culturale di provenienza (Leppihalme 1996). Nel *Barbier de Séville*, come nel *Mariage de Figaro*, di Beaumarchais questi tratti stilistici sono significativi, in quanto contribuiscono alla comicità, agli effetti a sorpresa e alla formazione del carattere dei personaggi (Larthomas 1972). Prendendo questo in considerazione, il trasferimento dei giochi di parole da una lingua in un'altra rappresenta una sfida per il traduttore e costituisce quindi un aspetto interessante da esplorare. Pertanto questo studio, che fa parte di una tesi di dottorato, si propone di esaminare come tali giochi di parole e i loro effetti vengano affrontati dai librettisti nell'adattamento italiano della commedia francese nei libretti *Il Barbiere di Siviglia* (1782) e *Almaviva* (1816). Nello studio si analizzerà prima di tutto se i dialoghi contenenti i suddetti giochi di parole siano stati mantenuti o cancellati nel processo di adattamento. Nei casi in cui questi siano stati mantenuti, si procederà con l'osservazione del tipo di traduzione effettuata. Finalmente, si darà attenzione ai casi in cui, in mancanza di corrispondenze dirette, l'adattamento si realizza attraverso delle compensazioni.

LETTERATURA

1. Dell'Aquila, Erika

Forskningscentrum för Europeisk Flerspråkighet

giovedì 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Bertran de Born: Il cronotopo della primavera d'armi

Il presente lavoro propone una breve analisi del cronotopo della primavera d'armi. La riflessione parte dall'opera di Bertran de Born, della quale guerra e amore sono la linfa vitale, individuandone i luoghi più significativi. Il lavoro si ispira alla teoria di A. Jeanroy, espressa in *Les origines de la poésie lyrique en France au Moyen âge* e ripresa da J. Bédier e G. Paris. In essa viene postulata l'origine di alcuni generi della lirica francese (d'oc e d'oïl) dalle tradizioni popolari dei festeggiamenti di Calendimaggio. La lirica trobadorica è costellata da riferimenti primaverili: *reverdies*, pastorelle, *incipit* primaverili. Si passerà poi all'analisi dello stretto rapporto che intercorre tra la guerra e la primavera nella lirica trobadorica: la rinascita primaverile sveglia contemporaneamente istinti d'amore e di belligeranza nei giovani cavalieri e si tratta di un *topos* profondamente radicato nella letteratura, che può essere analizzato anche dal punto di vista antropologico. L'obiettivo è quello di percorrere *à rebours* la tradizione letteraria del cronotopo, partendo da riferimenti letterari dalla tradizione anticofrancese (con *focus* sulla letteratura trobadorica), ma adottando una prospettiva comparativa, in particolare servendosi del confronto con la tradizione del romanzo cavalleresco medievale), analizzandone le radici popolari per mettere a fuoco la sua genesi e la sua evoluzione.

Bibliografia (provvisoria)

- M. Azzolini, *Una gioiosa baldanza: immagini, modelli e lessico della giovinezza guerriera Alessandria*, Edizioni dell'Orso, 2019, pp. 241-253
- M. Bachtin, *Estetica e romanzo*, Torino, Einaudi, 2001
- J. Bédier, *Les fêtes de mai et les commencements de la poésie lyrique au Moyen Âge*, *Revue des Deux Mondes*, Quatrième période, vol. 135, n. 1, 1896, pp. 146-72
- A. Barbieri, P. Mura, G. Panno, *Le vie del racconto: temi antropologici, nuclei mitici e rielaborazione letteraria nella narrazione medievale germanica e romanza*, Padova, Unipress, 2008,
- A. Barbieri, *La "voce" degli estranei: fragori iniziatici nel bosco di Perceval (Le Conte du Graal, vv. 69-124)*, *Le forme e la storia: rivista di filologia moderna*: XI, 2, Torrossa, 2018, pp. 17-33
- M. Bonansea, *Les discours de la guerre dans la chanson de geste et le roman arthurien en prose*, in *Perspectives Médiévales, Revue d'épistémologie des langues et littératures du Moyen Âge*, 36, Société de langues et littératures médiévales d'oc et d'oïl, 2015
- A. Combes, *La reverdie: des troubadours aux romanciers arthuriens, la métamorphoses d'un motif*, in *L'espace lyrique méditerranéen au Moyen Age. Nouvelles approches*, a cura di D. Billy, F. Clément, A. Combes, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2006, pp. 121-56.
- F. Gambino, *Guglielmo di Poitiers, Ab la duzor de temps novel*, *Lecturae tropatorum* 3, Napoli, Università di Napoli, 2010
- G. Gouiran, *L'amour et la guerre, L'oeuvre de Bertran de Born*, Marseille, Aix en Provence: Publications Université de Provence, 1985
- A. Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France au Moyen age: études de littérature française et comparée suivies de textes inédites*, Paris, Champion, 1904
- W. D. Paden, T. Sankovitch, P. H. Stäblein, *The poems of the troubadour Bertran de Born* Berkeley, University of California Press, 1992
- M. Zink, *I trovatori: una storia poetica*, a cura di F. Saviotti, Sesto San Giovanni, Mimesi Edizioni, 2015 p. 51-52

2. Lausten, Pia Schwarz

Università di Copenaghen

giovedì 18.08.2022, 11:00 – 12:30

I Turchi e la Novella Italiana del '500.

Nelle molte novelle che vengono pubblicate durante il '500 in italiano, i turchi appaiono frequentemente sia come personaggi storici sia come figure immaginarie. In questo intervento verrà analizzata e paragonata la rappresentazione del turco in alcune novelle di Matteo Bandello (*Novelle*, 1554-1573), Giraldo Cinzio (*Gli Ecatommiti*, 1565), Sebastiano Erizzo (*Le sei giornate*, 1567) e Tommaso Costo (*Le otto giornate del Fuggilozio*, 1595).

L'intervento vuole dimostrare che i musulmani hanno una doppia funzione in questi testi essendo risposte a due tipi di domande: la prima riguarda un problema esterno, globale, cioè la minaccia turca (per-cui i testi sono avvertimenti e fonti di informazioni); la seconda riguarda un problema locale, europeo e italiano, di divisione interna. In quest'ultimo caso il turco funziona come uno specchio in cui i cristiani sono invitati a riconoscere le conseguenze negative della propria divisione politica e religiosa.

Le novelle saranno interpretate non solo alla luce del contesto storico della minaccia dei turchi, ma anche alla luce dell'influenza di altri testi e *topoi* letterari riguardo ai turchi. Si vuole anche dimostrare infatti che gli scrittori di novelle trovino ispirazione non solo nei testi storiografici sugli ottomani (ad esempio di Cambini e Giovio) e nei racconti di viaggio (di Bassano, Spandugino, Menavino), ma anche nei testi degli umanisti del secolo precedente che in toni fortemente polemici avevano suggerito ai principi europei di unirsi contro gli ottomani. Gli umanisti trattavano i turchi più come avversari politici che come nemici religiosi. Tuttavia usavano sia una retorica medievale delle crociate sia dei concetti della cultura classica nella loro propaganda anti-turca (Hankins 1995, Bisaha 1999, Meserve 2005).

L'analisi prende in considerazione dunque il rapporto tra mondo islamico e quello cristiano e presenta con ciò un approccio metodologico innovativo agli studi rinascimentali facendo parte di una "svolta globale" in atto (Trivellati 2010). Il Rinascimento non può essere intesa "without examining its relations with the Islamic world and the Muslim Mediterranean in particular" (ibid. 132). I turchi rappresentavano un mondo reale, minaccioso e affascinante, che si poteva usare come termine di paragone per capire il mondo cristiano e come strumento in polemiche ideologiche e politiche interne.

3. Orton, Marie

Brigham Young University, UT, USA

mercoledì 17.08.2022, 15:30 – 16:30

Memoria e migrazione: L'identità diasporica italiana nei monumenti e nei musei

Questo studio esamina la costruzione dell'identità italiana nel contesto della migrazione evidenziata in tre monumenti: la Casa di Cristoforo Colombo a Genova e due statue di Cristoforo Colombo erette

nei parchi di Chicago, e in due musei: il Museo Nazionale dell'Emigrazione Italiana (MEI) a Genova ed Ellis Island National Museum of Immigration, New York.

A differenza dai tradizionali studi museali, il presente lavoro giustappone la visione dell'identità italiana dal punto di vista della nazione d'invio ("emigrazione" o il contesto italiano) con quella della nazione ricevente ("immigrazione" o il contesto statunitense).

Questo studio traccia lo status sempre più visibile della Casa di Colombo e del MEI a Genova in confronto con la storia problematica della sezione italiana di Ellis Island e la distruzione delle statue di Cristoforo Colombo a Chicago durante le proteste anti-Columbus Day nell'ottobre del 2021. Come gli studi sulla cultura materiale enfatizzano, poiché gli sforzi di costruire e commemorare l'identità italiana includono necessariamente l'interpretazione, i musei creano soprattutto il contesto in cui gli artefatti vengono letti e interpretati. Ma ciò che né i creatori di musei né i costruttori di monumenti possono prevedere o controllare, è come il più ampio contesto culturale possa cambiare, e quindi possa riappropriarsi e reinterpretare quegli artefatti culturali.

L'analisi della cultura materiale nel presente articolo sostiene che l'assegnazione di un significato ad un artefatto è in parte un'offerta di legittimità, sia da parte dei suoi autori originali sia in termini di un più ampio contesto culturale mutevole.

Bibliography

Amore, B., 2006. *An Italian American Odyssey Lifeline – filo della vita: Through Ellis Island and Beyond*, New York, Center for Migration Studies.

Arnold-de Simine, Silke. 2013. *Mediating Memory in the Museum. Trauma, Empathy, Nostalgia*. Palgrave Macmillan.

Bennett, Tony. 2004. *Pasts Beyond Memory. Evolution, Museums, Colonialism*. Routledge.

Crane, Susan A, ed. 2000. *Museums and Memory*. Stanford UP.

De Angelis, Alessandra, Ianniciello, Celeste, Chambers, Iain, Orabona, Mariangela, Quadraro, Michaela, eds. 2014. *The Postcolonial Museum. The Arts of Memory and the Pressures of History*. Ashgate.

Gatto, Marco e Annamaria Scorza. 2021. *Teorizzare la diaspora italiana*. Soveria Manelli, Rubbettino.

Glassie, Henry. 1999. *Material Culture*, Bloomington, Indiana University Press.

Glynn, Irial, Kleist, J. Olaf, eds. 2012. *History, Memory and Migration. Perceptions of the Past and the Politics of Incorporation*. Palgrave Macmillan.

- Golding, Vivien. 2014. *Museums and Truth*. Cambridge Scholars Publisher.
- Gouriévidis, Laurence. ed. 2014. *Museums and Migration. History, Memory and Politics*. Routledge.
- Hodgkin, Katharine, Radstone, Susannah. Authors and editors. 2005. *Memory, History, Nation. Contested Pasts*. Transaction Publishers.
- Johansson, Christina, Bevelander, Pieter, eds. 2018. *Museums in a time of Migration. Rethinking museums' roles, representations, collections, and collaborations*. Nordic Academic Press.
- Kaiser, Wolfram, Krankenhagen, Stefan, Poehls, Kerstin. 2014. *Exhibiting Europe in Museums. Transnational Networks, Collections, Narratives and Representations*. Berghahn Books.
- Lake, Marilyn, ed. 2008. *Memory, Monuments and Museums. The Past in the Present*. Melbourne UP.
- Levin, Amy K., ed. 2007. *Defining Memory. Local Museums and the Construction of History in America's Changing Communities*. AltaMira Press.
- Luke, Timothy W. 2002. *Museum Politics: Power Plays at the Exhibition*. University of Minnesota Press.
- Marstine, Janet, ed. 2011. *Routledge Companion to Museum Ethics. Redefining Ethics for the Twenty-first Century Museum*. Routledge.
- Mersmann, Birgit, Dogramaci, Bucru, eds. 2019. *Handbook of Art and Global Migration. Theories, Practices, and Challenges*. Walter de Gruyter.
- Pagone, Gaetano. 2008. «L'Italian Historical Society-coasit (Melbourne)», in Norberto Lombardi and Lorenzo Prencipe (ed.), *Museo Nazionale dell'Emigrazione: Italia nel Mondo. Il Mondo in Italia*, Rome, Ministero degli Affari Esteri, pp. 83-88.
- Sapelli, Giulio. 2000. «Con l'Italia, fuori l'Italia.» In *Tra identità culturale e sviluppo dei reti*. [s.l]
- Viera, Ana Maria da Costa Leitão, 2008. «Il Memorial do Imigrante di San Paolo (Brasile)», in Norberto Lombardi and Lorenzo Prencipe (ed.), *Museo Nazionale delle Migrazione: Italia nel Mondo. Il Mondo in Italia*, Rome, Ministero degli Affari Esteri, pp. 65-73.
- Whitehead, Christopher, Eckersley, Susannah, Lloyd, Katherine, Mason, Rhiannon, eds. 2016. *Museums, Migration and Identity in Europe. Peoples, Places and Identities*. Routledge.

4. Persiani, Giuseppe

Università di Copenaghen

giovedì 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Di come a confronto con alcuni romanzi di Knut Hamsun sia possibile apprezzare il modernismo delle prime opere narrative di Rosso di San Secondo.

Pier Maria Rosso di San Secondo (1887-1956) è soprattutto noto per le sue opere tetrali, in particolare *Marionette, che passione!*, del 1917. L'attenzione di questo intervento sarà invece concentrata sulle novelle che costituiscono la sua opera prima di narrativa (*Elegie a Marike*, 1914), poi parzialmente inglobate nella successiva raccolta (*Ponentino*, 1916), e sul romanzo che vi fa seguito (*La fuga*, 1917). Sono opere che, ambientate fin dalla prima di queste novelle (*Mare del Nord*) in una fredda ed ostile natura nordica, risentono con evidenza della sua esperienza di un soggiorno relativamente lungo in Olanda intorno ai vent'anni. Già Borgese, rifiutando come fonte d'ispirazione di tale narrativa l'opposizione tra Nord e Sud del continente, ne aveva messo in risalto la natura umoristica. Per apprezzarne aspetti che possano ricondurre queste opere nell'ambito del modernismo europeo anteguerra, se ne propone qui il confronto con alcuni romanzi dello scrittore norvegese Knut Hamsun (1859-1952), in particolare *Misteri* (1892). Nel Johan Nagel protagonista di quest'ultimo, si colgono aspetti che ritroviamo in Rosso di San Secondo: le vicende di un uomo senza qualità, perdigiorno nevrastenico e vagabondo, il vitalismo contrapposto all'ideologia antiborghese. Accomuna i due anche l'aggressività della polemica letteraria. Elemento questo che sarà esaltato nella recensione di Pirandello a *Ponentino*, e ancora in quella di Borgese: "Ha fatto diventare olandese un giovane poeta decadente di qualunque nazione, un modello della specie".

Se, come ha scritto Claudio Magris, "*Misteri* è il grande romanzo di questa disgregazione dell'io psicologico borghese, dissolto e dissociato in un proliferare di sussulti psichici e di parole", si può dire che la prima narrativa di Rosso (ed in particolare il romanzo *La fuga*) costituisce una delle più chiare enunciazioni di questa problematica nella letteratura italiana d'inizio secolo.

Riferimenti

Claudio Magris, Postfazione (1979) a Knut Hamsun, *Misteri*, Milano, Iperborea, 2015, p. 385.

L. Pirandello, Il poeta Ludwig Hansteken: su «Ponentino» di Rosso di San Secondo, «La Tribuna», 7 luglio 1916, recensione ora ristampata in L. Pirandello, *Saggi e interventi*, a cura di F. Taviani, p. 983-989.

G. A. Borgese, Rosso di San Secondo, «L'illustrazione italiana», XLIII, n. 35, 27 agosto 1916, p. 186, recensione ora ristampata in G. A. Borgese, *Una Sicilia senza aranci*, a cura di I. Pupo, Roma, Avagliano,

5. Tabaku, Entela

Università di Uppsala

giovedì 18.08.2022, 09:00 – 10:30

La lettura multilingue della poesia autotradotta

La riflessione su un fenomeno ibrido come l'autotraduzione sembra aver trovato un terreno sempre più fertile negli studi traduttologici contemporanei. Il focus ricade per lo più sull'autore bilingue, la sua biografia e le motivazioni, oppure sulla sua scrittura bilingue, l'autotraduzione verso la traduzione standard, ecc.

Tuttavia, l'autotraduzione della poesia rappresenta una situazione particolare dal momento che essa, per definizione, riserva al lettore una lettura interpretativa. L'ipotesi è che leggere una poesia scritta dall'autore in due lingue, come nel caso della poesia autotradotta, presenti una nuova chiave di lettura al lettore. Questo studio è un'indagine di questa chiave, così come appare nella poesia di Gentiana Minga (1971), di origine albanese, la quale vive in Italia dall'inizio degli anni '90. Partendo dalle sue ultime pubblicazioni, offrendo da una parte l'originale in italiano e dall'altro l'autotraduzione in albanese, si cerca di delineare un nuovo modo di leggere la poesia multilinguale.

6. Åkerstrøm, Ulla

Università di Göteborg

giovedì 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Regina di Luanto tra positivismo e decadentismo

La scrittrice Regina di Luanto (pseudonimo di Guendalina Lipparini, 1862-1914) pubblicò i suoi libri – in tutto due raccolte di racconti e undici romanzi – in un arco di tempo che va dal 1890 al 1912, opere cariche di un forte spirito positivista e ricche di idee moderne. Ricordata da Luigi Russo come scrittrice “audace” nota per il suo “successo morboso”, Regina di Luanto oggi è pressoché dimenticata nelle storie della letteratura italiana. La tematica centrale della scrittrice si snoda sul filo di una critica feroce contro la falsità, l'ipocrisia e l'ambigua morale nell'aristocrazia e nell'alta borghesia della società italiana a lei contemporanea, con una ferma fiducia nella scienza e nello studio, visti come forze liberatrici. Ricorrente nei libri della scrittrice è anche la critica rivolta al decadentismo, di cui ella tuttavia si serve spesso come sfondo o punto di partenza delle trame raccontate. Nell'intervento verrà discussa la tensione tra positivismo, verismo e decadentismo, tra arte e scienza e tra morale e ipocrisia, nell'opera di Regina di Luanto, in un periodo di transizione verso la modernità.

1. Andersen, Anders & Strudsholm, Erling

Università di Copenhagen

mercoledì 17.08.2022, 17:00 – 18:00

Il congiuntivo italiano “alla danese 2.0”

Nel 1970 il romanista Jørgen Schmitt Jensen (1931-2004), già professore ordinario di lingue romanze presso l'Università di Aarhus, pubblicò il volume *Subjonctif et hypotaxe en italien*. Secondo lo studioso danese il congiuntivo è definito il modo non marcato della subordinazione e propone una divisione dei verbi reggenti di frasi complete in quattro gruppi di verbi: A: verbi che reggono sempre l'indicativo (I), B: verbi che reggono sempre il congiuntivo (C), C: verbi che reggono I o C con differenza di significato, e D: verbi che reggono I o C senza differenza di significato.

Nel frattempo si sono sviluppati nuovi approcci teorici e nuovi metodi di analisi, ed ora, nel cinquantenario della pubblicazione del magistrale lavoro di Schmitt Jensen, ci proponiamo di riprendere e discutere alcuni quesiti lasciati irrisolti. Nella nostra presentazione focalizziamo sui verbi del gruppo D. È corretto che non ci sia differenza di significato? Se non differenze semantiche ci chiediamo se non ci siano differenze ad altri livelli, differenze pragmatiche, discorsive che riguardino non solo i verbi del gruppo D, ma anche casi discutibili degli altri gruppi.

2. Pauletto, Franco

Università di Stoccolma

mercoledì 17.08.2022, 17:00 – 18:00

L'organizzazione sequenziale e la rilevanza epistemica delle costruzioni collaborative in francese e in italiano. Uno studio interazionale.

In questo contributo descriveremo alcune configurazioni sintattiche caratterizzate da uno specifico sviluppo sequenziale: le costruzioni collaborative (Sacks 1995; Dausendschön-Gay et al. 2015; Lerner 2004). A partire dall'analisi di alcuni estratti di parlato spontaneo, proporremo uno studio sintattico-interazionale delle produzioni verbali collaborative di un secondo parlante, analizzabili nei termini di un completamento sintattico del turno realizzato dal parlante precedente. Queste pratiche interazionali si distinguono dalle produzioni «corali» per la loro distanza temporale, dal momento che non sono il risultato della produzione simultanea di turni verbali (Lerner 2004); le voci dei partecipanti non sono sovrapposte, ma risultano distanziate e in successione. Il ruolo svolto sul piano epistemico (Heritage 2012) da queste configurazioni non è stato ancora del tutto esaminato. Recenti studi hanno dimostrato che la co-partecipazione alla strutturazione di turni conversazionali può tradursi in ironia discorsiva e persino in un vero e proprio attacco personale (Bolden et al. 2019). Nelle lingue romanze, gli studi interazionali sono ancora poco numerosi e, nonostante l'attenzione

prestata al profilo identitario che emerge attraverso questo genere di collaborazioni sintattiche (Müller & Klaeger 2010), le modalità di costruzione di queste pratiche non sono ancora state esplorate da una prospettiva epistemica. Il nostro obiettivo è di chiarire il ruolo delle risorse sintattiche, in particolar modo della loro malleabilità, al servizio dell'accesso epistemico e dell'affiliazione conversazionale (Stivers et al. 2011), nel corso di sequenze narrative. Il carattere innovativo del nostro studio risiede anche nel corpus analizzato: interazioni in contesti familiari e amicali, con parlanti francofoni e italofofon

Bibliografia

DAUSENDSCHÖN-GAY, Ulrich, GÜLICH, Elisabeth & KRAFFT, Ulrich (2015). Zu einem Konzept von KoKonstruktion. In U. Dausendschön-Gay, E. Gülich & U. Krafft (Eds.), *Ko-Konstruktionen in der Interaktion* (p. 21-36), Bielefeld: transcript-Verlag.

BOLDEN, Galina B., HEPBURN, Alexa & POTTER, Jonathan (2019). Subversive completions: Turn-taking resources for commandeering the recipient's action in progress. *Research on Language and Social Interaction*, 52 (2), 144-158.

HERITAGE, John (2012). Epistemics in Action: Action formation and territories of knowledge, *Research on Language and Social Interaction* 45(1), 1-29.

LERNER, Gene H. (2004). Collaborative turn sequences. In G. H. Lerner (Ed.), *Conversation Analysis. Studies from the First Generation* (p. 225-256). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.

MÜLLER, Frank Ernst & KLAEGGER, Sabine (2010). Collaborations syntaxiques – Formes et fonctions de leur usage dans un groupe subculturel lyonnais, *Pratiques* 147/148, 223-243.

SACKS, Harvey (1995). *Lectures on Conversation*, Oxford: Blackwell.
STIVERS, Tanya, MONDADA, Lorenza & STEENSIG, Jakob (Eds.) (2011). *The Morality of*

Knowledge in Conversation, Cambridge: Cambridge University Press.

DISCURSO E SOCIEDADE

1. Mattos, Ana Paula Braga & Kratschmer, Alexandra

Universidade de Aarhus

quarta-feira 17.08.2022, 15:30 – 16:30

O debate sobre vacinas no Brasil: um estudo linguístico-discursivo

Este trabalho visa a investigar quais são os padrões linguísticos e discursivos que caracterizam grupos pró- e contra vacinação em debates sobre as vacinas. Mais especificamente, visa a analisar entrevistas qualitativas para identificar os recursos linguísticos usados na construção de argumentos contra e a favor a vacinação.

Surtos no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa de doenças já erradicadas pelas vacinas, como sarampo e coqueluche [1], indicam que o crescente ceticismo contra as vacinas representa um grande risco à saúde pública [2]. Estudo realizado pela Avaaz [3] identificou que, em 2019, 13% da população brasileira não se vacinou ou não vacinou uma criança sob sua responsabilidade, o que significa 21 milhões de pessoas. Mais recentemente, com o desenvolvimento da pandemia da COVID-19, o debate pró e antivacina se intensificou, e entender como as narrativas são construídas e como a comunicação de informação/desinformação é feita é fundamental para que haja campanhas mais efetivas e mais direcionadas ao público-alvo.

Os dados analisados neste trabalho são de entrevistas qualitativas e de questionário anterior às entrevistas enviado on-line a pais ou/e responsáveis por crianças em idade de vacinação. Apesar de esse estudo ter sido iniciado antes da pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas nos anos de 2020 e 2021, portanto, incluem perguntas relacionadas à vacina contra a COVID-19.

Análises preliminares indicam que argumentos relacionados à desinformação como ‘vacina da febre amarela causa autismo’, ‘vacina do HPV causa paralisisa e pode matar’ e ‘vacina da COVID-19 não tem validade científica’ bem como estruturas linguísticas referindo-se a estatus sociais, a experiências pessoais ou de terceiros e a (pseudo) ciência são usados e reproduzidos na argumentação de cada grupo do debate. Além disso, narrativas pró e antivacina são construídas alinhadas a discursos políticos também polarizados no Brasil.

O presente estudo é parte de um projeto multilíngue sobre o discurso sobre vacinas nos seguintes países além do Brasil: Armênia, Dinamarca e Itália. O objetivo do projeto é mapear diferenças linguísticas, discursivas e culturais em relação aos temas e narrativas (pró- e antivacina) em diferentes línguas e países.

Referências

[1] Measles Cases and Outbreaks: 2019. <https://www.cdc.gov/measles/cases-outbreaks.html>. Accessed: 2019-09-13.

[2] Dredze, M. et al. 2016. Understanding Vaccine Refusal: Why We Need social media Now. *American Journal of Preventive Medicine*. 50, 4 (Apr. 2016), 550–552. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2015.10.002>.

[3] Relatório baseado em estudo da Avaaz em parceria com a Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm) - https://avaazimages.avaaz.org/AVAAZ_RELATORIO_ANTIVACINA-v2.pdf

2. Fernández, Susana Silvia & Mattos, Ana Paulla Braga

Universidade de Aarhus

quinta-feira 18.08.2022, 15:30 – 17:00

“Un vendaval de esperanza para América Latina” – el concepto de *esperanza/esperança* como palabra clave cultural en América Latina

La frase que abre el título de esta presentación alude a una declaración del ex presidente ecuatoriano Rafael Correa sobre la asunción del nuevo presidente de la Argentina en diciembre de 2019 y representa el uso frecuente del término “esperanza” en el discurso político y social de América Latina.

En nuestra presentación nos proponemos realizar un análisis del uso que los medios realizan de los términos *esperanza* y *esperança*, en español y portugués respectivamente, en el contexto actual de los países latinoamericanos. A partir de la base teórica de la Etnopragmática (Goddard, 2006, 2018), también conocida como teoría de la Metalengua Semántica Natural (NSM por sus siglas en inglés), proponemos que los términos *esperanza/esperança* pueden considerarse palabras claves culturales (Wierzbicka, 1997; Goddard, 2004; Levisen y Waters, 2017) en estas sociedades, donde, a causa de los altibajos políticos y económicos que se suceden en la región, los sentimientos de *esperanza/esperança*, y su contraparte *desesperanza/desesperança*, están a menudo en boca de la gente y, correspondientemente también en medios escritos (prensa, literatura, blogs, etc.).

Para analizar estos términos, realizamos un estudio de corpus y con informantes, lo cual nos llevará a identificar los valores culturales que se esconden detrás de estas palabras. La metodología de la NSM nos permitirá confeccionar paráfrasis reductoras de estos términos complejos utilizando los términos simples y universales de la Metalengua Semántica Natural. Como parte del análisis intentamos desentrañar posibles diferencias en español y portugués, respectivamente, al igual que otras diferencias diatópicas, diastráticas y diafásicas.

Bibliografía

Goddard, C. (2004). “Cultural Scripts”: a New Medium for Ethnopragmatic Instruction. En Achard, M & Niemeier, S. (Ed.), *Cognitive Linguistics, Second Language Acquisition, and Foreign Language Teaching* (pp. 143-163). Berlín/Nueva York: Mouton de Gruyter.

Goddard, C. (2006). Ethnopragmatics: A new paradigm. En Goddard, C. (Ed.), *Ethnopragmatics: Understanding discourse in cultural context* (pp. 1-29). Berlin: Mouton de Gruyter.

Goddard, C. (2018). *Ten Lectures on Natural Semantic Metalanguage: Exploring language, thought and culture using simple, translatable words*. Leiden: Brill.

Levisen, C. & Waters, S. (2017). *Cultural Keywords in Discourse*. Chapter 1 – How words do things with people. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Wierzbicka, A. (1997). *Understanding Cultures through their Key Words*. Oxford: Oxford University Press.

LITTERATURA

1. Semião, Mario

Högskolan Dalarna, Suécia / CEAUL, Portugal

quinta-feira 18.08.2022, 09:00 – 10:30

Do intermedial em Almeida Faria (ou uma leitura de “Os Passeios do Sonhador Solitário”)

Depois da inclusão de quatro desenhos de Mário Botas (1952-1983) para os quatro romances que compõem a sua Tetralogia Lusitana, Almeida Faria (1943-) inverte a dinâmica da relação entre escritor e pintor e imagina uma história a partir do quadro *Mise au Tombeau* para escrever o conto “Os Passeios do Sonhador Solitário” (1982). Assumindo uma função paterna, nos termos definidos por Liliane Louvel, a imagem impulsiona o texto, que explora nos seus meandros a impressão de sonho e fantástico que perpassa pelo quadro. Assente na relação intermedial entre imagem e texto, que nos propomos detalhar, Almeida Faria fornece uma profunda reflexão sobre a errância artística pelo mundo dos mortos e dos infernos.

LISTA DE PARTICIPANTES - LISTE DES PARTICIPANTS -
 LISTA DEI PARTICIPANTI – LISTA DE PARTICIPANTES

Ahnfelt, Vigdis	45
Andersen, Anders & Strudsholm, Erling	130
Aukrust, Kjerstin	91
Barsted, Guri Ellen	92
Bartens, Angela	29
Bengtsson, Anders	76
Bermúdez, Fernando.....	31
Birkelund, Merete.....	66
Bladh, Elisabeth.....	54
Boisen, Jørn	93
Brkan, Altijana & Vold, Eva Thue	60
Buchart, Mélanie	61
Cadona, Margrete Dyvik	15
Cecchini, Leonardo.....	118
Celdran, Marie Hélène.....	113
Daviðsdóttir, Rósa Elín.....	74
Dell’Aquila, Erika	123
Dell’Aquila, Vittorio	120
Doubinsky, Sébastien	93
Drange, Eli-Marie Danbolt & Mellerup, Susana	17
Engwall, Gunnel & Künzli, Alexander	114
Erlendsdóttir, Erla.....	32
Erlendsdóttir, Erla & Jiménez, Nuria Frías	33
Erlingsdóttir, Irma	94
Fernández, Susana	17
Fernández, Susana Silvia & Mattos, Ana Paulla Braga	133
Fernández, Susana Silvia & Mattos, Ana Paulla Braga	8
Fløttum, Kjersti & Gjerstad, Øyvind & Oloko, Francis Badiang.....	66
Forsman, Maria.....	123
Fort, Giovanni	121
Fredholm, Kent	18
García, Ana María Macías.....	19
Gargiulo, Marco.....	119
Gille, Johan.....	34
Gjesdal, Anje Müller	115
González, Adri Mena.....	46
Gustafsson, Jenny	78
Haff, Marianne Hobæk	79
Hagemann, Kristin.....	20
Hakulinen, Soli & Larjavaara, Meri	109
Härmä, Juhani.....	95
Hauksson-Tresch, Nathalie.....	94
Havu, Eva	80
Havu, Jukka	35
Heenen, François	82
Helkkula, Mervi.....	81

Helland, Hans Petter & Stenkløv, Nelly Foucher	57
Hólmfríður Garðarsdóttir.....	47
Husum, Jonathan Mastai.....	36
Ingibjartsdóttir, Ásta.....	55
Izquierdo, José María	48
Izquierdo, José María	52
Jensen, Helle Dam & Vestager, Anja.....	21
Jørgensen, Steen Bille.....	96
Kanareva-Dimitrovska, Ana & Verstraete-Hansen, Lisbeth.....	105
Karakilinc, Hasan	48
Käsper, Marge	62
Kempas, Ilpo.....	37
Kjelsson, Linnea	49
Kleveland, Anne Karine	49
Krag, Kirsten J. & Strudsholm, Erling	83
Kratschmer, Alexandra & Mattos, Ana Paulla Braga	119
Kristinsdóttir-Urfalino, Gudrun	97
Landolsi, Houda.....	63
Lausten, Pia Schwarz.....	125
Leblanc, André	97
Leblay, Christophe.....	116
Leroyer, Patrick	75
Liisberg, Marianne.....	67
Lindqvist, Helene & Bern, Sophie Ugarte.....	22
Lindschouw, Jan	55
Listhaug, Kjersti Faldet	57
Magnusdóttir, Asdis Rosa.....	98
Manga, Christian	71
Martí, Natalia Morollón.....	23
Martín, Diana González.....	9
Martin, Xavier	99
Masengo, Elie Luabeya	103
Mattos, Ana Paulla Braga & Kratschmer, Alexandra,	132
Mellerup, Susana	10
Merja, Nivala.....	84
Míguez, Ana Belén Cao & Diéguez, Ignacio Vázquez.....	38
Morata, Antonio.....	38
Müller, Henrik Høeg.....	39
Muñiz, Iris	52
Nosell, Dan	7
Nurmi, Linda	85
Nyström, Frederika	23
Olivera, Juanita.....	50
Oloko, Francis Badiang	68
Olsson, Fredrik	11
Orban, Franck	111
Orton, Marie	125
Pauletto, Franco	130
Pérez, Miguel Digón.....	11
Persiani, Giuseppe	128

Pettersen, Espen Klævik & Wulle, Ida Marie	59
Rodríguez, Aymé Pino	25
Roitman, Malin	65
Romeborn, Andreas	107
Ruiz, Mette	99
Ruotsalainen, Henrik	87
Salberg, Trond Kruke	88
Salkjelsvik, Kari Soriano	51
Sejten, Anne Elisabeth	100
Seljemoen, Kristine	12
Semião, Mario	134
Shinkarenko, Alexander A.	13
Sjøblom, Margareta Kastberg.....	73
Söhrman, Ingmar & Nilsson, Kåre	41
Stenkløv, Nelly Foucher & Vauclin, Sophie	60
Stridfeld, Monika	58
Suomel-Härmä, Elina	112
Svensson, Maria.....	89
Tabaku, Entela	129
Thegel, Miriam	42
Touati, Elie Paul	43
Treikelder, Anu & Amon, Marri & Käsper, Marge.....	90
Uvsløkk, Geir.....	101
Vázquez-Larruscain, Miguel	44
Vik, Alissa	14
Westerlund, Frederik	102
Wiklund, Mari & Anne Riippa	103
Østby, Kathrine Asla	104
Österberg, Rakel & Donoso, Alejandra & Sologuren, Enrique	27
Åkerstrøm, Ulla	129